

Implacável

— Jon Blackhawk & Joceline Perry —

Série Homens do Texas 45

Diana Palmer



Conseguirá ela convencer um homem a abaixar suas defesas quando ele está decidido a proteger o seu coração?

Alto, moreno e desejável?

Isso é tudo o que importa para as mulheres de Jacobsville quando se trata do bonito e reservado agente do FBI Jon Blackhawk. Mas se fosse por ele, nunca iria sossegar. Por sorte, Jon tem a melhor guardiã: sua eficiente e confiável assistente, Joceline Perry. Sem a ajuda dela, ficaria à mercê das caçadoras de marido — mas quanto mais ele passa a contar com ela, mais percebe quão valiosa ela realmente é...

Apesar de Joceline não poder negar que seu chefe é atraente, como mãe solteira com responsabilidades ela está determinada a ser profissional. Mas quando Jon é abordado por um criminoso procurando vingança, ela vem em seu socorro — abastecendo a chama que está crescendo entre eles.

A medida que os atentados contra a vida de Jon aumentam, Joceline permanece ao seu lado. Mas quando a fumaça se dissipar, será que o homem que evitava o amor perceberá que tudo o que ele precisava estava ali o tempo todo?



Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Envio do arquivo: Suelen Matos

Revisão inicial e formatação: Lucilene

Revisão Final: Lisa de Weerd

Logo Homens do Texas: Thaís Gisele

Série Homens do Texas

- 1-Calhoun - [O Gosto do Pecado](#) - Irmãos Ballenger 1 - Calhoun Ballenger e Abby Clark
- 2- Justin - [Aprendendo a Amar](#) - Irmãos Ballenger 2 - Justin Ballenger e Shelby Jacobs
- 3- Tyler - [Lições do Coração](#) - Tyler Jacobs e Nell Regan
- 4- Sutton's Way - [Caminhos do Coração](#) - Quinn Sutton e Amanda Callaway
- 5- Ethan - [Rendição ao Desejo](#) - Ethan Hardeman e Arabella Craig
- 6- Connal - [Casamento Acidental](#) - Irmãos Tremayne 1 - Connal Cade "C.C." Tremayne e Penélope "Pepi" Marie Mathews
- 7- Harden - [Desafio de uma vida](#) - Irmãos Tremayne 2 - Harden Tremayne e Miranda Warren
- 8- Evan - [Caminhos da sedução](#) - Irmãos Tremayne 3 - Evan Tremayne e Anna Cochran
- 9- Donavan - Adorável Texano - J.D. "Donavan" Langley e Fay York
- 10- Emmet - [Acreditar Outra Vez](#) - Emmett Deverell e Melody Cartman
- 11- Regan's Pride - [Adeus ao Amor](#) - Ted Regan e Coreen Tarleton
- 12- That Burke Man - [Anjo do Oeste](#) - Todd Burke e Jane Parker
- 13- Redbird - [Estação do Amor](#) - Hank Shoeman e Poppy O'Brien
- 14- Coltrain's Proposal - [Primavera do Amor](#) - Jebediah "Jeb Copper" Coltrain e Louise Blakely
- 15- Paper Husband - [Marido No Papel](#) - Hayden "Hank" Grant e Dana Mobry
- 16- A Long Tall Texan Summer - Longo Verão Texano, contendo 3 histórias: trocar
 - 16.1-[Tom](#)- Tom Walker e Elysia Craig
 - 16.2-[Drew](#)- Drew Morris e Kitty Carson
 - 16.3-[Jobe](#)- Jobe Dodd e Sandy Regan
- 17-Christmas Cowboy - [Coração Desafiado ou "O natal do Cowboy"](#) - Irmãos Hart 1 - Corrigan Hart e Dorie Wayne
- 18-The Princess Bride - [A Mulher da Sua Vida ou "Tudo Por Um Beijo"](#) - King Marshall e Tiffany Blair trocar
- 19-Beloved - [Sempre te amei](#) - Irmãos Hart 2 - Simon Hart e Christina Beck
- 20-Callaghan's Bride - [Estações Do Amor](#) - Irmãos Hart 3 - Callaghan Hart e Tess Brady
- 21-Love with a Long, Tall Texan, contendo 3 histórias:
 - 21.1-[Luke](#)- Luke Craig e Belinda Jessup
 - 21.2-[Christopher](#)- Christopher Deverell e Delia Larson
 - 21.3-[Guy](#)- Guy Fenton e Candace "Candy" Marshall
- 22-Matt Caldwell: Texas Tycoon - [Entregando o Coração](#) - Matt Caldwell e Leslie Murry
- 23-The Wedding in White - [Casamento de Branco](#) - Mack Killain e Natalie Brock
- 24-A Man of Means - [Feitiço do amor](#) - Irmãos Hart 4 - Reynard "Rey" Hart e Meredith Johns
- 25-Lionhearted - [Nas mãos do destino](#) - Irmãos Hart 5 - Leo Hart e Janie Brewster
- 26-Man in Control - [O Senhor Da Paixão ou "Sem Saída"](#) - Alexander "Alex" Tyrell Cobb e Jodie Clayburn
- 27-The Founding Father - A Hero's Kiss - [O Fundador](#) - John Jacobs e Camilla Ellen
- 28-Lawless - [Fora da Lei](#) - Judd Dunn e Christabel Gaines
- 29-Renegade - [Renegado](#) - Irmãos Grier 1 - Cash Grier e Tippy Moore
- 30-Carrera's Bride - [Doce Desejo](#) - Marcus Carrera e Delia Mason
- 31-Cattleman's pride - [Feridas De Amor](#) - Jordan Powell e Libby Collins
- 32-Boss Man - [Tentação do desejo ou "O Chefe"](#) - Blake Kemp e Violet Hardy
- 33-Outsider - [Segredos](#) ou "Outsider—O Estranho" ou ainda "Forasteiro" - Série Hutton 6 - Colby Lane e Sarina Carrington
- 34-Heartbreaker - [Avassalador ou "O Destruidor De Corações"](#) - J.B. Hammock e Tellie Maddox
- 35-Lawman-[Homem da Lei ou "Inesperada Atração"](#) - Irmãos Grier 2 - Garon Grier e Grace Carver
- 36-Winter Roses - [Rosas de Inverno](#) - Stuart York e Ivy Conley
- 37-Iron Cowboy - [Coração de Aço](#) - Jared Cameron e Sara Dobbs
- 38-Fearless - [Destemido](#) - Rodrigo Ramirez e Gloryanne Barnes
- 39-Heart Of Stone - [Coração de Pedra](#) - Boone Sinclair e Keely Welsh
- 40-The Silent Night Man - [Homem da Noite Silenciosa](#) - Tony Danzetta e Millicent "Millie" Evans
- 41- Heartless - [Impiedoso](#) - Jason Pendleton e Gracie Marsh

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

42-The Maverick -[O Rebelde](#)- Harley Fowler e Alice Mayfield Jones

43-Tough To Tame -[Indomável](#)- Bentley Rydel e Cappie Drake

44-Dangerous -[Perigoso](#)- Oficial Kilraven e Winnie Sinclair

CAPÍTULO 1

A atraente loira que estava sentada na cadeira ao lado da escrivaninha de Jon Blackhawk, no escritório do FBI, em San Antonio, era tão irritante quanto a maior parte das possíveis futuras noivas em potencial que sua mãe lançou em sua cabeça. Ele estava impaciente e metade do humor já se fora, com um testemunho em um caso judicial próximo à sua espera. Esta fascinação da mulher com a tendência mais recente em penteados o estava levando a pensar sobre bares. E ele nunca tomou uma bebida.

—Veja, o meu foi feito pelo Sr. James em Sherigan. — ela continuou, indicando seu corte de cabelo, que parecia francamente como se alguém tivesse colocado a cabeça dela no liquidificador. Ele mordeu a língua tentando não fazer o comentário em voz alta. —Ele pode fazer maravilhas por você. O cabelo longo é tão retrô!

Houve um golpe superficial na porta e sua assistente administrativa, Joceline Perry, mostrou sua cabeça na porta.

— Com licença, Sr. Blackhawk, mas você é esperado no tribunal em dez minutos.

Ele movimentou a cabeça, forçando a si mesmo para não dançar sobre a escrivaninha com alegria. Seria totalmente fora do normal, mas os últimos trinta minutos de informações sobre moda o deixaram se sentindo desmiolado.

Ele ficou em pé.

—Foi bom ver você, Charlene. Por favor, dê meu amor a minha mãe quando você a vir.

—Eu a verei hoje à noite, já que vamos ao teatro juntas. É uma produção daquela comédia romântica que Shakespeare escreveu, em um cenário moderno. — ela se entusiasmou. —Sua mãe tem três ingressos para ele. — adicionou ela com um sorriso esperançoso.

Ele limpou a garganta e tentou desesperadamente pensar em uma desculpa.

Joceline, com seus olhos azuis cintilando, interviu:

—Existe aquela reunião com seu informante hoje à noite, às sete. — ela mentiu.

—Oh. Oh, sim, obrigado.— ele disse, tentando não soar tão aliviado quanto se sentiu. —Outro dia, talvez. — ele disse a Charlene.

Ela encolheu os ombros.

—Eu suponho que seu trabalho exige que você faça coisas em horários estranhos. — ela disse. — Você poderia pensar sobre outra profissão. — disse com um olhar pensativo. —Eu quero dizer, se você se casar, você não terá tempo para estas coisas relacionadas com seu trabalho durante a noite.

Seus olhos pretos reluziram.

—Eu não tenho nenhum plano para casar.

Ela deu a ele um olhar estranho.

—Sua mãe disse que você estava pronto para começar uma família.— ela disse brandamente.

Ele a olhou de modo sombrio.

—Minha mãe tem seus próprios planos. Eles não são meus. — ele acrescentou firmemente.

Charlene deu-lhe um sorriso encantador e tocou a manga de seu paletó cinza com uma mão bem cuidada.

—Bem, a maioria dos homens não quer se casar e ter uma família, até que percebem o quanto é bom.

Ele não cedeu uma polegada.

Charlene suspirou.

—Roma não foi construída em um dia.— ela aventurou.

—Foi, no entanto, saqueada por Charles V e seu exército em um dos ataques mais violentos da história militar. — Joceline disse com um suspiro. —O papa foi forçado a fugir para salvar sua vida. — Seus olhos azuis passaram a sonhadores em sua moldura de curtos cabelos preto liso que só cobria as orelhas pequenas. —Charles V foi o sogro de Mary Tudor, que era a irmã de Elizabeth, a Primeira. Mary tinha trinta e poucos e Filipe II estava em torno dos vinte quando se casaram. Foi um jogo muito estranho. Mas a realeza no século XVI era um pouco diferente de atitude. —Ela sorriu. Você estuda história? — Ela perguntou a Charlene.

—Ugh — Charlene disse, e dramaticamente estremeceu. —Que assunto doente e horrível. Pessoas antigas mortas.

Joceline arqueou as sobrancelhas.

—O passado determina o futuro. — ela disse. —Por exemplo, você sabia que no século XVII, na América, mulheres eram acusadas de bruxaria e enforcadas por qualquer tipo de mau comportamento?— Ela inclinou sua cabeça. —Essa blusa que você está vestindo teria jogado você em um rio em Massachusetts num instante. Você vê, existia uma crença comum que só bruxas flutuavam quando seus corpos eram lançados na água. — ela acrescentou amavelmente, e sorriu novamente.

Charlene deu-lhe um olhar inexpressivo.

—Esta é a última moda. — ela assinalou. Ela olhou para a arrumada saia preta de Joceline, para os pequenos sapatos de salto negro e a blusa azul de botão. —Você poderia ter sido presa por ter um senso de moda tão terrível. — ela respondeu com desprezo.

—Não, não, eles não prendiam as pessoas por isso. — Joceline suavemente respondeu. —Eles as colocavam isoladas, mas não por estarem vestidas de modo conservador. — Ela inclinou sua cabeça novamente. —Porém, as mulheres que enganavam seus maridos eram marcadas a ferro com uma grande letra “A”.

Charlene limpou a garganta e a olhou de forma penetrante.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Estou separada do meu marido e nós estamos em um processo de divórcio.

—Realmente?— Joceline perguntou, atentamente. —Bem, não é sorte este ser o século vinte e um?
— Ela perguntou.

—Eu não o enganei!— Charlene explodiu.

Os olhos azuis de Joceline eram inocentes.

—Eu nunca insinuei tal coisa!

O rosto de Charlene se ruborizou. Ao lado de seus quadris esbeltos, contra o tecido caro de sua calça comprida, suas mãos bem cuidadas estavam cerradas.

—O cavalheiro em questão e eu estávamos apenas jantando juntos após o teatro! Era tudo mentira!

—Eu estou certo que era. — Joceline disse com um sorriso suave.

Jon estava apreciando a réplica, mas ele rapidamente se recompôs.

—Sra. Perry, você não está trabalhando em um caso?— Ele deliberadamente perguntou.

Ela piscou.

—Um caso, senhor?— Ela perguntou.

—Entrevistas para acompanhar o meu caso de sequestro no tribunal?

—O caso do tribunal. Certo.— Mas ela não partiu.

Charlene estava mais irritada do que nunca. Ela agarrou sua bolsa.

—Eu vejo que é um horário inconveniente para nós conversarmos. — ela disse a Jon. Ela foi para perto dele, envolvendo-o em perfume caro que o fez tossir. — Conversarei com você novamente mais tarde, em um ambiente mais...pessoal, certo?

Ele limpou a garganta e desejou por bondade que ela apenas partisse.

—KK — ele disse, usando abreviação de um jogo de vídeo game para Ok.

Ela o olhou.

—Essas abreviações são tolas. Você também joga aqueles jogos de vídeo estúpido, como seu irmão, não é?— Ela exigiu. —Bem, isto é outra coisa que você terá que trabalhar. Nenhuma mulher vai tolerar um homem que joga em todo minuto livre!

—A menos que ela seja uma jogadora, também.— Joceline disse, sorrindo docemente. —Tantas de nós mulheres são, hoje em dia.

Jon ficou boquiaberto com ela.

Charlene a olhou.

—Eu não estou surpresa. — ela disse secamente.

Joceline se manteve sorridente. Ela olhou fixamente para o corte de cabelo da outra mulher.

—Meu Deus, sua cabeça foi pega por um liquidificador ou algo assim?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Jon tossiu com entusiasmo, tentando esconder riso.

—Saiba que paguei uma centena de dólares por este estilo de corte!— Charlene explodiu.

Joceline estendeu uma mão.

—Por favor, baixe sua voz, madame — ela persuadiu. —Isto é um escritório federal. Nenhuma explosão verbal é permitida.

Charlene olhou de um para outro com exasperação.

—Eu nunca virei aqui novamente! Eu o verei na casa de Cammy, quando você tiver tempo para conversação civilizada. — ela disse altivez.

Jon não respondeu. Joceline intencionalmente segurou a porta aberta e sorriu inexpressivamente.

—Tenha um bom dia.— ela disse para a mulher de partida.

Charlene estava murmurando para si mesma quando chegou ao escritório exterior.

Jon soltou o riso que estava escondendo.

—Isso foi rude.— ele disse a Joceline.

Ela deu a ele um olhar vazio.

—Foi, realmente?— Ela olhou em direção à porta. —Eu devo chamá-la de volta e pedir desculpas?— Ela perguntou com ingenuidade.

— Se fizer isso, estará realmente demitida.— ele ameaçou.

Ela encolheu os ombros.

— Os trabalhos não são difíceis de conseguir para uma mulher que sabe como digitar e dar conselhos gratuitos de jogos de vídeo game. — ela disse e sorriu.

Ele acenou uma mão.

—Vá trabalhar naquelas anotações. Eu tenho um encontro com um informante hoje à noite?— Ele adicionou com uma carranca.

—Eu podia organizar um, se você quiser.

Ele soltou uma risada áspera e virou-se para se sentar na escrivaninha.

—Cammy está me deixando louco com estas noivas em potencial. — ele murmurou —Eu não quero me casar!— adicionou firmemente e olhou para Joceline, na entrada.

Ela estendeu ambas as mãos.

—Não olhe para mim! Eu não quero me casar, também. Então, se você estivesse pensando em me perguntar— ela adicionou ultrajantemente, e com um olhar altivo —não se incomode. Meu filho seria devastado se nós tivéssemos que tentar ajustar uma terceira pessoa em nossas batalhas do Super Mario— ela adicionou, nomeando um dos jogos mais populares.

—Não se preocupe, eu gosto de jogos com temas militares.

—Você joga MMORPG* com seu irmão. — ela disse, referindo-se ao agente federal McKuen Kilraven.

— Jogos Online para Múltiplos Jogadores — ele traduziu e sorriu. —Eu nunca teria suspeitado que você seria um armário de jogos.

Ela suspirou.

—Eu também. — ela respondeu. —Mas Markie ama.—

Seu filho. Ela nunca se casou, mas ela havia saído com um soldado que fora enviado para o Oriente Médio e nunca voltou. Surpreendeu Jon que ela tivesse tido um filho fora do casamento, quando era uma pessoa conservadora, religiosa. Ela nunca falou do pai da criança, e raramente da criança. Ela mantinha sua vida pessoal tão privada quanto ele a sua.

Joceline estava ciente de sua curiosidade sobre ela. Ele era atraente, pensou, olhando-o inconscientemente por um longo tempo, o cabelo tão longo e espesso em um rabo-de-cavalo descendo por suas costas e tão alto, compleição física magra e elegante. As mulheres o achavam atraente, mas ele era reservado. A fofoca era que ele nunca teve uma mulher em sua vida. Ambos, ele e seu irmão, eram super conservadores em quase tudo, e nenhum deles era conhecido por viverem licenciosamente.

Joceline colocou esses pensamentos fora de sua mente. Ela sabia coisas sobre ele que outros não sabiam. Nos cinco anos que estava no escritório, vendo-o trabalhar na Divisão de Crimes Violentos do departamento regional, muitas vezes ela prendeu a respiração quando ele passou a trabalhar em casos de sequestro, que eram sua especialidade. Ele tinha um interesse especial em tráfico de seres humanos, particularmente de crianças. Jon era um buldogue quando estava trabalhando em um caso. Era uma de muitas coisas que Joceline admirava nele.

Joceline perguntou-se o que Jon pensava sobre sua moralidade, sabendo que ela teve um filho sem um marido. Markie foi uma surpresa; um choque, realmente. Ele era a única coisa bonita em seu mundo, mas a notícia de sua existência não foi boa na época. Ela disse a todo mundo que o pai de seu filho foi um bom amigo, que estava em casa de licença do serviço militar, e brigado com uma namorada de longa data que o dispensou. Joceline teve pena dele. Eles saíram frequentemente juntos de um modo platônico, mas naquela noite, os dois beberam demais. Isso era sua história. Mas não era bem a verdade.

Joceline ficara confusa e incerta sobre levar a gravidez adiante. Existiam tantas razões para que ela a interrompesse. Mas seu amor pelo pai da criança, que nunca saberia sobre ela, tornou impossível ir para uma clínica. Como um segredo perigoso, explosivo, ela manteve...

—Eu disse— Jon impacientemente repetiu —, você tem os arquivos do caso baixados em meu notebook para a audiência do tribunal?

Ela piscou.

—Desculpe. Que audiência do tribunal?

Ele piscou.

—A que você disse que eu ia chegar atrasado, o caso de rapto da criança de Rodriguez. Eu pensei que era na próxima semana.

—É na próxima semana. — ela disse a ele, com os lábios franzidos.

* Massively Multiplayer Online Game

Ele balançou a cabeça.

—Ainda bem— respondeu ele. —Mais cinco minutos de discussão sobre novos penteados e eu acho que teria ido até a janela e pulado.

Ela deu a ele um olhar suave.

—Nós estamos no andar térreo— ela o lembrou.

—Quis dizer, eu teria saltado fora e bateria no chão correndo.— ele emendou.

—Isso não foi o que o Detetive Rick Marquez fez, quando um ladrão roubou seu laptop?— Ela recordou, rindo. —E ele conseguiu uma intimação por exposição indecente pois não colocou algumas roupas quando seguiu o homem?— Ela agitou sua cabeça. —Entendi que o departamento de polícia ainda pega no seu pé dele por isso.

Ele riu, também.

—Marquez é um enigma. Ele chegará a tenente um dia, grave minhas palavras.

—Eu acredito nisto.

O telefone tocou. Ela sorriu, saiu e fechou a porta.

Na manhã seguinte, Joceline chegou quase meia hora atrasada para trabalhar. Quando ela entrou, existiam círculos escuros sob seus olhos e linhas de tensão em seu rosto jovem. Ela só tinha vinte e seis, mas parecia muito mais velha. Ela colocou sua bolsa em sua gaveta e olhou para cima quando Jon apareceu, impaciente, em sua porta.

—Desculpe, senhor. — ela disse em um tom cansado. —Eu dormi demais.

Seus olhos pretos se estreitaram.

—Eu não disse nada, mas isto está acontecendo com bastante frequência ultimamente.

Ela corou.

—Eu percebo isto. Eu sinto muito.

Ela era conscienciosa. Não fazia tarefas domésticas, como trazer café, mas era a mais competente assistente que ele já conheceu. Ela fazia seu trabalho, nunca cometia erros e fazia qualquer trabalho exigido, até mesmo ficar até tarde sem receber horas extras se ele solicitasse. Não era como se ela tivesse ido a alguma festa, então se ela dormiu demais, deveria ser por outra razão.

Ele caminhou até ficar em frente à sua escrivaninha.

—O que está errado, Joceline?— Ele perguntou em um tom tão suave que lágrimas escorreram de seus olhos.

Ela mordeu seu lábio para contê-las.

—Problemas pessoais, senhor. —disse com voz rouca. Ela levantou uma mão quando ele começou a falar. —Eu não posso...discuti-los. Sinto muito. Tentarei chegar na hora certa de agora em diante.

Ele se perguntou se seu problema era um novo homem em sua vida. Não gostou do pensamento. Então ficou surpreso do que estava pensando. Joceline era sua assistente. Sua vida particular não era da sua conta. Só que eles estavam juntos há vários anos e ele estava preocupado com ela.

—Se você precisar de ajuda...— ele começou.

Ela sorriu rigidamente.

—Obrigada, senhor, mas me arranjo muito bem.

—O que eu tenho na agenda para hoje?— Ele perguntou, e abriu caminho para os negócios.

Jon estava preparando-se para sair para o almoço com seu irmão, McKuen Kilraven, quando Joceline veio até a porta. Ela não estava sorrindo.

—O que foi?— Ele perguntou.

Ela hesitou.

—Eles libertaram Harold Monroe esta manhã.

Ele rolou seus olhos.

—Minha apólice de seguro de vida está em dia?— Ele falou lentamente.

Ela agitou sua cabeça.

— Não é engraçado. Quero dizer, Monroe consegue defender-se de tudo o que faz, mas ele atacou um policial com uma faca Bowie quando você mandou prendê-lo.

Era irônico que outro homem que fez ameaças terríveis para Jon no começo do ano morreu de um ataque cardíaco na prisão, na véspera que devia ser libertado. Joceline pensou que seu chefe estava seguro, e deu um suspiro de alívio. Mas não durou muito. Alguns dias mais tarde, Monroe foi preso acusado de tráfico humano, e jurou vingança contra as pessoas que o levaram à prisão, inclusive Jon.

—Monroe avançou no policial com uma faca Bowie, tropeçou no tapete, caiu de cabeça no chão e apunhalou a própria perna— ele lembrou com os olhos negros brilhando —Então ele tentou fazer com que o policial fosse processado por agressão.

—Eu entendo que algumas pessoas do nosso sistema jurídico ainda estão rindo disso— ela concordou. —Mas até pessoas que se atrapalham às vezes conseguem cumprir as ameaças.

Ele acenou uma mão com desdém.

—Se ele me matar, você pode ficar em cima do meu túmulo e dizer que me disse isso. Eu tenho certeza que vou ouvi-la de onde eu estiver.

Ela não gostava desse pensamento. Desviou os olhos.

—De qualquer maneira, a promotoria acha que você deve estar ciente do estado de liberdade condicional de Monroe.

—Estou muito grato. Você pode repassar isso a Mary Crawford em seu tempo livre.

Ela sorriu. Mary era uma das assistentes D.A.'s mais capaz e provavelmente ganharia um grande escritório um dia.

Jon estava lendo sua expressão.

—Ainda que ela chegue a ser D.A., você não vai trabalhar para ela. — ele disse firmemente. —Sou muito velho para começar a treinar novos empregados. Os que nós temos de meio período está torcendo meus nervos.

—Phyllis Hicks é uma garota legal. — Joceline protestou. —Só porque ela desarrumou um depoimento...

—Bagunçou tudo!— Ele exclamou. —A mulher não pode nem soletrar!

—O corretor ortográfico estava com defeito. — disse ela, defensiva.

—Joceline, ela está na faculdade em meio período. Eles deveriam ensinar gramática básica na escola antes de chegar a faculdade, não é?— Ele ergueu as mãos. —Toda vez que estou online, vejo as pessoas usando a contração "it is" para a forma possessiva, usando 'dela' para 'sua', usando pronomes pessoais para objetos inanimados ...!

Ela levantou uma mão.

—Senhor, nós não podemos ser todos alfabetizados de forma brilhante. E existe a função corretor ortográfico em todos os computadores modernos.

Ele a olhou.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—A civilização falhará. Marque minhas palavras. Se as pessoas não podem soletrar, é apenas um salto curto para não ser capaz de ler as instruções em tudo. A devastação será o resultado.

Era a sua implicância. Ela apenas balançou a cabeça.

—A devastação não pode resultar por não ler as instruções.

—Espere até que algum idiota acenda um fósforo ao lado de um tanque de oxigênio e me diga isso de novo.

Os olhos dela brilharam.

—Havia um cara na TV, na série Miami Vice, eu o tenho em DVD, que entrou em uma operação ilegal de processamento de drogas com um cigarro aceso e explodiu o prédio inteiro ...!

—Não me diga. Você ainda assiste A-Team, também. —Ele revirou os olhos.

—Eles tinham que derrubar BA, o personagem de Mr. T, cada vez que eles voavam para algum lugar porque ele tinha pavor de aviões. — ela riu.

—Há todos os tipos de programas na televisão. — ele começou.

—Sim. Como é maravilhoso para as pessoas que podem pagar por TV a cabo ou recepção por satélite. —Ela suspirou sonhadora. —É maravilhoso ter um leitor de DVD, mesmo que ele seja velho.

Ele ficou chocado. Ele nunca perguntou sobre suas finanças. Mas agora ele olhou mais atentamente para ela. Sua roupa parecia útil, mas muito antiga. Não que ele se importasse muito com moda feminina, mas o que ela estava usando parecia vários anos fora de moda. Seus sapatos estavam bem polidos, mas gastos e arranhados.

Ela corou quando percebeu seu exame minucioso.

—Não há nada errado com roupa conservadora — ela murmurou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Deus me livre que tenha que colocá-la em isolamento. — comentou ele.

—Nós não vivemos em Massachusetts e não estamos aproximadamente no século XVII— ressaltou.

—Entendi o ponto. — Suspirou. — É meu irmão que vem me pegar para o almoço?

Ela colocou um dedo na testa e fechou os olhos.

—Eu vejo um SUV preto entrando no estacionamento enquanto falamos. — Ela abriu um olho e olhou para fora da janela.

Ele ergueu as mãos e saiu pela porta.

Joceline sorriu para si mesma. Ela gostava de enrolá-lo. Fazia isso muitas vezes. Ele era muito sombrio. Precisava relaxar um pouco e parar de levar a vida muito a sério.

Então ela pensou em sua própria situação e suspirou. Era tão bom que tivesse um senso de humor, ou já estaria morta. Sua vida não era um mar de rosas. No entanto, era tão boa para sorrir como para chorar. Não mudaria nada.

—Está de mal humor novamente. — ponderou Kilraven, olhando para o irmão que se parecia muito com ele. Bem, eles tinham a mesma cor de cabelo, mas Kilraven mantinha o dele curto, os olhos de Jon eram muito escuros, quando os de Kilraven eram cinza claro e brilhantes. Eles eram meios-irmãos, mas isso não os impediu de serem próximos.

—Cammy está me dando nos nervos— disse Jon laconicamente. — Ontem pela manhã veio mais uma tonta debutante. Eu fiquei meia hora ouvindo sobre moda e penteados.

Kilraven o olhou quando entrou no tráfego.

—Você poderia usar um pouco de senso de moda. Sem ofensa. —Ele riu.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Eu me visto muito bem, obrigado— disse Jon, referindo-se ao seu terno de seda cinza de três peças.

—Você é elegante, tudo bem. — disse Kilraven, vestido com calça cáqui e camisa polo branca. —Mas o seu cabelo está fora de moda.

—Sou Lakota— ele apontou. —Nada de errado com o cabelo comprido.

—Você é Cherokee, também. — veio a resposta divertida.

Jon suspirou.

—Eu gosto de minhas raízes e minha cultura.

Kilraven sorriu.

—Eu também.

Jon olhou para ele.

—Você não mostra isso.

Ele encolheu os ombros.

—Eu não sou definido por minha ascendência.

Jon olhou-o.

—Nem eu. Mas eu prefiro o lado nativo americano dela.

—Eu não estava fazendo acusações. — o homem mais velho disse alegremente. — Você está apenas fora de forma, porque Cammy quer que você se case para ontem e a presenteie com uma dúzia de netos.

—Você e Winnie não estão trabalhando nisso? — Jon perguntou secamente, referindo-se a nova esposa de Kilraven, Winnie Sinclair, de Jacobsville.

Kilraven riu.

—Sim, nós estamos. Eu não posso esperar.

—Estou feliz por você poder finalmente deixar o passado para trás. — disse Jon com carinho. A esposa e filho de Kilraven foram brutalmente assassinados sete anos antes. Ele nunca sonhou que seu irmão mais velho fosse se casar novamente. Estava feliz que Kilraven tivesse encontrado uma companheira tão amável.

—Você nunca vai se casar?

Jon fez uma careta.

—Não com qualquer uma das candidatas idiotas de Cammy.

Ele riu.

—Esta não foi de um serviço de acompanhantes ...?

—Eu não sei. — Ele franziu os lábios. —Eu preciso que Joceline faça uma verificação de antecedentes sobre ela, só para ver.

—Ilegal, a menos que ela esteja se candidatando a um emprego no FBI.

Jon levantou uma sobrancelha.

—Você não é um defensor de regras, você é famoso por quebrá-las?

—Hey, todos nós amadurecemos. Alguns de nós apenas fazemos mais tarde que outros.

—Verdade.

—Você comprou o novo jogo Halo?

Jon sorriu.

—Eu o comprei muito tempo atrás, mas ainda está na estante de casa.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Você e o World of Warcraft¹.— Kilraven suspirou, balançando a cabeça. —Meu jovem cunhado, Matt, é louco por ele. Quando ele não está na escola, ele está online, unindo-se com outras pessoas para matar monstros. Sua último amigo é uma avó de 64 anos de idade, com três netos. Eles fazem massorras juntos.

Jon assobiou.

—Será que ela sabe a sua idade?

—Oh, sim. E ele também joga com um grupo de uma casa de repouso. Todos eles têm conexões com Internet, e a maioria deles joga WoW*. É o seu único entretenimento agora, já que eles são deficientes físicos e não podem conviver com o mundo em geral. —Ele sorriu. —Você sabe, isso não é uma coisa ruim. Ele mantém sua coordenação motora em dia, e lhes dá uma janela para olhar o mundo inteiro.

—Eu sei. Eu jogo também. Qual é a identidade de Matt no jogo WoW?

—Um de seus personagens é um Death Knight octogésimo-nível chamado Kisosofdeaths. — disse Kilraven.

Os olhos de Jon se arregalaram.

—Esse é Matt? Venho fazendo massorras aleatórias com ele! Ele os destrói e eu os restauro com meu druida.

—Eu vou ter que lhe dizer. Ele vai rolar no chão de tanto rir.

—Não se atreva — avisou Jon. —Agora que eu sei quem ele é, eu vou pegá-lo com sucesso.

Kilraven manobrou para dentro do estacionamento de um restaurante mexicano local e desligou o motor. Ele olhou para Jon.

—Eles soltaram Harold Monroe.— disse ele calmamente.

—Não comece. Joceline já me disse isso. Ela está preocupada também. Ouça — disse ele com débil exasperação. — o cara é um idiota total. Ele não pode nem andar e mascar chiclete ao mesmo tempo!

—Ele teve seu dedo em toda ação ilegal em San Antonio por anos. Ele é acusado de pequenos furtos, executar uma operação de jogos de azar, para não mencionar as casas de prostituição, e agora esta última, acusado de prostituir garotas imigrantes. Ele se livrou das outras acusações, mas você e Joceline rastrearam testemunhas para processá-lo pelo sequestro a filha adolescente de imigrantes ilegais para um bordel local. —o homem mais velho disse severamente. —Ele jurou que o faria deixar o caso, mesmo que ele nunca escapasse. Ele esteve na prisão durante três meses esperando julgamento e já passou mais tempo em confinamento solitário do que qualquer outro prisioneiro que eles têm.

—O que só prova que ele é pego a cada vez.

—Isso não vai fazê-lo muito bom se ele for pego depois de apagar você. —Kilraven lembrou.

— Sou um astuto de rua. — disse Jon.—Eu tenho um radar interno quando se trata de possíveis emboscadas. Você deve se lembrar que eu nunca tive uma multa.

—Na velocidade da viagem, eu ainda estou impressionado.

Jon sorriu.

—Eu sempre sei onde eles estão escondidos para apanhar as pessoas.

O que era verdade. Deixou Kilraven perplexo a primeira vez que Jon disse-lhe para desacelerar, porque havia um carro do Departamento de Segurança Pública debaixo de uma ponte sobre a colina

¹ Jogo on line.

* wow = world of worcraft

próxima. Kilraven tinha apenas rido, mas ele diminuiu a velocidade. Como era de se esperar, quando superou o morro, lá estava o carro, apoiado sob uma ponte fora da vista.

—Algumas habilidades, e você era um policial — Kilraven acusou.

Jon deu de ombros.

—Não faria bem um agente do FBI sênior ser capturado por excesso de velocidade em sua própria jurisdição— disse ele.

—Você não deveria andar em alta velocidade, em primeiro lugar— Kilraven lembrou.

—Todo mundo é pego em alta velocidade, menos eu.

—Chegará o dia — seu irmão previu.

—Quando isso acontece, eu vou pagar a multa — Jon respondeu. —Será que vamos comer ou conversar?

Kilraven destravou o cinto de segurança e abriu a porta.

—Ok, esconda a cabeça na areia sobre Monroe. Mas por favor, mantenha as portas trancadas durante a noite e esteja ciente de seus arredores, quando você estiver trabalhando até tarde.

—Você é pior do que Cammy.

—Eu não sou — disse Kilraven ofensivamente. —Eu não enviei uma única mulher solteira para o seu escritório para fins nefastos.

—Eu acho que você não enviou.

Eles caminharam em direção ao restaurante.

—Eu suponho que você não percebeu ainda o que está bem debaixo do seu nariz.

—O que você quer dizer?

—Joceline — respondeu Kilraven facilmente. —Ela é uma mulher bem jovem. Precisa de uma ajuda com seu senso de moda, mas ela é inteligente e tem raciocínio rápido.

—Você gosta dela porque ela sabe a história escocesa do século XVI — Jon o acusou, porque o assunto era a paixão de seu irmão.

—Ela sabe sobre história europeia, também. E a história do século XVII americano.

—Sim, ela estava declamando para a candidata de Cammy ontem. Ela envolveu nossa atenção. A mulher estava falando sobre moda e Joceline a cortou na altura dos tornozelos, com referências históricas sobre códigos de vestimenta.

—Disse que ela era inteligente.

—Ela é inteligente. — Ele olhou para Kilraven. —Mas eu não quero casar. Não por anos ainda. Eu tenho apenas trinta!

—Quase 31, irmãozinho. —disse Kilraven carinhosamente. —E você realmente não sabe o que está perdendo.

—Se eu não sei, não posso perdê-la. Agora vamos comer alguma coisa. — disse ele rapidamente, cortando o outro homem para sair.

Kilraven riu enquanto o seguia para o restaurante. Jon tinha saído com Joceline para um encontro uma vez, alguns anos atrás. Foi um resultado estranho, incluindo uma visita ao hospital e algumas ameaças de processos legais. Jon nunca falou sobre isso. Ele guardou segredo. Assim como seu irmão. Sem dúvida, ele não gostava de lembrar que a bebida havia sido adulterada debaixo de seu nariz.

—Mas ela é uma menina tão doce— argumentou Cammy por telefone. —Ela é bonita e conhece todas as pessoas certas!

—Ela passou 30 minutos dando-me boletins de notícias sobre a última moda e penteados — Jon murmurou.

Houve um suspiro exasperado.

—Pelo menos ela é mais bem vestida do que a secretária de língua ácida de vocês!

—Assistente administrativa. — Jon corrigiu. —E Joceline, pelo menos, gerencia dentro de seu orçamento. Ela não tem que pedir emprestado para comprar roupas.

—Ela faz exibição. — foi a resposta sarcástica.

Jon franziu o cenho.

—Cammy, não se lembra de ser pobre? — Ele perguntou em voz baixa.

—Eu me lembro, e eu sou sua mãe, assim tem que parar de me chamar pelo meu nome em primeiro lugar.

—Desculpe, força do hábito. Mac faz isso o tempo todo.

—Chame-o de McKuen, por favor. Eu odeio esse apelido.

—Assim como ele.

—Sua secretária tem um filho fora do casamento. — Cammy continuou, sem esmorecer. —Eu odeio vê-lo associado com alguém assim.

Ele sentiu-se eriçado.

—Vivemos no século XXI. — ele protestou.

—Sim, e a moralidade é tudo o que nos separa da selvageria — ela disparou de volta. —Temos regras de conduta para manter a civilização longe de problemas. Basta olhar ao seu redor e ver as coisas ultrajantes que as pessoas estão fazendo! As mulheres não mais criam os filhos, elas correm em empresas! Você quer saber porque os índices de criminalidade entre os jovens são tão altos? Quem está ensinando-lhes valores? Quem é ...?

Ele limpou a garganta.

—Cammy, eu estou no tribunal.

Ela parou, ainda fervendo.

—Você deve contratar uma outra secretária.

—Estou tão feliz que você ligou. Tenha um bom dia. Vou ligar para você no fim de semana.

—Venha para o rancho para o fim de semana. — sugeriu.

Onde sua candidata estaria esperando com alegria.

—Temo que haverá uma ação de vigilância policial.

—Você é um agente sênior, com certeza pode delegar!

—Não no momento. Agora eu tenho que ir. Realmente.

—Eu não gosto que você trabalhe em equipe de crimes violentos. Você poderia trabalhar em crimes de colarinho branco! Jon ...

—Até mais, Cammy!

—Não me chame ...!

Ele desligou o telefone e soltou um sopro de ar. Foi quando ele notou Joceline, fora da porta que ele esqueceu de fechar. Ela estava muito pálido e não falava. Ela entrou, forçou um sorriso e colocou um

documento sobre sua mesa. Enquanto ele estava tentando encontrar algo para dizer, e se preocupar com o quanto da conversa ela ouviu, ela saiu e fechou a porta.

Joceline sentou à sua mesa pesadamente e tentou bloquear o som da voz da mãe de Jon, que tinha sido audível mesmo vários metros de distância do telefone. A maioria dos agentes utilizava telefones celulares que não era possível escutar, mas Jon usou um telefone fixo do escritório. E a voz de Cammy Blackhawk foi transmitida. Joceline sentia-se mal do estômago, ela registrou a hostilidade aberta da outra mulher em sua direção.

Ela sabia que as pessoas falavam sobre ela. Fofocas eram inevitáveis em sua situação, mesmo nos tempos modernos, em uma cidade pequena. Cammy Blackhawk era um retrocesso a uma outra geração, uma ligeiramente menos tolerante e de mente pouco aberta do que a atual. Não ajudava que Joceline estivesse irremediavelmente apaixonada por seu atraente chefe, ou que ela tivesse sonhos desconfortáveis com ele.

Ele gostava de ser solteiro. Ele raramente tinha encontros, e mesmo quando o fazia, era geralmente com uma mulher profissional, uma advogada ou uma juíza do tribunal distrital. Uma vez foi com uma defensora pública atraente. Mas era geralmente apenas um encontro. Como o que ele teve com Joceline. Ela não se atrevia a pensar muito sobre isso.

Ela era curiosa sobre por que ele não namorava. Ela não podia perguntar a ele, claro. Era extremamente uma pergunta pessoal. Mas ela o escutou conversando com seu irmão uma vez sobre o quão agressivas as mulheres podiam ser. Sabendo que sua reputação supostamente casta era como uma bandeira vermelha para uma fêmea permissiva, ela imaginou que ele enfrentou a sedução iminente mais de uma vez e não gostou disto. Como sua mãe era moralista, então ele era assim. Ambos eram conservadores até os dentes, de fato.

Joceline olhou para a fotografia de Markie que mantinha em sua carteira. Ele era uma mistura de sua mãe e pai. Ele tinha o nariz elegante e reto do seu pai e seu cabelo preto. Seu pai era bonito, e inteligente. Ela esperava que Markie puxasse seu pai naquele aspecto.

Ela suspirou sobre a fotografia. Seu fascínio com sua gravidez tinha crescido a cada dia, enquanto ela carregava Markie. Ele era uma criança bonita, de olhos azuis e esbelto, com uma expressão maliciosa que era característica dele. Ele gostava de brincar de esconde-esconde. Ele gostava de jogos de videogame, principalmente Super Mario Brothers. Ele estava constantemente pedindo um cachorrinho ou um gatinho, mas ela explicou delicadamente que era impossível. Markie ficava na creche enquanto ela trabalhava, apesar de que agora ele passava um período do dia na pré-escola, e que não tinha quintal para brincar com um cão. Eles não tinham espaço, nenhum. Era um apartamento de um quarto, e Markie dormia em uma cama pequena perto dela. Era mais sensato dessa forma durante a noite, devido a problemas médicos que ela nunca tinha compartilhado com o chefe dela. Preocupava-se com seu filho constantemente. Havia medicamentos bons para sua condição, mas os que ela usou não pareciam funcionar, especialmente na primavera e outono. As folhas estavam apenas começando a cair em San Antonio e com o tempo se tornaria mais frio, e Markie estava tendo mais problemas do que de costume. Não era de admirar que ela tivesse círculos escuros sob os olhos e chegasse atrasada para o trabalho. Especialmente depois de uma noite como a última ...

—... Eu disse, ligue para Blake Riley? — Jon repetiu. Joceline saltou e soltou a pequena fotografia plastificada que estava segurando.

Franzindo a testa, Jon a pegou. Ele olhou para a criança na fotografia com curiosidade.

—Ele se parece com você. — disse ele, finalmente, quando entregou a foto de volta para ela.

Ela guardou-a rapidamente.

—Sim— ela gaguejou. —Desculpe, senhor.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela com curiosidade aberta.

—Temos aqui o “traga-seu-filho-para-o-dia-de- trabalho”, mas você nunca trouxe seu filho com você.

—Seria inconveniente. — disse ela. —Markie seria um pouco de pirata quando estivesse na empresa. Ele estaria fazendo chapéus dos arquivos e ficando em pé sobre a mesa — acrescentou com uma risada.

As sobrancelhas dele se arquearam. Cammy disse que Jon foi singularmente travesso quando um jovem rapaz.

Joceline olhou para ele.

—Eles acham que ele pode ter transtorno de déficit de atenção— disse ela. —Eles queriam colocá-lo sob medicamentos...

—O quê? Na sua idade? —Exclamou ele.

Ela se moveu.

—Ele está na pré-escola. — disse ela. —Ele perturba as outras crianças, porque é hiperativo.

—Você vai deixá-los medicá-lo? — Perguntou, com interesse real.

Ela olhou para cima, seus olhos azuis conturbado.

—Não sei. — disse ela, hesitante. —É uma questão difícil de lidar. Eu pensei em ir discutir o assunto com o nosso médico de família e ver o que ele acha, em primeiro lugar.

—Sábio. — Ele soltou um longo suspiro. —Essa é uma decisão que eu tomaria em um tempo difícil, também.

Ela conseguiu dar um sorriso.

—Os tempos mudaram.

—Sim.

Ela procurou seus olhos negros e seu corpo formigou. Ela desviou o olhar rapidamente. Isso nunca mudaria. Ela manuseou sua bolsa desajeitadamente sob sua mesa.

— Eu ia imprimir aquele resumo para você. — ela disse, abrindo um arquivo no computador. —E você irá almoçar com o xerife, para discutir aquele caso potencial de sequestro federal.

—Sim, nós pensamos em discutir o caso informalmente antes dos advogados se envolver.

Ela deu-lhe um olhar divertido.

—Eu pensei que você fosse um advogado.

—Eu sou um agente federal.

—Com uma dupla especialização na lei, Estudos Árabes e de linguagem.

Ele encolheu os ombros. As sobrancelhas escuras se reuniram.

—Como você conseguiu cursar a faculdade?

Ela piscou.

—Desculpe?

—Você trabalha horas a fio e tem uma criança pequena. — disse ele. Ele não adicionou que sabia que suas finanças deve ter sido um problema, também.

Ela riu.

—Eu estudei pela internet. Educação a distância. Eu adquiri a graduação dessa forma.

—Inacreditável.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Isso realmente é. — ela concordou. —Eu queria saber mais sobre um monte de assuntos. — Seu favorito era do século XVI na Escócia. Um de seus outros interesses era história Lakota, mas ela não iria dizer isso a ele. Podia soar estranho, já que era a sua ancestralidade.

—História da Escócia do século XVI. — ele meditou. Franziu o cenho. —Você não tinha um caso com meu irmão, não é? Essa é sua paixão.

Ela deu-lhe um olhar ameaçador.

—Seu irmão é terrível — disse secamente. —Winnie Sinclair deve ter a paciência e a tolerância de um santo para viver com ele.

Ele olhou para ela.

—Meu irmão não é terrível.

—Não para você, com certeza. — ela concordou. —Mas então, você nunca terá que se casar com ele. -- Ele riu.

—Minha mãe era uma MacLeod — acrescentou. —Seu povo era das terras altas escoceses, alguns dos quais lutaram por Mary, Rainha da Escócia, quando ela tentou recuperar o trono da Escocês depois de ser deposta por seu meio-irmão, James Stuart, Conde de Moray.

—A legalista.

Ela balançou a cabeça.

—Mas a família do meu pai era Stewarts “inglesada”, não francesa, e eles ficaram do lado de Moray. Então você poderia dizer que eles uniram clãs rivais.

— Os seus pais brigavam?

Ela balançou a cabeça.

—Eles se casaram porque eu estava a caminho, e depois se divorciaram quando eu tinha uns seis anos. — Seus olhos se tornaram distantes. —Meu pai era militar de carreira. Ele se casou e se mudou para a Costa Oeste. Morreu realizando manobras em um jato com um grupo de voo.

—Sua mãe?

—Ela se casou novamente, também. Tem uma filha ... Um pouco mais jovem do que eu. Nós ... não nos falamos.

Ele franziu o cenho.

—Por quê? — Perguntou ele sem pensar.

—Tive um filho fora do casamento. — disse ela. —Quando descobriu, me deserdou. Ela é muito religiosa.

Ele fez um som áspero.

—Eu pensei que o propósito da religião era ensinar o perdão e a tolerância. Além de tudo isso, não basta dizer que ela estava grávida de você, quando se casou com seu pai?

—Bem, isso às vezes não funciona dessa maneira, com a religião, e o ponto importante para ela foi que estava casada quando eu nasci. Nós nunca fomos muito próximas. — acrescentou. —Eu amava meu pai muito. — Ela limpou a garganta e ruborizou. —Desculpe, senhor, eu não queria falar de questões tão pessoais no trabalho.

—Eu estava encorajando-a. — ele respondeu calmamente. Ele estudou-a com curiosidade aberta. — Você ama muito seu filho.

Ela balançou a cabeça.

—Estou contente por ter decidido não interromper a gravidez ... — Ela quase mordeu a língua fora. Ela pegou o telefone e teclou alguns números. —Eu esqueci de fazer suas reservas para o almoço!

Coisa que ela nunca fez, considerava-a uma tarefa servil. Mas ele não mencionou isso. Ela se incomodava com perguntas pessoais. Não era intencional. Perguntou sobre sua vida privada, sobre a criança. Enquanto ela estava ao telefone, ele voltou para seu escritório. Queria se desculpar com ela pela rudeza de Cammy, que estava certo que ela escutou. Então foi distraído pela fotografia de seu filho. Ela pensou sobre interromper sua gravidez. Por quê? Parecia muito materna e conscienciosa para ele, mas talvez ela nunca quisesse ficar grávida. Os acidentes acontecem. Era só que sua lúcida assistente administrativa não parecia o tipo de ter acidentes amorosos, de qualquer tipo. Nos últimos quatro anos, ele não recordava tê-la visto mesmo em um encontro amoroso.

Sentou-se atrás de sua mesa e recordou a sua gravidez. O escritório não a discriminou, ainda que sua condição não tivesse sido bem recebida por algumas pessoas. Mas ela esteve muito calma, muito discreta, durante o tempo que carregava a criança.

Ela quase morreu com a criança, lembrou. Tinha ficado perturbada quando ele olhou para ela depois. Ficou pálida, apática, devastada pela provação.

Ele atribuiu sua reação à dor e aos efeitos dos medicamentos após a cesariana, mas agora ele se perguntou ainda mais sobre sua história, sobre o pai sombrio de seu filho.

O telefone tocou. Ele o pegou.

—É o sargento Marquez. — disse Joceline formalmente e o transferiu.

—Marquez — disse Jon. —O que você está fazendo?

—Se você vai falar do meu encontro com o ladrão do computador, não se atreva. — foi a resposta seca. —Eu já sou objeto de censura extrema de todos até mesmo do prefeito.

—Sério? Talvez tiveram um vislumbre de você correndo nu pela rua e ficaram impressionados.

—Comece a vida, Blackhawk, você está apenas com ciúmes da atenção que eu tenho — zombou Marquez. —Aposto que se você correr nu por uma rua, ninguém sequer notaria!

Jon riu ruidosamente.

—Nós nunca saberemos.

—Enfim, eu liguei para dizer que Harold Monroe derrubou as acusações de tráfico humano com um defensor público e o figurão foi solto depois que os pais, de repente, se recusaram a depor. — disse ele. —Eu sei que a promotoria provavelmente o notificou, mas às vezes eles são lentos. Eu queria ter a certeza de que sabia.

—Você não é a primeira pessoa a me dizer. O cara é um maluco total e incompetente para isso. Ele não consegue andar e mascar chiclete ao mesmo tempo.

—Mesmo as pessoas que se atrapalham podem realizar feitos incríveis. — disse Marquez. —Cuide de suas costas.

—Vou pintar um alvo sobre ela, assim Monroe não terá tanta dificuldade para me encontrar. — Jon riu. —Obrigado pela preocupação, no entanto. Eu aprecio isso.

—Sem problema. Você ainda acompanha o futebol?

—Não tanto. O meu jogo de videogame está tomando conta da minha vida.

—Eu ouvi. — Houve uma pausa. —Você ajudou um guerreiro décimo nível obter uma bolsa para transportar seu saque até o Barrens.

Os olhos de Jon se arregalaram.

—Sim.

—Era um dos meus personagens— Marquez riu. —Vê? Você nunca sabe com quem está jogando.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—O que me lembra, você sabia que o cunhado de meu irmão joga também? Ele tem um cavaleiro mortal nível 80. —Ele deu o nome.

—Minha nossa, ele lutou contra a Horde comigo no Darkshore há alguns meses no cais, antes de ter sido destruído quando a expansão saiu!

—Ele é formidável.

—Eu vou dizer que ele salvou a minha bunda. Você nunca sabe, não é?

—Isso é o que o torna tão excitante. — Jon hesitou. —Você nunca vai se casar?

—Olha quem está falando! Seu último encontro não foi com uma defensora pública, que só saiu com você para tentar obter informações para salvar seu cliente?

O rosto de Jon endureceu.

—Sim.

—Ela deveria tê-lo conhecido melhor. Eu achei que ela era um pouco jovem para você.

—Vinte e dois, para os meus trinta, quase 31. Isso não é muito.

—É uma geração. — Marquez riu. —Mas ela tinha uma agenda.

—Ela quase teve sua licença cassada.

Pelo menos você não a tirou do seu escritório algemada.

—Aquela mulher era uma garota de programa. — Jon rosnou. — Não posso mesmo dizer-lhe o que ela fez, e em meu próprio maldito escritório! Foi tudo culpa da minha mãe.

—Praguejar em um escritório federal não é o comportamento correto e poderia ser censurado pelo SAC, senhor. — o tom alegre de Joceline veio por telefone.

—Pare de espionar! — Jon a repreendeu.

—E levantar a sua voz é outra infração das regras de cortesia comum — lembrou ela.

—Joceline! —Ele rosnou.

—Existe um defensor público aqui fora que quer falar com você.

Jon hesitou. Marquez estava rindo baixinho.

— Oh, não aquela. — Joceline respondeu de uma só vez, com riso em seu tom. —Este é macho e muito bonito.

Por que essa raiva dele?

—Vou vê-lo em um minuto. Envie-o para a cantina e mostre onde é a cafeteira.

—Isso seria uma tarefa servil, senhor. — respondeu Joceline alegremente. —Como sabem, não realizo tarefas domésticas. Não está na minha descrição de trabalho. —Ela desligou.

Jon bateu a mão sobre a mesa.

—Um dia vou ter você pendurada no mastro. — ele rosnou.

—Paciência, paciência. — Joceline disse, enfiando a cabeça na abertura da porta. —Você estragará o acabamento de sua mesa. Pedi ao agente Barry para mostrar a cantina ao visitante. —Olhou-o com presunção. —Aparentemente os agentes não se importam de fazer café. Isto está na sua descrição de trabalho?

Ele pegou uma revista e ergueu-a, com os olhos negros brilhantes.

Ela fechou a porta com um baque.

—Agressão com arma mortal ...! — Veio através dela.

—Uma revista de jogos não é uma arma mortal!

—Revistas de jogos são contra a política da agência ... — maldições se seguiram.

—Senhor! — altivamente Joceline exclamou.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Jon realmente gemeu. Marquez estava rindo escandalosamente.

—Um dia derramarei meu almoço sobre sua cabeça. — Jon murmurou.

—Certifique-se que seja algo delicioso. — Marquez sugeriu. —Vou deixar você voltar para as guerras. Só queria ter certeza que sabia sobre Monroe.

—Obrigado. De verdade.

—Ei, para que servem os amigos? — O outro homem perguntou. —Cuide-se.

Ele desligou o telefone.

Jon olhou para a porta fechada, antes de se levantar e abriu-a.

Joceline estava sentada à sua mesa, com olhar angelical. Sua expressão indignada a fez morder o lábio inferior. Ela nunca o fazia rir.

O defensor público, um homem jovem e esbelto, com cabelos loiros bem aparados, veio pelo corredor carregando um copo de plástico com café preto nele. Ele fez uma careta.

—Não tem ninguém aqui que pode fazer uma xícara decente de café? — Reclamou. —Você poderia tirar ferrugem de carros antigos com este material.

—Faço um excelente café. — Joceline disse secamente.

O visitante olhou para ela.

—Por que você não está fazendo isso, então?

—Não está na minha descrição de cargo, senhor. — disse ela com um sorriso vago. —Eu não faço tarefas domésticas.

—Você é sua secretária, e não faz café para ele?

—Não sou uma secretária, eu sou uma assistente administrativa e uma assistente jurídica. — Joceline corrigiu. — E o Sr. Blackhawk ia desmaiar se eu fizesse uma coisa tão estranha aqui.

—Eu não ia desmaiar. — disse Jon indignado. Ele fez uma pausa. —Teria insuficiência cardíaca.

—Felizmente eu sei CPR². — Joceline disse. —Você está seguro comigo, senhor.

Jon olhou para ela.

—Não faça dela uma inimiga. — o defensor público sugeriu. —Se você beber café como esse por muito tempo, você pode ter necessidade de suas habilidades médicas. — Ele fez uma careta e colocou o copo sobre a mesa de Joceline.

—Por favor, não faça isso. — disse ela. —Eu não sou responsável por bebidas sem supervisão. Se derramarem num computador, a agência teria de lhe pedir para substituí-lo.

—Como poderia derramar em um computador? — Perguntou ele.

A mão de Joceline se moveu em direção a ele.

—Ele está em um lugar muito ruim. — disse ela, e indicou o computador portátil apenas a alguns centímetros de distância. —Se minha mão escorregar ...

O defensor público removeu o café com uma careta.

—Eu nunca... — ele começou.

—Dê-me isso. — Jon tomou a xícara de café, caminhou pelo corredor e despejou-o num vaso de planta fícus.

—Como é cruel! — Joceline acusou quando ele voltou e jogou o copo vazio na lata de lixo ao lado de sua mesa. —O que essa pobre planta fez para você?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Ninguém nunca a rega. —ele murmurou. —Ninguém vai reclamar. E não ouse. — acrescentou de forma restritiva.

Ela limpou a garganta.

—Eu nem conheço ninguém que tenha conexões com a sociedades de abuso de plantas.

—Com a minha sorte você ia começar uma. — Jon murmurou. —Entre. Harris, não é? — Perguntou ao defensor público, enquanto abria a porta do escritório.

—Bill Harris. — o defensor disse, balançando a cabeça.

—Sente-se. Agora o que é que você precisa discutir?

Joceline estava atrasado porque tinha que terminar de digitar três correspondências, e depois de imprimir-las Jon precisava das cópias delas. A impressora ficou sem tinta e ela levou uma eternidade para encontrar os cartuchos. Em seguida, ficou sem papel e ela teve que abrir outra caixa. Ela estava olhando para o relógio e fazendo caretas quando terminou. Ela só tinha 10 minutos para chegar à creche antes de fechar. A proprietária ia ficar furiosa. Ela tinha sido avisada sobre isso antes.

—O que é isso? — Jon perguntou quando ele notou sua expressão.

—Eu tenho 10 minutos antes da creche fechar. — ela começou.

—Sai daqui. — disse ele facilmente. —Eu vou terminar.

Ela hesitou.

—Vá em frente!

Ela agarrou sua bolsa.

—Obrigada, senhor.

—Sem problema.

Ela fez isso, mas com apenas dois minutos de sobra. A expressão tensa no rosto da dona, quando ela chegou falava alto. Joceline ficou ainda mais preocupada porque houve queixas sobre o comportamento de Markie na creche.

—Se isso acontecer outra vez ... — a mulher começou.

—Não vai. — Joceline prometeu. —Eu vou mandar alguém para pegá-lo, se me pedirem para ficar até mais tarde novamente.

A proprietária suspirou.

—Você trabalha para um escritório federal. Eu suponho que você não pode manter um horário regular.

—É difícil. — Joceline concordou. —Eu preciso demais do trabalho para recusar horas extras.

—Meu marido era um agente federal, há muitos anos. — disse a mulher surpreendentemente. —Ele estava sempre de plantão.

—Acho que foi difícil para você também.

A mulher a olhou com surpresa.

— Conheço as esposas de alguns dos nossos agentes, inclusive o nosso Agente Especial Encarregado. Elas mordem as suas unhas quando estão em casos perigosos.

A mulher sorriu.

—Eu tive dois filhos e não pude me dar ao luxo de colocá-los na creche, portanto fiquei em casa até que começaram a escola. Então como não pude encontrar uma creche, abri meu próprio negócio.

Joceline sorriu.

—Sábia solução.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

A mulher acenou com a cabeça. Ela falou em uma só respiração.

—Se você tiver que chegar atrasada por isso novamente, é só me ligar. Eu tenho uma garota que já partiu para levar seus próprios filhos. Ela ficaria feliz em ficar de olho em Markie e vir buscá-lo para você. Gostaria do seu número de telefone?

—Sim. — Joceline afirmou, perguntando-se como iria pagar.

Ela escreveu o número e deu-o a Joceline, sorrindo.

—Não vai te custar um braço ou uma perna.

—As suas taxas são incrivelmente razoáveis. — ressaltou.

A mulher mais velha deu uma risadinha.

—Porque não tinha como pagar a creche. — respondeu ela. —Pensei que deveria haver uma maneira de torná-la acessível às pessoas com orçamentos estrangulados.

—Estou muito grata. — Joceline fez uma careta. —Meu orçamento já passou de estrangulado e se aproxima do homicídio.

—Você pode pedir a seu chefe bonitão um aumento.

—Como sabe que ele é bonito? — Perguntou ela.

—Sua imagem estava no jornal depois que ele e um outro agente pegou um dos traficantes de seres humanos que estavam procurando. Me deixa doente o que algumas pessoas podem fazer para as pessoas pobres e indefesas em nome do lucro. Imagine, usar crianças pequenas em bordéis ... —sorriu. — Desculpe, odeio as pessoas que exploram crianças. Tendo a ficar em um palanque sobre o assunto. Vou pegar Markie para você.

Ela trouxe o menino para fora alguns minutos mais tarde.

—Mamãe! — Markie riu, estendendo os braços. —Eu aprendi a desenhar um pássaro. A srta. Ellie me ensinou! Ela disse que desenhei bem de verdade!

—Vai ter que me mostrar. Diga boa noite a sra. Norris.

—Boa noite, Sra. Norris. — disse ele, obediente, e sorriu para ela antes que fizesse uma queda livre com o rosto na garganta de sua mãe e manteve-se firme.

—Obrigada. — disse Joceline.

A mulher mais velha encolheu os ombros.

—Os homens não têm ideia de como é duro para as mulheres que trabalham. — respondeu ela.

—Nenhuma. — foi a resposta calma.

—Eu me diverti! — Markie disse quando entrou no pequeno apartamento escassamente mobiliado e Joceline colocar as três fechaduras da porta no lugar. —Tenho que te mostrar os meus desenhos!

Ele entregou-lhe uma pasta com os desenhos.

Sentou-se, cansada até os ossos, e abriu-a sem entusiasmo real. O que viu a chocou.

—Markie!— Ela exclamou. —Você desenhou isto?

—Sim! Eu vi esse pássaro fora e desenhei ele.

—O desenhei. —corrigiu distraidamente.

—É um ...

—... Um pintassilgo. — disse ela para ele, observando a cor amarela brilhante do pequeno pássaro macho e suas tênues marcas pretas. No inverno, a pelagem mudaria de amarelo para o verde opaco que caracterizava as fêmeas.

—Você gosta de pássaros. — disse ele, inclinando-se de joelhos enquanto ela olhava para os desenhos. —Tem todos os tipos de livros sobre eles. E binóculos. —Esfregou a cabeça contra seu braço. —

Não é possível eu olhar através dos binóculos de novo? Quero ver se tem alguma destas aves em nossa casa.

—Nós provavelmente não temos pintassilgos. — ela respondeu, porque não havia lugar em seu orçamento para a semente especial que constituía o melhor alimento do passarinho. Eram extremamente caros.

—Pode-se assar um pouco de pão para eles. — disse ele. —Você cozinha muito bem.

—Obrigada, querido. — disse, e inclinou-se para beijar o grosso cabelo preto.

—Eu gosto de panquecas. Não poderíamos ter panquecas?

Ela olhou para seu rosto rosado, seus olhos grandes, a sua expressão doce. Ele era toda a sua vida. Incrível como mudou, desde a primeira vez que olhou para ele.

—Sim. — disse, cedendo aos seus desejos como sempre fazia, provavelmente com muita frequência.

—Bacon, panquecas e calda. Mas só porque estou muito cansada. — acrescentou.

Ele sorriu.

—Obrigado, mamãe!

—Disponha.

Os desenhos também eram de aves. Apenas esboços, mas eles mostravam uma grande promessa de um talento que poderia ser desenvolvido. Precisava encontrar um professor de arte, se ele continuasse a ter interesse no assunto.

Mas isso custaria dinheiro e ela não teria nada sobrando no final da semana. Suspirou. Pelo menos tinha Markie, lembrou a si mesma. O resto era apenas supérfluo.

CAPÍTULO 3

O defensor público, Harris, estava tentando encontrar um trabalho para seu cliente. Não era realmente a sua preocupação, mas o jovem em questão tinha apenas 20 anos de idade e já tinha uma esposa e uma criança pequena. Ele havia sido processado por uma acusação de roubo à banco, que o colocou na mira do FBI. Foi detido, acusado, preso, processado e condenado. Agora ele estava em liberdade condicional por bom comportamento depois de alguma manobra jurídica espetacular por este promotor público. Era um dos casos de Jon.

—Ele passou uma noite bebendo com alguns amigos, que assaltaram uma filial bancária, quando abriu uma manhã. — disse Harris. Brincou com o guardanapo no restaurante onde convidou Jon Blackhawk para o jantar. — Ele ligou às 09:55, embora estivesse adormecido no banco de trás o tempo todo.

—Situação difícil. — disse Jon.

—É meu primeiro caso real. — disse o jovem. —Quero fazer um bom trabalho. — olhou furiosamente —O abuso da substância é responsável por tantos problemas em nossa sociedade.

—Tentaram proibir o álcool uma vez. — comentou Jon.

Harris riu.

—Sim, com resultados interessantes. As únicas pessoas que ficaram ricos durante a Lei Seca foram os bandidos.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Isso é geralmente o que acontece quando você declara algo ilegal. É o primeiro delito de seu cliente?

Harris concordou.

—Ele ensinava na Escola Dominical, na verdade.

—Eu sei de um ministro que estava envolvido em um assassinato. — disse Jon, em tom brincalhão.

Harris riu.

—Sei o que você quer dizer. Mas esse garoto era honesto a partir do momento que teve idade suficiente para andar. Eu conversei com todos os parentes que tinha e vários amigos, para não mencionar os educadores que o ensinou, que comprovaram.

—Isso é um monte de trabalho braçal.

—Sim, é, e fiz isso no meu próprio tempo. Acredito no garoto. Eu quero ajudá-lo. Se conseguir-lhe um emprego, e fazê-lo entender que tem que ficar longe de seus “amigos”, que também estão fora em liberdade condicional, pode ter uma chance. Ele tem uma criança de três anos de idade. — acrescentou pesadamente. —E uma doce jovem esposa que o adora.

—Caso triste. — Jon foi evasivo. Ele tinha ouvido essa história tantas vezes que o irritava. Geralmente terminava mal. Mas não ia dizer a este ingênuo novato promotor público, mas apaixonado. Ideais deviam valer alguma coisa.

—O rapaz vive em Jacobsville. Eu pensei, já que seu irmão trabalhava em Jacobsville com Cash Grier, que poderia estar disposto a conversar com o agente da condicional local e ter uma boa palavrinha com ele, mencionar sobre o grupo ruim que ele se envolveu e ver se há alguma maneira de se manter longe dele. —o defensor público disse, esperançoso. —Uma boa conversa no início de sua liberdade condicional poderia fazer algum bem.

Jon riu.

—Ele pode fazer isso. Okay. Eu perguntarei.

Harris se iluminou como uma lâmpada acesa.

—Obrigado! Te devo uma.

—Nenhum de nós na aplicação da lei quer ver um homem fracassar por um erro. No entanto — acrescentou solenemente—, se ele sair da linha novamente, você vai estar falando com uma parede de tijolos, se pedir ajuda.

—Sei disso.

Jon sorriu. Falaria com Mac. Mas sabia como isso ia cair, era tudo a mesma coisa.

—O cara é um perdedor nato — disse Mac previsivelmente quando Jon ligou para ele. —Se ele é estúpido o suficiente para ser levado para o crime, vai ficar lá. É um seguidor sem senso de julgamento sobre as outras pessoas.

—Eu não duvido. Mas prometi a Harris que lhe pediria para intervir. Se a criança pode ser mantida longe dos seus velhos companheiros, pode ajudar. Você pode dizer não. Não é problema meu.

Mac suspirou.

—Acho que eu poderia falar com Grier. — disse a contragosto. —Mas se o cliente de Harris entrar em mais algum problema, alguma vez, vou ser seu pior pesadelo.

—Vou ser o seu segundo pior. Obrigado.

—Por que está fazendo as suas chamadas de seu próprio telefone ? — Kilraven perguntou de repente. — Sua assistente administrativa não faz isso por você?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Ela não veio hoje de manhã. — Jon disse, e a preocupação que sentia se refletia em seu tom. — Não ligou, também. Isto não é comum.

—Você telefonou para seu apartamento?

—Sim. Nenhuma resposta.

—Curioso. Ela tem inimigos?

Jon riu, apesar de si mesmo.

—Provavelmente não a encontrarei em um saco no rio, se é isso que você quer dizer.

—Desculpe. Acho que estou na aplicação da lei há muito tempo.

—Junte-se ao clube. Você e Winnie vêm para o jantar na sexta à noite?

—Sim, se Cammy não estiver lá.

—Winnie gosta de Cammy!

—Eu sei, mas nós dois recebemos a bronca de Cammy sobre sua nova candidata para seu afeto. Ela estará com uma lista de nomes e não quero estragar um jantar perfeito com um monte de sermão. Se você entende o que quero dizer.

Jon deu uma risadinha.

—Eu não a convidei, se isso é uma ajuda.

—Então, pode esperar por nós. Winnie vai levar pãozinhos caseiros. Eu não pedi. Ela ofereceu.

—Estou impressionado, ela ainda pode conseguir curvar-se diante do forno mantendo a barriga longe dele. — comentou Jon. —Cammy tem certeza que vai ser um menino porque ela está assim grande na frente.

—O parto é um mistério para a maioria das pessoas. Menos para Cammy. Vamos chegar em torno das seis horas.

—Vejo você depois.

Jon desligou. Não deixou mostrar em seu tom, mas estava preocupado com Joceline. Era a primeira vez que ela faltava o trabalho sem ligar primeiro. Algo grande devia estar acontecendo. Pensou imediatamente em seu filho.

Ele pegou o telefone e começou a ligar para os hospitais.

Joceline estava andando no chão da sala de espera. Trouxe sua sacola de tricô com ela, mas a pequena tarefa não a distraiu. Este tinha sido um ataque ruim, o pior até agora. Tentou entrar no cubículo com Markie, mas o médico e uma enfermeira a enxotaram para fora da maneira mais gentil possível. Eles precisavam para executar testes, explicaram.

Foi difícil deixar uma criança que soou como se estivesse sufocando até a morte. Joceline estava fora de si. Markie era toda a sua vida. E se ele morresse desta vez? E se não pudessem salvá-lo ...?

—Joceline?

Ela pulou e ofegou com o som da voz de seu chefe atrás dela. Ela estremeceu e se virou, atônita.

—Não é próprio de você. — ele explicou. — Não ligar, se não pode chegar ao trabalho. Achei que tinha que ser algo catastrófico.

Ela mordeu o lábio inferior.

—É Markie. — disse ela em um longo suspiro. —Um ataque ruim. O pior que já teve. — cruzou os braços sobre os seios pequenos. —Estão fazendo testes.

Pelo menos ela tinha seguro médico, um bom seguro, de seu trabalho. Mas não cobriria todos os gastos, e não sabia como adicionar outro pagamento mensal para as contas que já tinha.

—Que tipo de ataque? — Jon repetiu. Sua mente estava ocupada. Ela não tinha sequer ouvido ele falar.

—Ele tem asma. — disse pesadamente. —Na primavera e no outono, resfriados atacam seu peito. Ele tem infecções no peito, às vezes, pneumonia. Há novas drogas, boas, para sua condição, e as usamos. Ele toma injeções antialérgicas a cada semana, também. Mas seus pulmões estão apenas fracos. Nunca um ataque avançou tão rápido ou foi tão ruim. Achei que não conseguiria trazê-lo aqui a tempo... — mordeu o lábio e se virou.

—Ele tem visto um especialista?

—Sim. Especialistas em pulmão, alergistas, todos na área. —suspirou. —Nem sequer fumo. — disse em tom queixoso.

Perguntou-se como ela conseguiu pagar especialistas. Seria duro para qualquer um, mas especialmente para uma mãe solteira com um orçamento limitado. Não precisava dizer que uma criança com asma não controlada era uma pessoa um pouco cara para tratamento. Ele teve sua própria quota de problemas respiratórios quando criança, Cammy lhe dissera uma vez. Ele ainda tinha alergias, também.

Joceline olhou preocupada para a porta da sala de emergência a partir da qual um médico de jaleco branco com um estetoscópio ao pescoço tinha acabado de sair.

—Esse é Dr. Wagner. — explicou enquanto se movia em direção a ele. —É o nosso médico de família. O médico, alto e magro sorriu quando ela se aproximou.

—Está tudo bem, Joceline, ele está passando muito bem. Nós teremos os resultados do teste para você muito em breve. Tem que parar de se preocupar tanto. — acrescentou suavemente. —As probabilidades são muito boas de que ele vai superar a asma, alergias e que irá responder aos medicamentos. Ele só precisa de tempo.

Ela soltou um suspiro.

—Me esforço tanto para fazê-lo vestir a jaqueta quando está frio e uma capa de chuva quando está chovendo. —ela murmurou. —Ele os tira no minuto que sai da minha vista. Então ele pega a friagem. Houve uma chuva fria ontem de manhã, e ele saiu para brincar sem um casaco e não me disse, até que acordou sufocando esta manhã.

O Dr. Wagner deu uma risadinha.

—Não se culpe. Ele está muito triste por ter feito isso, mais por causa de como você se aborreceu do que como foi perigoso para ele. — acrescentou. —Ele tem um coração grande para uma criança tão pequena.

—Ele nunca é escolhido nas brincadeiras na escola porque não pode correr como as outras crianças, sem perder o fôlego. — Joceline disse pesadamente. —E porque tem que tomar injeções contra alergias. Por que crianças são tão más com as outros?

—Por que há bullying? — Dr. Wagner respondeu. —Eu não sei. Queria que fosse um problema que poderia ser resolvido. Agora, com o cyberbullying tão predominante, uma criança vítima não pode ter nenhuma paz, mesmo em sua própria casa.

—Deveria haver mais ações judiciais. — Joceline murmurou.

—Eu concordo. — Jon disse calmamente.

Dr. Wagner olhou para Jon com curiosidade.

—Este é o meu chefe. — Joceline disse rapidamente, para que o médico não tivesse uma ideia errada. —Agente senior Jon Blackhawk.

Dr. Wagner e Jon apertaram as mãos.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Eu queria entrar para o FBI quando era mais jovem. — disse o médico surpreendentemente. — Mas meu pai queria que eu estudasse medicina. — Ele riu. —A longo prazo, acho que ele estava certo. Temos quatro gerações de médicos e cirurgiões na minha família. Eu odiaria ser o único a quebrar a tradição.

—É sorte para nós que você não fez. — disse Joceline. —Obrigada por cuidar tão bem de Markie. Ele sorriu.

—Disse que um dia você seria feliz com a decisão que tomou. — disse enigmaticamente.

—Estou, agora, mais do que nunca, apesar dos problemas. — ela acrescentou com um sorriso cansado.

—Por que você não vai buscar algo para comer? — Perguntou o médico. —No momento em que voltar, Markie estará pronto para ir para casa.

—Não terão que deixá-lo em observação? — ela se preocupou

—Oh, não penso assim. — respondeu ele. —Nós apenas queremos ter certeza de que ele está estabilizado e começar o novo antibiótico. Há novos inaladores no mercado também, Joceline, você deve conversar com seu alergista sobre eles. Um deles é para pacientes pediátricos e tem mostrado bons resultados.

Ela suspirou pesadamente. O alergista tinha sugerido um dos novos inaladores, que era mais de cem dólares por mês. Em seu orçamento, mesmo com um bom seguro, era uma fortuna. Mas talvez ela pudesse escrever para a empresa de medicamentos e solicitar um preço reduzido. Isso funcionou para ela no passado. —Graças a Deus que ele vai ficar bem.

—Prazer em conhecê-lo, Agente Blackhawk. —o Dr. Wagner acrescentou, sorrindo enquanto se afastava.

—Sujeito simpático. — comentou Jon.

—Sim, estamos muito felizes em tê-lo. Ele cuida muito bem de Markie.

Jon a estava estudando com os olhos apertados. A declaração do médico sobre a decisão que tinha feito era intrigante.

Ela estava cansada e sensível pela falta de sono ou ela poderia ter reconsiderado suas palavras.

—O pai dele e eu éramos bons amigos. Nós tínhamos bebido demais e ... houve Markie.

Ele olhou para ela. Não falou.

Ela desviou os olhos.

—Eu subestimei como... — começou a dizer "drogado" e imediatamente corrigiu-se —, estava bêbado e não percebeu que eu era ingênua sobre os homens. Nós não estávamos lúcidos. —Ela hesitou. Não tinha certeza de como se sentiria sobre uma criança que não foi planejada. — Ela sorriu. —Mas agora ele é meu mundo inteiro. —Sua voz quebrou.

—Seu caminho não tem sido fácil. — Jon disse calmamente.

—O caminho de ninguém é fácil. Nós apenas fazemos o que temos que fazer, e continuar vivendo. Eu amo meu filho. — acrescentou. —Tenho que viver com o fato de que Markie será sempre ilegítimo. — olhou para ele. —Dói-me. Tento viver uma vida conservadora. Mas não é culpa de Markie.

—Claro que não.

Ela pegou sua bolsa no banco que ocupou.

—Eu vou tomar café da manhã e ver o que eles podem fazer por Markie, mas não sei se poderei ir hoje. Sinto muito. Eu devia ter telefonado.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Estava preocupado. — respondeu ele. —Tire o dia de folga. Se não puder trabalhar amanhã, é só me avisar, ficará tudo bem. O Escritório não pune as pessoas por situações pessoais de emergência, você sabe. — ele ofereceu com um sorriso amável.

Ela sorriu de volta.

—Obrigada. — disse ela.

—O pai de Markie, ele ainda está vivo?

A pergunta a atingiu inesperadamente.

—Eu ... eu não sei. — ela gaguejou, desesperada por uma maneira de sair da conversa.

—Você disse que ele estava no exército, servindo no exterior. — começou ele.

—Sim, entendi. — ela vacilou. Desviou os olhos. —Ele foi, uh, listado como desaparecido em ação.

—Uma tragédia.

Ela balançou a cabeça.

—Obrigada por ter vindo até aqui. —disse, recuperando seu equilíbrio. —Nem mesmo sei como nos encontramos ...

—Abuso de poder. — brincou. Ele sorriu. —Posso puxar cordas quando quero.

—Antiético, senhor. — ressaltou.

Ele encolheu os ombros.

—Meu irmão está me corrompendo.

Ela riu e olhou para o grande relógio na sala de espera.

—Você tem uma reunião com o delegado sobre o sequestro de Oklahoma, em 10 minutos, no palácio de justiça. — ela exclamou, referindo-se a um caso em que um agente em outro escritório regional tinha pedido alguma ajuda. Os escritórios do FBI cooperavam em casos de outras jurisdições que se sobrepunham —Você nunca vai chegar a tempo.

—Eu vou me certificar de pegar todos os semáforos que estão verdes. — Ele riu.

—Obrigada mais uma vez.

—Disponha. Vejo você amanhã.

Ela balançou a cabeça. O viu se afastar. Surpreendeu-a que ele se importasse o suficiente para procurá-la quando não apareceu para trabalhar. E estava realmente preocupado. O que a fez se sentir quente por dentro. Lutou contra isso. A mãe dele seria o pior inimigo na terra para se fazer. Joceline já sabia o que a mulher sentia por ela. Dava-lhe calafrios. Mas então ela incomodava-se com coisas que não deveria considerar. Tinha seu filho, e ele ia ficar melhor. Que tinha de ser a sua preocupação agora. Só isso.

—Eu realmente sinto muito por ter andado na chuva, mamãe. — Markie pediu desculpas quando estavam de volta em seu pequeno apartamento. —Eu amo chuva. — acrescentou melancolicamente.

—Eu sei que sim, querido, mas seus pulmões não. — ela disse, tentando explicar. —Você não gosta de estar doente.

Ele balançou a cabeça.

—Eu não gosto de fazer você triste, também. — Ele mergulhou contra o seu lado e segurou firme. — Eu te amo tanto, mamãe!

—Eu amo você, também, abóbora. — ela respondeu e o abraçou de volta, forte.

—Eu vestirei meu casaco da próxima vez.

Ambos sabiam que ele estava mentindo. Ela apenas tinha que ser mais cuidadosa. Não foi a chuva, o médico disse, mas o fato de Markie ser sensível a vírus e contraiu esse quando ficou molhado. Não era perigoso para uma criança saudável, mas então, Markie nunca foi realmente robusto.

O especialista mudou os medicamentos para sua alergia. Joceline conversou com a empresa farmacêutica e eles concordaram voluntariamente em dar-lhe os inaladores por uma fração do custo de varejo. A medicação parecia estar funcionando, também. Markie animou-se. Suas crises se estabilizaram e ele voltou para a escola com resignação. Joceline teve uma longa conversa com a professora de Markie e a dona da creche, e um advogado que teve a gentileza de ajudá-la *pro bono*³. Por enquanto, o assédio moral foi reduzido. Mas mencionaram que Markie era realmente distraído em sala de aula e decidiram uma data para ela voltasse, sozinha, e discutisse isso com eles.

Enquanto isso, Markie começou a melhorar e Joceline recobrou seus nervos em conjunto. Havia ainda a questão de um diagnóstico para os problemas comportamentais de Markie. Ela não sabia o que fazer. Não havia realmente alguém que pudesse ajudar, exceto seu médico. Ela lhe perguntou sobre Markie e ele concordou que era possível que a criança tivesse transtorno de déficit de atenção. Estava pesquisando os medicamentos e considerando uma resposta para ela.

Estava indo bem até Cammy Blackhawk invadir o escritório e olhar para Joceline como se ela fosse uma prostituta.

—Eu gostaria de ver meu filho. — disse com altivez.

Joceline, experiente em lidar com pessoas rudes e desagradáveis, deu-lhe um sorriso vago.

—Claro, minha senhora. Não quer se sentar na nossa moderna e ergonomicamente projetada sala de espera?

Cammy piscou.

Joceline pegou o telefone.

—A Sra. Blackhawk está aqui para vê-lo, senhor.

Jon saiu à porta de uma só vez, olhando estranhamente com olhar protetor para Joceline e, depois, para Cammy.

—Oi. — disse.

Cammy olhou para Joceline desconfortavelmente e depois de volta para seu filho.

—Eu quero que você venha jantar comigo esta noite. — disse ela com firmeza. —Estarei dando um soiree ...

—Soiree? — Jon perguntou, surpreso.

—É uma palavra francesa, senhor. — Joceline disse-lhe amavelmente. —Isso significa um jantar, pequeno e informal ...

—Eu sei o que isso significa. — ele retrucou.

Ela o saudou.

Ele revirou os olhos.

—Cammy, eu não posso ir. Irei jantar com Mac e Winnie. — disse firmemente.

—Não me chame de Cammy! Eu sou sua mãe! —Ela resmungou.

—E não quero tentar comer enquanto estou sendo agraciado com as informações mais recentes da moda. — continuou ele, irritado.

³

Feito sem compensação para o bem público.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Muitas, muitas pessoas compram revistas especializadas para trazer à tona essa informação. — Joceline começou com entusiasmo.

—Você se importa? — Cammy virou-se para ela. —Estou tentando falar com meu filho! Joceline a saudou, também, sorriu novamente e voltou a digitar no computador.

—Venha aqui. — Jon murmurou, puxando Cammy para seu escritório e fechou a porta. —Pela última vez, eu não quero ter um jantar com a sua candidata a casamento!

—Ela é uma garota legal!

Seus olhos brilhantes se estreitaram.

—Eu não quero me casar! Winnie está grávida. Por que não vai soterrá-la com conselhos maternos? Cammy desviou os olhos.

—Ela está recebendo isto de sua própria mãe. Sou supérflua.

—Bem, você pode aconselhar Mac como ser um pai. — ele respondeu.

—Ele está sempre sendo chamado pelo telefone, e quando tento visitar seu escritório, está sempre fora. — disse irritada.

—Você é intimidante. — disse a ela. —Acha que qualquer um não pode viver se você não está dizendo a eles como se conduzir.

—Eu só estou tentando ajudar — disse ela, exasperada.

—Você deveria ter tido mais filhos. — respondeu ele. —É “síndrome do ninho vazio.” Está solitária e entediada.

—Você está sozinho. — disse ela miseravelmente. —O que vai acontecer com você quando eu morrer?

Ele ficou chocado com a pergunta.

—Você está planejando?

Ela desviou os olhos.

—Não seja bobo. Eu só quero ver você feliz no casamento, como Mac é.

—Se tivesse sido por você, Mac nunca teria se casado com Winnie. — lembrou. —Pensou que ela estava atrás do dinheiro dele.

—Então eu fiz um erro de julgamento. — disse ela, claramente desconfortável. —Mas esta garota simpática é exatamente o que você precisa. Ela é extrovertida e sociável, sempre vestida na última moda e conhece muitas pessoas da alta classe.

—Eu também. — lembrou-a.

—Você precisa de uma família. Você nem mesmo sai com alguém. Bem —emendou pensativamente. —, houve aquela promotora pública, mas não estava tentando tirar de você informações sobre o cliente?

Ele não gostava de ser lembrado disso.

—Sairei com alguém quando me der vontade.

—Sim, mas nunca tem vontade! — Ela respondeu. —Você deve ter filhos para brincar, agora, enquanto ainda é jovem o suficiente para brincar e fazer coisas com eles!

—Eu não sou casado, Cammy. — disse ele pacientemente.

—Eu notei!

—Levo uma vida agitada. — continuou ele. —A maioria das mulheres não seria capaz de tolerar as horas que cumpro.

—Charlene é linda e é muito tolerante com seu estilo de vida. — Cammy começou.

—Ela não é. — Jon disparou de volta. —Disse que eu teria que desistir de jogos de videogame.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Você joga muitos deles. — Cammy concordou. —Você deve ter filhos para ocupar seu tempo livre.

—Você não tem mais nada a fazer com sua vida além de tentar administrar a minha para mim? —

Jon perguntou finalmente, exasperado.

—Não estou tentando administrar sua vida. Quero que você seja feliz.

—Assediar-me sobre o casamento não está fazendo o trabalho.

—Não é assédio. — ela gemeu. —Filho, você nem mesmo tem uma vida social.

—Eu não quero uma. Amo meu trabalho.

—Você sempre tem. — Cammy respondeu pesadamente. —Você e McKuen, enterrando-se em ocupações perigosas! O passado tem tido um forte impacto sobre vocês dois.

—E em você. — Jon concordou. Beijou sua testa. —Sei que perdeu o pai. — ele disse suavemente. — Assim como todos nós. Mas você está indo ao limite com planos para meu futuro. Tem que deixar a vida acontecer. Não pode forçar as pessoas a fazer coisas que não querem fazer.

—Gostaria que você desse uma chance a Charlene. — argumentou.

—Ela é a mulher mais teimosa que conheci recentemente. — disse ele rispidamente.

—Você só está chateada porque ela disse que teria que parar de jogar tantos jogos de videogame. —

Cammy respondeu. —E está certa.

—Não está.

—Nós podemos concordar em discordar. Você deve sair mais. Gasta muito tempo neste escritório com aquela mulher lá fora. — murmurou.

—Joceline é minha assistente administrativa. — Jon respondeu. —É também uma assistente jurídica competente. Quem você acha que encontrou a ligação que resolveu o assassinato da filha de Mac?

Cammy franziu o cenho.

—Pensei que foi McKuen.

Ele balançou a cabeça.

—Joceline cavou as informações que quebrou o caso.

Cammy estava, evidentemente, surpreso, e não satisfeita. Ela mudou seus pés.

—Ela é desrespeitosa.

—Não notei isso.

—E tem um filho. E não é casada.

—Ela seria. Seu noivo morreu no exterior, no exército, antes que pudesse se casar com ela. — disse com uma fraca atitude defensiva.

—Ela disse isso?

Ele balançou a cabeça.

—Como sabe que é a verdade? — Ela perguntou com um sorriso frio. —As mulheres dizem todos os tipos de histórias.

—Por que é tão antagônica em relação a ela?

Ela não lhe respondeu.

—Se você não virá para o jantar, e quanto a almoçar amanhã?

—É uma longa viagem para a fazenda. — ele começou.

—Vou ficar no apartamento da cidade. — respondeu. —Você vai vir, não vai?

Ele queria uma maneira de sair, mas estava relutante de recusar. Cammy era sua mãe. Não passava muito tempo com ela, e se sentia culpado.

—Acho que eu poderia. Se for apenas nós dois. — acrescentou com firmeza.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Claro. — respondeu ela, sorrindo. —Só nós dois.

—Agora, eu tenho trabalho a fazer. — lembrou a ela, abrindo a porta.

—Vou fazer algo gostoso para você comer. — prometeu. Ela sorriu para ele e abraçou-o impulsivamente. —Esse é o meu bom menino. Vejo você amanhã. —Beijou-o, lançou um olhar frio a Joceline e saiu pela porta da frente.

—Fazem armadilhas para tigres de bengala. — Joceline disse, pensativa. —Embora você teria que cavar um buraco profundo no escritório.

Ele não sorriria, ele não sorriria ...

Ela ouviu um som abafado de trás da porta fechada, e sorriu.

Naquela noite, ela levou Markie a um restaurante local, que apresentava uma exibição de vídeo game. Estava lotado.

—Vamos tentar este. — disse ela com entusiasmo depois de comerem frango empanado e chá gelado. —Aqui!

—Eu gosto deste. — Markie concordou com um sorriso.

Ele estava pilotando aviões de caça e atirava no inimigo em uma tela enorme de cinema. Markie riu desinibidamente, e assim como Joceline. Gostava do passeio mensal, tanto quanto ele. Tinham pouco dinheiro para coisas fúteis como essa, mas não queria que Markie perdesse um entretenimento que as outras crianças tinham acesso. Para um de quatro anos de idade, ele tinha uma habilidade incrível e habilidade no jogo.

Ela estava consciente do movimento atrás dela. De repente, havia três outras pessoas no compartimento, parados em ambos os lados, dela e de Markie, colocando cartões de jogo na abertura.

—Você pensa que é boa, não é? — Mac Kilraven repreendeu. —Vamos ver!

—Não o deixe enganá-la, Joceline. — a muito grávida Winnie Sinclair disse e riu do lado dele. —Eu posso atirar nele! Então você pode!

—Uma história provável. — Jon Blackhawk zombou manipulando o console ao lado de Joceline.

—Pensei que você estava jantando com eles em casa. — disse a Jon, indicando seu irmão e cunhada.

—Nós fizemos, mas este é o nosso ponto de encontro favorito. — disse Jon. —Gostamos dos jogos.

—Se tivéssemos um apartamento maior, levaria alguns como este. — Mac deu uma risadinha. —Vai ser ótimo para as crianças.

—Seu filho parece gostar. — comentou Jon para Joceline quando Markie derrubou outro lutador.

—Olhe! Eu o acertei! —Ele riu.

—Bom tiro, este. — Jon concordou, sorrindo para a criança, que sorriu de volta.

—Você tem praticado muito na realidade, não é? — Mac perguntou ao menino com uma piscadela.

—Eu não saio muito. — disse Markie em um tom muito adulto, e com olhos voltados para a mãe.

Joceline riu.

—Ele não é permitido carregar armas antiaéreas em público. — disse em tom brincalhão.

—Ah, mãe. — Markie suspirou. —Eu nunca chego a ter algum divertimento!

—Sabe de uma coisa, se combater o primeiro inimigo que cair sobre você, eu vou te dar o melhor lançador de mísseis que puder encontrar. — Joceline disse a ele.

—Uau — disse Markie com pura adoração nos olhos. —Obrigado, mamãe!

Ela encolheu os ombros.

—Nada é bom demais para o meu menino. — disse, e piscou para ele. Ela lutou em esconder seu desconforto em ter Markie em torno de seu chefe. Não queria que todos os problemas viessem à tona, e a mãe de Jon Blackhawk ficaria lívida se soubesse que ele estava mesmo jogando vídeo games com sua assistente administrativa fora do trabalho. Mas ela não iria saber. Esperava.

CAPÍTULO 4

Joceline e Markie caminharam em direção a saída uma hora mais tarde. Tinham acabado o saldo em seus cartões de jogo, embora Mac e Jon os subsidiou, de uma maneira agradável.

—Obrigada. — disse a Jon na porta. —Markie se divertiu muito. Assim como eu. — acrescentou, mas com os olhos afastados.

—Está tudo bem em admitir que gosta de algo que eu faço. — ele murmurou secamente. —Você raramente aprova minhas ações.

—Não queremos que você obtenha um complexo de superioridade, não é mesmo, senhor? — Perguntou ela.

—Por que você o chama de “senhor”? — Markie perguntou.

—Ele é meu chefe. — respondeu ela.

—Oh. Como os caras do exército chamam seus chefes de “senhor”.

—Alguma coisa assim. — Joceline concordou.

—Será que ele vai te dar suspensão se você fizer algo ruim? —Markie persistiu.

—Eu nunca faria uma coisa dessas. — Jon assegurou. —E sua mãe nunca fez nada de ruim. — Hesitou. —Nada realmente ruim. — ele emendou, dando-lhe um olhar que dizia tudo.

—Tarefas servil não são parte da minha descrição de cargo, senhor. — o lembrou, sorrindo.

—Preparar um café decente não é servil. — Suspirou.

—Isso depende de sua definição. — ela respondeu.

—Você atira muito bem. — disse Markie ao homem alto. Estava olhando incisivamente no bojo sob a jaqueta de Jon. —Você tem uma arma.

—Isso é certo. — disse Jon. —Trabalho para o FBI.

—Eu sei. Mamãe fala sobre você o tempo todo.

—Nós devemos ir. — Joceline disse, um pouco corada. —Obrigada novamente. — acrescentou. —O vejo na segunda-feira, senhor.

—Mamãe ... — Markie protestou quando ela correu para fora da porta.

Mac esteve escutando. Ele olhou para seu irmão.

—Fala sobre você o tempo todo, heim?

—Tenho certeza que ele quis dizer de uma forma relacionadas com o trabalho. — disse Jon rigidamente. —Joceline tem trabalhado para a agência por vários anos.

—Assim, para você.

Jon olhou para seu irmão mais velho.

—Ela trabalha para mim. Ponto final.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Mac apertou os lábios, mas ele não respondeu. Simplesmente riu e voltou para a mesa onde Winnie estava esperando por ele.

Jon estava de mau humor quando entrou na segunda de manhã no escritório. Joceline ainda estava guardando sua jaqueta e bolsa, tendo mal chegado para o trabalho.

—Você está atrasada. — ele murmurou.

Ela apontou para o relógio sobre a mesa. Estava absolutamente na hora. Era oito em ponto.

Ele deu de ombros e foi para seu escritório para ver o que tinha em sua agenda. O telefone tocou enquanto estava à procura dela.

Seu interfone soou.

—Sim? — Respondeu.

Houve uma pausa.

—É para você, senhor. O sr. Harold Monroe. —Ela disse o nome incisivamente.

Ele franziu a testa e pegou o telefone.

—Blackhawk. — disse.

—Olá. — respondeu ele. —Lembre-se de mim? Eu estou fora agora à espera de um novo julgamento. Eu vou derrubar aquela acusação de tráfico. Tenho um grande advogado.

—Parabéns. — disse Jon. —Vou mandar mais balões.

Houve uma pausa.

—Balões?

—Para a celebração.

—Cele ... oh. Oh! Ha ha ha.

—Há algo mais?

—Não, nada mais. Eu só queria que você soubesse que eu estava fora.

—Obrigado.

Outra pausa.

—Você cometeu um erro.

—Eu?

—Sim. Tome cuidado. Minha família sempre vai atrás das pessoas que a feriu. Sempre. Vou estar de olho em você, Agente Blackhawk. —Desligou o telefone.

Jon olhou fixamente para o receptor antes devolvê-lo ao lugar.

—Suporto cada tipo. — murmurou.

Ele estava a caminho fora da porta quando Joceline o chamou.

—Rick Marquez quer que você pare em seu escritório enquanto está fora. — disse. —Ele diz que é importante.

—Sobre o que é?— Jon perguntou, girando.

Ela pôs um dedo em sua fronte e fechou seus olhos.

—Eu vejo montanhas. Árvores. Os pássaros voando.— Ela abriu seus olhos. —Porém, não sendo psíquica, não tenho nenhuma ideia.

—Ele não disse?

—Aparentemente, não. — Ela sorriu vagamente, inclinando a cabeça. —Gostaria de saber qual é o comprimento da nova saia que está nos desfiles de moda em Milão ...? Senhor, não é educado virar as costas para as pessoas que estão falando com você! — o chamou.

—Um dia eu vou estrangulá-la. — Jon murmurou para Rick Marquez, enquanto eles estavam sentados à mesa do detetive, bebendo café. Tinha acabado de relatar o mais recente golpe verbal de Joceline.

Marquez riu.

—Nunca iria substituí-la. — comentou ele. —Tenho assistentes jurídicas indo e vindo. Joceline está em uma classe toda própria.

—Eu sei. — O outro homem suspirou. —Não teria a metade dos meus casos resolvidos sem ela. Ela pode escavar para fora a informação que eu não consigo. Não tenho ideia de como as consegue, também.

—Ela é psíquica. — disse Marquez com olhos arregalados.

—Não é. Ela é simplesmente muito boa com um telefone, e ela pode falar para as pessoas dizendo-lhe coisas que não querem.

—Ela é uma assistente jurídica. Por que não está trabalhando para um juiz ou, pelo menos, uma firma de advogados? —Marquez perguntou com uma careta curiosa.

—Ela começou como secretária jurídica em uma empresa de advogados. Mas o sócio sênior se aposentou, vários advogados ingressaram na empresa e ela estava fazendo o trabalho de três assistentes jurídicos com o pagamento de um. — disse Jon. —A temos como resultado disso. Foi uma coisa boa Garon Grier não tê-la colocado na prateleira quando começou a trabalhar no escritório. — acrescentou ele, pensativo.

Marquez começou a rir.

—O quê?

—Ele costumava usar as trabalhadoras para fazer café para ele. Joceline não faz tarefas domésticas. Ou o que ela considera tarefas domésticas.

—Nossos assistentes administrativos fazem café. — disse Rick presunçosamente. —Bom café. — enfatizou com um olhar apontado para Jon.

Jon suspirou.

—Nenhum de nós pode fazer um café bebível. Em uma nota brilhante, nossos vasos de palmeira parecem prosperar em cafeína.

—Como?

—Todo mundo despeja o café neles quando não estamos olhando. — riu.

Marquez suspirou.

—Oh, a aventura de trabalhar em um escritório federal.

—Pelo menos temos relatórios de despesas decentes. — respondeu ele. —Não temos de ter um recibo de uma xícara de gelo.

Marquez fez uma careta.

—Foi um dia muito quente e o nosso ar condicionado não estava funcionando.

—Você é originalmente do México, e vive no sul do Texas. Deveria estar acostumado com o calor. — Jon comentou.

—Sim. Vai entender. —Marquez não estava confortável falando sobre sua infância. De fato, ninguém, exceto sua mãe adotiva, Barbara, em Jacobsville, sabia sobre seu passado. E nem ele nem Barbara sabiam toda a verdade, mas eles estavam tentando encontrá-la. No entanto, não tinha planos de compartilhar essa notícia com o visitante, mesmo que gostasse e respeitasse o agente do FBI.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não tive a intenção de ofender. — disse Jon, sensível à expressão que brilhou apenas brevemente no rosto do outro homem. —Eu sei sobre questões raciais. Você deve ter notado que a minha ancestralidade inclui cocares de penas e combater montado.

Marquez relaxou, e sorriu.

—Assim como o meu, na verdade. Um dos meus antepassado foi Comanche.

—Sério? Então, foi um dos meus. — respondeu ele.

—Não está brincando? Mundo pequeno.

—Minha mãe tem ascendência Cherokee, meu pai estava cheio de sangue Lakota. — Jon disse.

Márquez arqueou as sobrancelhas.

—Cherokees vêm originalmente do leste.

—Sim, eles foram realocados no “Trail of Tears⁴”. Os cherokees foram presos em 1838 e removidos para Oklahoma entre o final de 1838 e o início de 1839, no frio do inverno e da neve, sem roupa adequada, por causa da descoberta do ouro. —balançou a cabeça. —Um dos meus antepassados, disse que nunca poderia coexistir com uma cultura materialista, porque nós compartilhamos tudo e os conquistadores queriam ter tudo. — acrescentou.

—Pensamento interessante. — Ele largou a xícara de café e tornou-se sombrio. —Harold Monroe anda insinuando sobre a retaliação a um dos meus informantes.

—Eu ouvi que conseguiram soltá-lo.

—Sim, fizeram. Como o resto de sua família, ele tem uma reputação vingativa. —Olhou incisivamente para Jon. —Ele tem sido acusado de extorsão, jogo, prostituição, o que precisar mencionar, mas nunca passou mais de um dia na cadeia sob qualquer acusação criminosa. Um dos promotores em um caso de assassinato contra seu tio por casamento morreu sob circunstâncias misteriosas, juntamente com a única testemunha, e ele ficou livre. Nada jamais foi comprovado. Você teve Monroe na cadeia por vários meses, enquanto seu advogado trabalhou para derrubar as acusações.

—Ele deve culpar a si mesmo por colocar meninas nas mãos de cafetões.

—Isso não é como ele vê as coisas. Disse que a garota estava morando na pobreza, em inanição. Estava apenas ajudando-a a encontrar uma vida melhor. Simples.

—Sim. Eu vi o resultado dessa vida melhor. — disse Jon sem dar mais detalhes, mas a expressão em seus olhos era eloquente. —Bem, eles podem retirar as acusações, mas ainda tenho testemunhas que vão depor. Uma delas é o homem que vendeu sua filha a Monroe.

—Esse é o problema. — Marquez fez uma careta. —A testemunha diz que não vai depor e retirou a sua declaração.

—Não há problema. — disse Jon. —Eu sei onde podemos encontrar mais três testemunhas da mesma família, duas das quais estão perfeitamente dispostas a testemunhar a despeito de qualquer ameaça de Monroe.

⁴ **Caminho das Lágrimas.** O Trail of Tears é um nome dado ao deslocamento forçado de nações nativas americanas a partir de partes do sudeste dos Estados Unidos após a Lei de Remoção dos Índios de 1830. A remoção incluiu muitos membros das tribos Cherokee Muscogee (Creek), Seminole, Chickasaw, e nações Choctaw, entre outros, nos Estados Unidos, de sua terra natal para o Território Indígena (seções leste do estado atual de Oklahoma). A frase se originou a partir de uma descrição da remoção da Nação Choctaw em 1831. Muitos nativos americanos sofreram da doença de exposição, e fome a caminho de seus destinos. Muitos morreram, incluindo 4.000 dos 15.000 deslocados Cherokee.

—Dê-me seus nomes e nós ajudaremos a localizá-los, assim você pode conseguir testemunhas, já que ele foi preso sob uma acusação federal.— Marquez respondeu. —Por que as testemunhas não se apresentaram antes?

—Porque caíram através das falhas. — disse ele. —Tivemos uma testemunha, o pai, que nos deu um depoimento, e a mãe, assim como uma irmã. O promotor federal não achou que precisava de mais do que um punhado. Agora o que fazemos. —Ele balançou a cabeça. —Espero que não vão pelo caminho da testemunha que deveria depor contra Jay Copper em seu julgamento sobre a morte daquele adolescente, no caso do senador Sanders. Ele acidentalmente caiu de um prédio de dez andares.

Marquez escreveu os nomes das testemunhas.

—Fazemos o nosso melhor. — disse defensivamente.

—Assim como nós, e não foi uma crítica. A menos que realmente seja psíquico, não pode prever um assassinato em sua cidade.

—Seria bom se pudéssemos. — Marquez suspirou. —Eu só espero que Monroe não ande por esses lados.

—Com as acusações federais caiu em um detalhe técnico. — disse Jon, rangendo os dentes no chamado tecnicismo, que envolveu uma ligação que caiu na cadeia de evidências. — as novas acusações pendentes podem ser mantidas em sua corte, se não pudermos trazê-lo para nosso tribunal. Você ainda pode pegá-lo por tráfico, no entanto. Nós vamos ajudar.

—Ele não vai passar por cima. Eu prometo. — estreitou os olhos. —Mas você verá por si mesmo.

—Você está dando muito crédito a Monroe. — disse Jon. —Ele é uma cerveja pequena de um pacote de seis. —franziu os lábios. —Talvez duas cervejas pequenas de um pacote de seis.

—Pode ser, mas é perigoso. Você o tem em uma acusação de tráfico. Mas ele trabalhou seu caminho para fora em outras numerosas acusações, incluindo um assalto a luz do dia. Que foi cometido quando era juvy— que significava “delinquente juvenil”. —, e passou uns dias na prisão antes de completar dezoito anos.

—Sim, ele conseguiu obter o status de réu primário e manteve seu nariz limpo até que seu registro foi apagado. — disse Jon. —Mas tinha 25 quando foi acusado na próxima vez, e tem um bom advogado, cortesia de seu chefe, Hank Sanders, o irmão do senador mafioso Will Sanders, que também é acusado de homicídio. — Ele sorriu. —Hank acabou por ser um bom rapaz. Ele salvou a bunda do meu irmão no impasse com Jay Copper, logo após Mac e Winnie voltarem de sua lua-de-mel.

—Uma lua-de-mel, tentando convencer a esposa do senador Will Sanders, Pat, a dizer o que sabia sobre o assassinato da esposa de Kilraven e sua filha. — Marquez se alterou.

—O que ela fez, mas Copper ordenou o assassinato da mulher de Mac. — disse Jon sombriamente. —Ele disse que o criminoso, o falecido Dan Jones, não foi ordenado a matar Melly, a filha de Mac, mas nunca acreditei nele. Um dos estúpidos capangas virou evidência do estado e confirmou que Copper disse a Jones para apanhar esposa e filha. Ele vai pagar pela morte de Melly e Mônica. O D.A. pediu a pena de morte.

—Boa sorte para ele. — o outro homem disse cinicamente. —Os jurados não gostam de encomendá-lo.

Jon concordou.

—Tive que assistir um caso de pena de morte uma vez. Você pensa: esse cara deve morrer pelo crime que cometeu. Mas quando você coloca o seu voto nisso, e percebe que está ordenando a morte do cara, bem que é uma coisa totalmente diferente.

—Uma questão de consciência pessoal. — concordou Marquez. —Uma decisão muito difícil de fazer, para qualquer ser humano. — Estudou Jon. —Mas é com você que estou preocupado. Monroe pode ser um idiota, mas ele tem um tio que é profundamente atolado na máfia local, Jay Copper, e um cunhado, que esteve saindo e entrando na prisão durante anos, Bart Hancock. Hancock passou sobre as acusações de cúmplice ligadas à prisão de Jay Copper, porque a fita onde Winnie Copper conta a história dos assassinatos desapareceu misteriosamente. Hancock tem sido apontado em duas conspirações em assassinatos de aluguel e nunca foi indiciado por acusações passadas. Ele garante que não há testemunhas.

—Há algo no fundo da minha mente sobre Hancock. Espere! Agora eu me lembro. — Jon disse. — Joceline desenterrou algumas informações sobre ele que eram supostamente confidenciais. Não pergunte. — ergueu a mão —, ela tem fontes. De qualquer forma, Hancock foi spec ops⁵ no Iraque durante a invasão de 2003.

—É isso mesmo. Ele trabalhou com uma empresa privada. Houve um grande alarde sobre as vítimas civis, e Hancock estava nele até o pescoço. Seu amigo era um oficial na corporação privada que dirigia os refúgios, e ele limpou o registro de Hancock para que ele não fosse processado. — suspirou pesadamente. — Dizem que ele matou crianças e gostou.

A mandíbula de Jon endureceu.

—O que é um amor.

—Entretanto, não é ele?

—Sim.

A mente de Jon estava ocupada. O homem que morreu, ligado ao assassinato de Melly, Dan Jones, era um grande mistério. Jon sempre se perguntou se o homem realmente ia confessar que tinha feito isso. Não parecia ser o tipo que matava crianças. Mas Jay Copper, especificamente o sobrinho, foi amigo do criminoso, e o cúmplice que ajudou o assassino a cometer os crimes nunca foi encontrado. E se ...?

—Você se lembrou de algo, não é mesmo? — O outro homem perguntou, notando a expressão facial de seu visitante.

Jon concordou.

—Sim, que havia dois atiradores na casa de Mac naquela noite. Mas só um foi identificado. A fita continha Jay Copper falando sobre seu sobrinho, Peppy, que ajudou Dan Jones a matar Monica. Ele disse que a criança ficou no caminho. Peppy foi questionado, mas de repente ele tinha um álibi supostamente hermético para aquela noite. Em seguida, a fita de Copper, onde Jay fala sobre Peppy ter feito parte no assassinato desapareceu da sala de provas ...

—Tinha esquecido isso. — Marquez abriu um arquivo em seu computador e seus olhos escuros se estreitaram enquanto lia o que estava na tela. —Peppy. Seu nome completo é Richard Bartholomew Hancock. E seu cunhado é Harold Monroe, que faz Monroe ser sobrinho de Jay Copper pelo casamento. Eu não tenho que lhe dizer a reputação de Copper para se vingar de alguém que trabalha contra a sua família. — olhou para Jon, cujo rosto tinha um olhar de espanto. —Você nunca fez a conexão, não é?

Tinha sido há quatro meses, o final da trilha, quando todos os suspeitos na morte de Dan Jones, e ao mesmo tempo, os assassinos da família de Kilraven, foram apontados. Apenas o senador Will Sanders e Jay Copper tinham sido presos e enviados a presídios para aguardar julgamento. Mas o homem, Peppy, tinha deslizado fora do laço com a ajuda de um advogado astuto e nunca foi acusado até mesmo como

⁵

Ramo do Exército dos EUA composta de soldados especialmente treinados no combate à guerrilha.

cúmplice, graças a essa fita em falta, que, através de um lapso lamentável, não havia sido copiada ou transcrita antes de ser roubada. Jay Copper negou o envolvimento com Peppy. O fato de que Kilraven e Winnie estivessem intimamente envolvidos ajudou a reduzir seu testemunho sobre o assunto. Pat Sanders, de repente voltou atrás em seu próprio testemunho, apesar dos esforços de Hank Sanders, irmão do senador, para persuadi-la a repeti-lo.

Harold Monroe foi preso por Jon sob a acusação de tráfico de seres humanos nem uma semana depois de Hancock Peppy ter se livrado da acusação de cúmplice de homicídio no caso Kilraven. Jon e Joceline trabalharam incansavelmente para encontrar as provas para conectá-lo com o tráfico, o que estavam investigando antes de sua prisão mais recente. Mas não, Jon nunca fez a ligação.

—Então, Harold Monroe pode ser um idiota — Marquez concordou —, mas Hancock não é. Você quer guardar as suas costas. Ele pode ter como alvo alguém perto de você, mas especialmente Joceline, desde que ela ajudou a obter provas contra ele. Seu tio Jay saberia que ela ajudou. Ele tem alguém na aplicação da lei alimentando-o com informações. Nós nunca fomos capazes de identificar quem.

Jon suspirou.

—Por que a vida é tão complicada?

Marquez indicou o escritório onde estavam, sentados.

—Esta é uma delegacia de polícia. Se quer respostas para questões filosóficas, deve consultar um psicólogo.

Jon olhou para ele.

—Muito obrigado.

Marquez sorriu.

—Disponha. Mais café?

Sabendo que Peppy, aliás Bart Hancock, possivelmente esteve envolvido no assassinato da filha de Mac, Melly, era como transportar dinamite acesa para Jon. Não sabia se devia contar a seu irmão sobre tudo, pelo menos não até que ele pudesse fazer a verificação um pouco mais. Se Marquez estava certo, e ele geralmente estava, isso significava que o assassinato da esposa e da filha de Mac não tinha sido completamente resolvido. Mac pensou que Jay Copper, o mandante do assassinato, havia sido levado à justiça e pagaria pela morte da criança. Mas se Peppy ajudou o falecido Dan Jones com o assassinato, seria outra lata de vermes. E Peppy foi casado com a irmã de Harold Monroe. Que confusão. Jon riu. De repente, uma ameaça tornou-se uma possibilidade real, e não apenas um perigo para si mesmo.

Ele voltou para seu escritório e sentou-se pesadamente à sua mesa, olhando para a parede oposta. Joceline o chamou pelo interfone e ele nem sequer ouviu. Estava doente do estômago.

Ela enfiou a cabeça pela porta e franziu a testa quando viu a expressão dele.

—Algo errado?

Ele balançou a cabeça e olhou para ela. Seus olhos negros estavam brilhantes.

—Entre e feche a porta. Tenho algo urgente pendente?

—Não. — Ela fechou a porta e sentou-se na cadeira desconfortável em linha reta na frente de sua mesa. Nenhum assento confortável para este chefe, ele não gostava de pessoas que excedem as suas boas-vindas. Ela estava desconfortável, também, e não apenas da cadeira. Iria demiti-la? Era um feixe de nervos ultimamente. Tinha uma reunião pendente com a professora de Markie e a dona da pré-escola sobre o seu comportamento. Iriam recomendar medicamentos, ela só sabia disso. Não tinha dinheiro,

nenhuma opção para mudar de escola para uma mais cara. Estava em uma situação desconfortável não gostou.

—Estou sendo demitida devido a cortes no orçamento? — Ela perguntou sem rodeios.

Ele observou sua expressão preocupada. Joceline era uma mãe solteira com somente as necessidades mais básicas e embora ela tivesse grandes possibilidades, podia levar algum tempo para encontrar um novo emprego.

—Claro que não. — disse de uma só vez.

Ela relaxou, apenas um pouco. Um sorriso um pouco tolo escapou de seus lábios.

—Desculpe. Eu me preocupo.

—A conversa sobre cortes no orçamento envolve viagens, e não pessoal. Pelo menos por agora. Temos toda a preocupação, mas até que eles apareçam com robôs que não se importariam de trabalhar em nossos horários, acho que estamos provavelmente seguros na medida em que o trabalho continua. — disse ele com uma tentativa de humor. —Eu preciso de alguém para conversar.

—Seu irmão não está. — disse ela e franziu o cenho. —Acho que temos um consultor de psicologia em um escritório em algum lugar ...?

—Não esse tipo de conversa. — disse ele rigidamente. —Não discuto questões pessoais, exceto com a família.

—Claro que não, senhor. — Ela sorriu distraidamente.

Ele odiava aquele maldito sorriso. Desviou os olhos.

—É sobre o assassinato da esposa e da filha de Mac.

— Jay Copper o ordenou e foi acusado por isso.

—Há um contratempo.

—Senhor?

Ele se recostou na cadeira com uma careta.

—Copper tem um sobrinho que possivelmente foi enviado juntamente com Dan Jones no ataque. — Ele também lembrou que Copper havia admitido ter ajudado Peppy a matar Dan Jones por sua deserção, não que eles pudessem provar isso sem que a fita desaparecida.

—Eu não estou surpresa. — respondeu ela. —Ele tem um monte de parentes idiotas. A maioria deles está passando por um momento difícil.

Olhou para ela.

—Bart Hancock não está. E ele é cunhado de Harold Monroe.

Ela estava muito quieta. O homem havia ameaçado o patrão dela, mas não o tinha ligado com o caso Kilraven.

—Bart Hancock.

—Ele é sobrinho de Jay Copper. Seu apelido é Peppy.

Ela soltou um suspiro.

—Oh, meu Deus. — disse ela, com reverência. Conhecia o nome e imediatamente fez a conexão, isso colocou um outro significado no aviso de Monroe, de que sua família iria se vingar de Jon Blackhawk. Se Peppy tinha matado uma criança ...

—Eu não posso falar com Mac sobre isso, ele ficaria louco. — disse. —E Winnie está em uma gravidez avançada. — acrescentou, aludindo a gravidez de sua cunhada.

—O que vai fazer? — Perguntou ela.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não sei. A menos que nós podemos brincar de ligar os pontos e encontrar alguém, qualquer um, ligado ao caso e que está disposto a testemunhar contra ele, eu não sei o que podemos fazer. A maioria das testemunhas foram mortas, incluindo Dan Jones e até mesmo sua namorada.

—Seu ministro falou com Dan Jones. — ela lembrou de uma vez.

—Sim, mas ele não chegou a falar com Dan Jones confidencialmente. — lembrou ela. —Então ele não sabe nada. É provavelmente a única razão que ainda está vivo.

Ela se sentia desconfortável.

—Harold de Monroe quer vingança por sua prisão.

Ele balançou a cabeça.

—Ele é um trapalhão notório.

—Ele conseguiu evitar a prisão em sua maior parte, até a acusação de sequestro.

—Só por causa de Jay Copper, que é um mestre da intimidação. — respondeu ele. —Mas Copper ainda está na prisão, aguardando julgamento, e mesmo ele não pode fazer muito intimidação em seu domicílio presente. Não que não possa contratar para fazê-la. — acrescentou pesadamente.

—Seu irmão tem um amigo nas operações especiais que manteve a mãe de Winnie Sinclair sob vigilância, quando estava em perigo investigando os assassinatos da família de Kilraven. — lembrou. — Talvez ele possa vigiá-lo.

Ele olhou para ela.

—Sou um agente sênior do FBI — lembrou-a friamente. —Não preciso de um guarda-costas!

Ela ergueu as duas mãos.

—Sem querer ofender, mas você não pode vigiar a sua volta o tempo todo.

—Sim, eu posso.

Ela o olhou ameaçadoramente.

—Há a questão da kryptonita aparecendo em lugares inusitados, Superman. — disse com franco sarcasmo.

—Não a chamei aqui para me insultar. — ressaltou.

—Você queria conselho. Estou lisonjeada que você valorize o meu. Aqui está. Não diga nada a seu irmão até que possa encontrar uma testemunha que sabe o que Bart Hancock fez, se ele realmente estiver envolvido no assassinato da família de Kilraven.

Ele recostou-se na cadeira. Era uma cadeira de couro, velha, e não realmente confortável, mas muito cômoda. Era estranho, pensou, para tal espécie rígida de homem espartano gostar de uma cadeira confortável à sua mesa, quando fornecia cadeiras duras para os visitantes. Mas então, ele era uma espécie de anacronismo dele mesmo.

—Suponho que esteja certa. — ele respondeu calmamente. — Particularmente, estava pensando quão difícil ia ser esse trabalho, encontrar alguém ligado ao caso que estivesse disposto a arriscar sua vida para testemunhar contra um assassino de crianças. Mesmo civis sabiam o que acontecia com os homens que iam para a prisão por esse crime em particular. Eles não duraram muito tempo encarcerados. Os outros presos não gostavam de assassinos de crianças.

—Você pode envolver Rick Marquez e Gail Sinclair. — ela aconselhou, se referindo a dois dos melhores detetives de homicídios na força policial de San Antonio. —Os dois estão familiarizados com o caso, e Gail realmente é psíquica. Ela poderia vir com alguma testemunha que não foi sequer considerada.

Ele se animou um pouco.

—Isso é um bom conselho.

—Sim, é. — ela pensou, sorrindo.

Olhou para ela.

—Não há razão para tornar-se vaidosa.

—Mas, senhor, eu tenho tantos motivos para estar vaidosa sobre isso. — disse com altivez. Seus olhos azuis brilhavam. —Quer saber o que os estilistas estão fazendo para a temporada de férias este ano? Saber sobre o último grito da moda em Paris?

Ele estava olhando mais irritado a cada segundo.

—Quando eu quiser saber essas coisas, ligarei para Cammy pedirei que envie sua candidata a casamento direito para me esclarecer. — disse sarcasticamente.

Seus olhos se arregalaram.

—Eu posso chamá-la para você. Agora, se quiser.

—Se você fizer isso, vai estar realmente à procura de um novo emprego. — declarou.

Ela encolheu os ombros.

—Okay. Mas não sabe o que está perdendo. Todas essas previsões de cores, mudanças de comprimento da saia ...

Ele se levantou.

—Fora! — Disse, apontando para a porta.

Ela levantou-se, também.

—Ingrato. — murmurou.

Ele veio ao redor da mesa. Era muito alto, pensou ela, quando parou a menos do comprimento de um braço longe dela.

—Você é uma fonte de sabedoria, de tempos em tempos, Joceline. — disse muito suavemente. — Temos nossas diferenças, mas você é um verdadeiro trunfo aqui.

Ela corou.

—Obrigada.

Ele olhou para seus olhos por mais tempo do que queria, e de repente estava ciente de uma nova tensão, uma energia nova que se arqueava entre eles.

Joceline sentiu seu coração pular para cima em sua garganta com a intensidade do seu olhar. Ela não conseguia afastar os olhos para longe, e um grande choque disparou dentro dela como uma alegria quase tangível.

Seus olhos se estreitaram quando ele sentiu o mesmo impacto de prazer. Sua mandíbula se contraiu visivelmente.

—Seus olhos são do tom de azul mais estranho que já vi. —ele observou calmamente. —Quase um azul royal.

—Os seus são negros. — respondeu ela, procurando-os.

—Sim. — Involuntariamente, sua mão, magra e bonita, apareceu e tocou seu rosto corado. —Isto é muito perigoso. — disse ele em um tom profundo e aveludado. —Eu poderia pensar nisso como um convite.

—Poderia apontar que o problema que você está é convidativo. — respondeu e deu um passo atrás. Havia razões para que ela nunca poderia deixá-lo mais perto do que o comprimento do braço. —Minha legião de admiradores masculinos cairiam em cima de você como moscas no mel e quebraria-o membro a membro. Não só isso, há essa famosa e estrela de cinema, lindo que me liga três vezes ao dia ... e lá está

ele, no telefone de novo! — Exclamou, e quase saiu correndo do escritório para atender o telefone em sua mesa.

Ele ainda estava rindo quando fechou a porta.

Tinha sido uma fuga apertada. Os joelhos de Joceline ficavam fracos no resto do dia cada vez que olhava para o lindo chefe dela. Evitou olhar diretamente para ele, porque tinha medo que estivesse certo: ela tinha sido um convite a problemas.

Por outro lado, ele tocou seu rosto. Foi o único que chegou tão perto dela. Foi apenas a segunda vez em seus anos juntos, que ele se aproximou dela em um íntimo caminho, embora não fosse realmente íntimo. E ele não se lembrava da primeira vez. Esperou, orou, mas ele nunca lembrou.

Uma hora depois, ainda sonhando com seu chefe, Joceline estava alimentando dados para o computador quando a funcionária de meio período, Phyllis Hicks, parou em sua mesa com uma pergunta.

—Esses formulários são tão chatos. —reclamou ela. —Meu pai trabalha no departamento de homicídios em San Antonio P.D. e fico olhando para as fotos da cena dos crimes. —Seus olhos brilhavam estranhamente. —O assassinato é uma coisa tão excitante, você não acha?"

—Assassinato?

Phyllis mudou.

—A investigação, quero dizer. Você começa a pegar os criminosos. Meu pai é realmente bom nisso.

—Quem é seu pai?

—Seu nome é Dave Hicks, ele trabalha com Marquez. — fez uma careta. —Não gosto Marquez em absoluto.

Isso foi uma surpresa. A maioria das pessoas gostavam dele. A maioria das mulheres o achavam atraente.

—Claro, ele não é meu pai de verdade. — acrescentou. —Meu pai real é especial. Ele pensa de forma diferente, criativa. Não tem medo de nada. — riu. —Ele me permite fazer coisas com ele. É muito emocionante. —Ela se conteve e deu um sorriso radiante a Joceline. —Desculpe, eu me deixei levar. Agora sobre esses formulários, eu tenho que preencher todos os espaços?

Joceline disse a ela como inserir as informações, mas muito tempo depois que Phyllis voltou para suas tarefas de digitação, Joceline sentou-se calmamente na cadeira. Sentia-se vagamente desconfortável com a jovem. Era normal uma pessoa desfrutar olhando as fotos de um crime? Elas deixavam Joceline muito doente. Uma vez mesmo vomitou quando viu uma em um arquivo que envolvia a morte violenta de uma jovem mulher que tinha ameaçado o senador Will Sanders. A mulher havia sido brutalmente assassinada, um crime pelo qual Jay Copper foi acusado. Mas Phyllis gostava deles?

Não havia explicações para gostos, ela supunha, e lá estava a famosa investigadora forense, Alice Mayfield Jones Fowler, que realmente entrou em seu trabalho em cenas de crime e nunca parecia se incomodar com o que tinha que ver. Por outro lado, Alice não achava cenas de assassinato emocionante, nenhuma.

—Nunca vou caber nesta sociedade moderna. — Joceline murmurou para si mesma. Ela não entendia o fascínio com a morte, com zumbis, vampiros com ...

Bem, ela adorou a trilogia de filmes muito popular de vampiro, de modo que não era bem verdade. Talvez Phyllis estivesse apenas exagerando. Ela podia nunca ter visto uma foto da cena do crime. Estava trabalhando em um escritório que lidava com crimes violentos, por isso, talvez fosse esperado que ela se sentisse sendo animada com o processo de resolução de crimes.

Joceline balançou a cabeça e voltou ao trabalho.

Quando chegou o horário de partir, pegou sua bolsa, desejou boa-noite através da porta fechada e quase correu para fora do edifício. Teve o suficiente para o dia, depois das perguntas estranhas de Phyllis.

Mesmo o fato de que ela tinha uma reunião preocupante com os funcionários da escola no dia seguinte foi menos preocupante do que o comportamento estranho de seu chefe. Joceline possuía segredos escuros. Ela não tinha nenhum desejo de exibi-los, muito menos para Jon Blackhawk.

CAPÍTULO 5

O diretor da escola, Sr. Morrison, e a professora de Markie, a Sra. Rawles, foram muito amáveis sobre ele. Mas foram enfáticos que as travessuras de Markie eram perturbadoras e que ele precisava de medicação para impedi-lo de ser uma distração para os outros estudantes.

Joceline apenas olhou para eles. Não concordava ou discordava.

—Gostaríamos de sua garantia de que este assunto será resolvido. —Morrison disse gentilmente. — O seu pediatra pode receitar para Markie uma medicação para controlar suas explosões.

Ela sorriu sem entender.

—Em outras palavras, você quer que eu vá até meu médico e o peça para colocar o meu filho de quatro anos sob medicamentos?

Ficaram chocados, pareciam indignados.

Ela levantou-se, ainda sorrindo.

—Vou ter uma longa conversa com meu filho. Também vou falar com o nosso médico. Nós não temos os recursos para pagar um pediatra, lamento dizer-lhes. As visitas de Markie ao hospital são caras, e temos um alergista, além de um médico familiar, mas estamos bastante limitado em nosso orçamento. Tenho que ter atendimento médico para nós dois, e um médico familiar é o melhor que podemos fazer agora.

Eles ainda estavam sem palavras.

—Eu vou, no entanto, falar com meu médico sobre sua insistência em que Markie precisa se tornar dependentes de medicamentos. E se o meu médico concordar com você — acrescentou docemente —, então eu vou encontrar um outro médico para minha família.

—Uh, senhorita., isto é, quero dizer, sra. Perry. — Mr. Morrison gaguejou.

—Eu acredito que a designação politicamente correta é senhorita. —disse ela amavelmente.

—Nós só pensamos que Markie, sendo tão jovem, precisa de alguma ajuda com a sua dificuldade em se concentrar ...

—Isso mesmo, senhor, certifique-se que cada criança obedeça sem questionar para que os professores não tenham de lidar com quaisquer problemas de comportamento.

Ele a olhou.

—Srta. Perry ...!

—Em nossa defesa — disse a srta. Rawles gentilmente —, a nossa classe tem 35 alunos. Estamos no mesmo barco em que outras escolas, onde os professores têm que gerenciar salas de aula com 30 a 40 alunos. Fazemos o melhor que podemos. Realmente nos preocupamos com nossos alunos. Mas é tão

difícil ensinar quando temos crianças que simplesmente não podem prestar atenção. Markie é perturbador. Ele não pode ficar parado, fala fora de hora, entra em coisas ...

Joceline estudou-a.

—Você tem filhos, Srta. Rawles?

—Não sou casada. Certamente não iria colocar o estigma da ilegitimidade em meu filho. — disse a outra mulher de uma só vez, e depois corou, porque percebeu que Joceline teve um filho fora do casamento.

Joceline sorriu, mas não estava feliz com o comentário.

O diretor limpou a garganta.

—Tenho certeza de que tudo o que você e seu médico decidir estará bem para nós.

—É claro. — disse a Srta. Rawles, obviamente angustiada. —Sinto muito. Eu nunca deveria ter dito uma coisa dessas para você!

Sua atitude trouxe o seu temperamento à tona. Ela devia ver o seu lado da questão, também.

—Na verdade, Markie gosta muito de você, e eu também. — Joceline cortou. —Está tudo bem. Muitas pessoas disseram coisas piores sobre mim. Seu pai era um homem muito bom. Nós tínhamos bebido muito e fizemos algo fora do normal para nós dois. Ele desapareceu em ação em uma missão no exterior, antes de podermos nos casar. — acrescentou gentilmente, dizendo a mentira com a confiança de anos em manter segredo.

Os dois funcionários da escola pareciam culpados.

—Uma tragédia. —a srta. Rawles falou por ambos. —O mundo está mudando muito rapidamente. Às vezes, novos conceitos são difíceis.

—Eu vou à igreja, e levo Markie, todos os domingos. — disse ela com um sorriso silencioso. —Todo mundo comete erros. Alguns são mais difíceis de viver do que outros. Mas eu amo meu filho. Sinto-me abençoada por tê-lo.

Ambos se animaram.

—Ele é um garotinho inteligente.

—É por isso que ele está em tudo, é curioso. — Joceline respondeu. —E já discuti isso com o nosso médico. Ele está pesquisando medicamentos, mas diz que a disciplina pode ser uma escolha melhor do que os medicamentos no caso de Markie. Não quero dizer bater nele com um bastão para chamar sua atenção. — acrescentou. —O médico diz que as crianças hiperativas precisam de coerência e de rotina e um limitado número de brinquedos que os impeça de serem estimulados. Há muitos novos estudos em ambos os lados da questão, mas eu prefiro pelo menos tentar a medida menos drástica em primeiro lugar. Se não conseguir resultados, então vou ter que considerar outras opções. Compromisso — acrescentou com um sorriso. —, é o alicerce da civilização.

—É. — o sr. Morrison concordou, levantando-se. Pareceu relaxar um pouco.

A srta. Rawles levantou-se, também, e sorriu.

—Peço desculpas novamente por minhas observações.

—Está tudo bem. — disse Joceline novamente. —Vai me deixar saber se a situação não melhorar? — perguntou à professora.

A srta. Rawles assentiu.

—Sim, eu vou. E obrigada por ter vindo falar conosco. Eu sei que seu trabalho exige longas horas.

—Seu trabalho? —o sr. Morrison perguntou curiosamente.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Ela trabalha para o FBI. — a srta. Rawles disse com um sorriso, olhando para o rosto chocado do sr. Morrison.

—Meu Deus! — Ele deixou escapar. —Eu não tinha ideia.

—Não estou envolvida na aplicação das leis federais. — disse ela. —Só faço a papelada que ajuda a prender criminosos condenados. Eu mantenho as engrenagens lubrificadas.

Ele riu.

—Que interessante! Vamos ter um dia de profissão aqui em novembro. Talvez você gostaria de falar sobre seus deveres?

—Eu gostaria. — disse ela —, mas o meu patrão é muito rigoroso. Pode não gostar.

—Não gostaria de colocar você em problemas com ele. — respondeu ele. —Mas pense nisso.

—Eu vou. Obrigada a ambos por serem tão compreensivos.

—Tenho duas filhas na escola. O sr. Morrison disse. —Sei como as crianças podem ser. — Ele ficou muito quieto. —Uma de minhas filhas tomou Ritalina por causa do ADD. —acrescentou, referindo-se ao transtorno de déficit de atenção.

Joceline queria muito perguntar, no que isto resultou. Mas havia algo no rosto do homem que a impediu. Ela agradeceu novamente, despediu-se e foi pegar Markie na creche.

No dia seguinte, ela mencionou a observação do diretor, de propósito, ao agente Blackhawk.

—Morrison. Sim, o diretor da escola. Triste história.

—Senhor?

—Sua filha mais velha está no último ano da escola. Ela foi presa por posse de substância controlada Classe I e condenada por intenção de distribuir. Está em liberdade condicional como um réu primária. Sua mãe morreu de uma overdose.

Joceline ficou chocada.

—Você não ouviu isso de mim. — acrescentou. —Não discutimos casos trazidos por outras agências. Neste caso, San Antonio P.D.

Seus olhos azuis brilharam.

—Bem, a professora de Markie fez uma observação que atingiu a minha ferida, mas me manteve calma. Não posso deixar que tudo o que penso apareça no meu rosto, mas ...

Ele balançou a cabeça.

—Srta. Perry, você é um anacronismo.

—Como?

—Seria preciso mais tempo do que tenho para explicar. —respondeu, consultando o relógio. —Estou atrasado para uma reunião no escritório do SAC.

—E tenho trabalho a fazer.

Ele franziu os lábios.

—Algumas pessoas considerariam “trabalho” fazer o café.

Ela sorriu, o que ele pensava ser sua marca registrada.

—Algumas pessoas considerariam o tomate uma fruta.

—O tomate é uma fruta.

Ela fez uma careta e voltou para sua escrivaninha.

Markie queria jogar seu jogo de videogame. Fez uma careta quando sua mãe começou a falar sobre sua atuação em sala de aula e sua incapacidade de ficar quieto.

—Ninguém gosta de mim. — ele murmurou.

—Sim, eles gostam. Mas quando você não fica em sua mesa, traz um monte de problemas para sua professora. Você não é o único aluno que ela tem.

Ele suspirou.

—É tão chato lá. — disse. — Já sei tudo isso. Mas eu sou mais jovem do que as outras crianças, e eles zombam de mim quando não posso correr como eles podem, por conta dos meus pulmões.

Ela sentiu que a dor fazia todo o caminho até seus sapatos, mas sabia, por experiência longa e dura que os agressores eram um fato da vida em qualquer idade. A menos que o bullying começasse a ter repercussões perigosas, descobriu que era melhor deixar Markie lidar com esses problemas por si mesmo. O que ele fez. Uma vez, quando uma criança mais velha tentou forçá-lo a desistir do dinheiro de seu bolso, gritou: "Ladrão!" com toda força de seus pulmões até que o diretor veio. Foi repreendido, mas o valentão teve problemas também. Ele nunca tentou extorquir dinheiro de novo. Para um garotinho doente, Joceline pensava orgulhosamente, Markie tinha um espírito forte e valente. Ele não tinha medo de nada.

—Por que você está sorrindo? — Perguntou ele.

—Estou muito orgulhoso de você. — disse ela. —Seu pai estaria orgulhoso de você, também, pela maneira como se controla quando as pessoas tentam atormentá-lo.

—Meu pai era valente, não era?

—Muito corajoso. — ela respondeu.

—Não temos nenhuma foto dele?. — Perguntou.

Esta questão era perturbadora. Sabia que só ficaria mais difícil com o passar do tempo.

—Não, eu não tenho. — disse com sinceridade. —Eu realmente sinto muito, Markie.

—Ele se parece comigo?

Ela estudou-o com um sorriso triste.

—Só um pouco. — disse, e escondeu o alívio.

—A maioria das outras crianças têm pai para levá-los a lugares. Eu gostaria de tê-lo conhecido.

Ela o pegou e abraçou-o perto.

—Eu desejaria que você tivesse, também.

—Você gosta do seu chefe, não é? —perguntou quando ela o colocou para baixo.

Ela se sentiu ruborizar.

—Ele é muito bom.

—Ele joga videogame como nós. — disse ele.

—O irmão dele também joga.

—Você não joga muito. — acusou.

Ela se inclinou e beijou sua testa.

—Tenho que fazer trabalhos domésticos. As mães são pessoas ocupadas. Mas jogo com você nos finais de semana, não é?

—Sim. Você joga. —Ele sorriu para ela. —E eu te derroto.

—Toda vez. — ela concordou com uma risada.

—Eu poderia deixá-la ganhar da próxima vez. — disse ele, pensativo.

—Você pode?

Ele começou dar a sua resposta brincalhona quando o telefone tocou.

Joceline pegou o receptor, ainda rindo da brincadeira de Markie.

—Alô?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Houve uma pausa. Estava frio e inquietante.

—Alô? — perguntou de novo.

—Seu chefe é o primeiro. — a voz rouca disse. —Então você.

—O quê? — Exclamou.

Um tom de sinal de linha foi a única resposta que teve. Queria achar que foi um erro, um número errado. Mas sabia que não era. Sentiu calafrios com as palavras ameaçadoras.

—Quem era, mamãe?

—Apenas um número errado, meu bem. — disse, e forçou um sorriso. —Tenho que ter suas roupas prontas para a escola amanhã. Estarei na lavanderia.

—Ok. — disse ele distraidamente, já perdido no seu jogo de vídeo.

Joceline fechou a porta da sala de jogos e se encostou na parede com os olhos fechados. Não conseguia se lembrar de ter sentido tanto medo.

Quase ligou para seu chefe para lhe dizer sobre a ameaça, mas pensou que já o tinha envolvido demais em sua vida privada. Não era uma boa política, levar problemas domésticos para o trabalho. Não queria prejudicar seu trabalho, ou ela própria. Não o queria em torno de Markie.

Por outro lado, tinha uma suspeita secreta sobre a identidade de seu interlocutor. Não podia provar. Ela só ouviu a voz de Harold Monroe uma vez, quando ele ligou para dizer descaradamente a seu chefe que estava fora da cadeia. Estranho, porém, a voz parecia mais profunda do que a de Monroe. Mas podia tê-la disfarçado.

A chamada a incomodava. Então, lembrou dos compromissos do dia do sr. Blackhawk e notou que ele tinha 10 minutos livres antes de ir a um tribunal federal para depor em um caso. Entrou em seu escritório e fechou a porta.

Ele deu-lhe um olhar surpreso.

Sentou-se em frente a mesa dele.

—Sinto muito, mas eu tive um telefonema ontem à noite, e embora eu não posso jurar sobre a identidade do interlocutor, acho que pode ter sido Harold Monroe.

Ele sentou-se reto. Seus olhos negros se estreitaram.

—O que ele disse?

—Que você seria o primeiro e eu era a próxima.

Sua expressão era difícil de ler.

—Você tem uma secretária eletrônica no seu telefone?

Ela assentiu com entusiasmo.

—Oh, sim, senhor, e um rádio transmissor e uma TV de plasma, um par de carros esportivos ...!

—Srta. Perry. — disse ele secamente.

—Desculpe, senhor. Me esqueci. Não vai acontecer novamente. — Fez uma cruz sobre o coração.

Ele balançou a cabeça.

—Não é um assunto engraçado.

—Não estava rindo. É só que não tenho o orçamento para esse tipo de equipamento. — disse com um rosto sério.

—Deveria ter sabido disso.

Provavelmente sim, mas, então, ele e seu irmão, para não mencionar sua violentamente raivosa mãe, valiam milhões, se a fofoca fosse verdadeira. Não tinha dúvidas de que ele poderia entrar na loja de

eletrônicos e comprar o artigo mais caro que continham, sem pestanejar. Joceline estava em um orçamento muito mais rigoroso.

—Você vive em um prédio de apartamentos sem segurança. — disse ele, pensando em voz alta.

—Temos fechaduras nas portas e um telefone.

Ele olhou para ela.

—Fechaduras mantêm as pessoas honestas no lado de fora. Isso é tudo o que fazem.

Ela cruzou as mãos no colo.

—Ao longo dos anos que trabalhei aqui — ela começou —, eu ouvi um monte de gente fazer ameaças. Não sei de uma única que realmente se transformou em um incidente.

—Sim, sei o que devo fazer. — disse ele secamente. —Não vou correr riscos com a sua vida, ou a do seu filho.

—Era na sua vida que eu estava pensando. — disse ela calmamente. —Ele tem um motivo para querer prejudicá-lo.

As sobrancelhas dele se arquearam.

—Está realmente expressando preocupação com meu bem-estar, Srta. Perry? — Ele perguntou com falso espanto.

—Sim, senhor. — disse calmamente. —É muito difícil treinar um chefe para não esperar impossivelmente por tarefas domésticas. — acrescentou ela com um brilho nos seus olhos azuis. —Não estou ansiosa para treinar alguém novo.

Ele riu baixinho.

—Touché. — olhou para o relógio e se levantou. —Vou conversar com algumas pessoas e ver que tipo de arranjos que posso fazer para que alguém fique de olho em você depois do trabalho.

—No nosso orçamento, senhor, provavelmente teremos recursos para um menino de dez anos de idade, em um casaco com um desses kits de espião júnior.

Ele realmente olhou para ela então.

—Meu irmão tem todos os tipos de contatos sombrios que nunca ouvimos falar. Tenho certeza que, pelo menos, um deles lhe deve um favor. Rourke me vem à mente.

—Não. — disse ela ao mesmo tempo. —Eu não terei um caolho lunático em qualquer lugar perto de mim!

As sobrancelhas dele se arquearam. Ela raramente era tão franca sobre qualquer uma das pessoas que vieram através do gabinete.

—Ele é muito bom em segurança privada.

Sua mandíbula se apertou com tanta força que se tornou saliente.

—Bote para fora. — ordenou.

Ela se mexeu, inquieta.

—Ele disse que eu deveria ser amordaçada e trancada em um armário.

Ele teve que abafar um riso.

—Posso perguntar o que o levou a fazer tal comentário?

Seus olhos o evitaram.

—Ele zombou dos meus sapatos.

Ele olhou para baixo. Ela estava usando as sapatilhas de balé que normalmente usava para trabalhar, ruim para o peito do pé, mas extremamente confortável — e acessível.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Alguns de nós não conseguem comprar Neiman Marcus, mesmo com um bom salário do governo.
— disse, ainda aborrecida meses após que o comentário foi feito.

—Rourke estala as canelas e acha que está sendo divertido.

—Ele vai estalar longe de mim se fizer outra observação como essa. — disse ela secamente.

Ele riu.

—Vou ver se alguém deve um favor a Mac.

—Soou como Harold Monroe, mas não posso provar. Ele estava, provavelmente, jogando uma verde, para ver se poderia me assustar. E sabia que eu diria o que ele disse — acrescentou. Ela hesitou. —Senhor, realmente poderia usar alguém para vigiar a sua volta. Monroe pode ser um idiota certificável, mas tem ligações familiares que não são.

—Estou ciente disso.

—Não se ofenda. — disse quando ele a olhou irritado. —Vocês, do FBI, sempre acham que são os maiores, os piores cães do quarteirão e, geralmente, estão certos. Não gosto de funerais. — acrescentou com firmeza.

—Ou de treinar novos chefes.

Seus olhos brilhavam.

—Exatamente.

—Vou fazer o meu melhor para permanecer vivo. — Ele saiu pela porta e hesitou. —Se o meu irmão ligar, diga que quero falar com ele. Estarei de volta depois das duas.

—Realmente notei isso, senhor — acrescentou agradavelmente —, tendo notado no seu calendário.

Sua mandíbula se fechou.

—Você não vai se atrasar para o tribunal? — Perguntou ela. — A sessão de hoje também é com o juiz Cummings, não é, e ele não gosta do FBI. —sorriu angelical. —Não seja educado, senhor.

Ele murmurou alguma coisa baixinho.

—Senhor —ela exclamou. —Este é um escritório do governo ...!

Ele estava fora da porta antes que ela pudesse terminar a frase.

Betty Rimes constantemente se divertia divertia com os contínuos ataques verbais de Joceline contra seu chefe.

—Ele poderia simplesmente demiti-la. — Betty assinalou.

—Ele não se atreveria. Há muito poucos assistentes jurídicos trabalhando fora do sistema judicial, onde será que ele alguma vez encontraria alguém para me substituir? —Joceline perguntou, divertida.

—Temos uma assistente administrativa de meio período. — ela lembrou severamente. —E Phyllis Hicks se oferece para fazer café para o patrão.

—Não faço tarefas domésticas. — Joceline reiterou. —Não está na minha descrição do trabalho.

Betty tomou um gole de café.

—Sim, mas querida, ela trabalha pela metade do que eles pagam a você. — acrescentou preocupada. —É uma economia estagnada. Assim, muitas pessoas estão sem trabalho.

Joceline não deixou mostrar sua inquietação. Apenas sorriu.

— O sr. Blackhawk está acostumado comigo e não gosta de estranhos.

—Isso é verdade. É só que ele não faz as grandes decisões orçamentais.

Joceline olhou para ela.

—O que sabe que não está me dizendo?

Betty mordeu o lábio.

—Provavelmente não é nada ...

—Diga-me.

—Ouvi um dos agentes sênior discutindo sobre alguma coisa que o sr. Grier disse na hora do almoço.

— Garon Grier era agora o agente especial encarregado do escritório central de Jacobsville, e ele frequentemente aparecia no escritório de San Antonio para almoçar com o SAC⁶ de San Antonio — O sr. Grier foi questionado sobre os rumores que iriam reduzir o seu pessoal de escritório, e nosso próprio SAC, aparentemente, perguntou surpreso se podíamos nos contentar com um assistente administrativo para o Esquadrão de Crimes Violentos, e com um assistente de meio período.

Joceline não se moveu. Ela olhou para a outra mulher com crescente horror. Betty estava no escritório por um longo tempo, mais de 10 anos, e tinha tempo de serviço.

—Disse que provavelmente era só conversa. Ele poderia até mesmo estar fazendo uma brincadeira. Por favor, não se preocupe. —Betty disse gentilmente. — Provavelmente irão aparecer com alguma outra ideia para economizar dinheiro, cortando o nosso orçamento de viagem. Só não queria que a pegassem inesperadamente. Você é uma grande assistente jurídica. Sei que o juiz Cummings a levaria em um segundo para seu escritório, ou a assistente da promotoria a levaria para o dela.

O que era verdade. Mas não importa o quão fosse boa a condições de trabalho, ou grande o pagamento, os escritórios não conteriam Jon Blackhawk. Embora isso pudesse ser uma coisa boa, em alguns aspectos, isso era devastador em outro.

—Joceline, você não vai perder o emprego. — disse Betty, seu tom de voz tranquilizador. —O SAC e o Sr. Blackhawk iriam lutar por você.

Eles iriam. Sabia disso. Apesar de sua insistência sobre os parâmetros de seus deveres, ela era boa no que fazia, e nunca relaxava ou evitava trabalho. Houve aqueles momentos inevitáveis quando estava atrasada para o trabalho ...

Ela olhou para Betty, preocupada.

—Chego tarde, às vezes.

A mulher mais velha foi simpática.

—Todo mundo sabe o porquê. — disse ela surpreendentemente.

—O quê?

—Sabemos que seu filho tem problemas médicos. — a mulher mais velha respondeu com um sorriso.

—Mas eu nunca disse a ninguém —gaguejou. —Quero dizer, o Sr. Blackhawk apareceu quando tive que levar Markie para o hospital — começou ela.

—E disse a todos nós. — disse ela. —Ele não queria que ninguém imaginasse que você perdeu o trabalho por algum motivo fútil. Ele é muito apaixonado por você, a seu modo. Vê-lo reagir a você é engraçado. Você levanta as suas costas, como dizem.

—O mantenho sobre a ponta dos dedos. — Joceline riu. —Ele realmente tende a ficar incomodado.

—Oh, o café! — Phyllis disse, sorrindo. —Posso tomar algum, também?

—Claro, sente-se. — Joceline convidou. Notou as roupas da mulher mais jovem, que parecia o tipo de coisa que Cammy Blackhawk usaria. Mas Phyllis disse que seu pai era detetive e Phyllis estava na

⁶

Special Agent in Charge – Agente Especial Encarregado

faculdade em meio período. Onde é que conseguia o dinheiro para roupas caras? Talvez Joceline estivesse apenas cansada e ficando irritada por questões menores.

—Estávamos conversando sobre a nossa carga de trabalho. — comentou Betty.

—É muito chato. — disse Phyllis. —Desejo ser um detetive, como meu pai, e começar a ir para as cenas de crime.

—Você assiste muitos programas sobre crimes, Phyllis. — Betty riu.

Phyllis deu-lhe um olhar vazio.

—Você sabe, esses programas forenses que lidam com evidências residuais para resolver grandes casos. — disse Joceline amavelmente. —Chamam isso de ficção.

—Então, muitas pessoas não sabem a diferença. — Betty suspirou. — Agora, os jurados até discutem sobre as pistas com os advogados, sobre a evidência de rastros em julgamentos de assassinato. Eles assistem a um programa de televisão algumas vezes e acha que estão qualificados para se pronunciarem sobre evidências patológicas.

—Sim, não é nada parecido com o que eles mostram na televisão. — disse Phyllis. —Os corpos são tão limpos e arrumados. Na vida real, o sangue está em toda parte. Ele espirra ao redor como tinta de pintura... —parou porque estavam olhando para ela silenciosamente. —Oh, meu pai me permite olhar para fotos de arquivo, às vezes. — disse rapidamente. —Para ensinar-me como a evidência é realmente reunida.

—Percebo. — disse Betty, mas ela estava visivelmente desconfortável.

—Alguns desses shows são um pouco demasiado gráfico para mim, especialmente quando o meu filho pode entrar e ver algo que lhe daria pesadelos. — Joceline disse com um sorriso.

—Eu nunca fui sensível, mesmo quando era pequena. — Phyllis zombou. —Esse caso de assassinato que nós trabalhamos com o Sr. Blackhawk era realmente fascinante, aquele no qual Jay Copper foi preso. — acrescentou ela, de repente. —Você não está trabalhando com um arquivo sobre esse homem, Hancock? Escavando para levantar informações sobre o seu passado?

—Estou tentando apressar as coisas. Recebi algumas fichas de acusação de San Antonio P.D. esta manhã. Elas estão na minha mesa. Não tive tempo para introduzir as informações. Talvez tenha que levá-las para registrar em casa.

—Acho que uma ficha de acusação é perda de tempo. — disse Phyllis.

—Muito.

—Esse caso triste, os assassinatos Kilraven. — disse Betty. —Imaginem, alguém matar uma criança assim.

—Crianças, adultos, uma vida é uma vida. — Phyllis encolheu os ombros. —Todos eles morrem mesmo.

—Você tem uma visão diferente quando tem uma criança. — disse Joceline tensamente.

Phyllis deu um sorriso.

—Bem, é claro que você tem.

Betty bebeu mais café.

—Eu me preocupo com as ameaças de Monroe. — disse ela sombriamente. — O sr. Blackhawk parece pensar que é uma piada, mas o homem é perigoso. O tio de sua esposa o ensinou a ser um monstro, e seu cunhado é um terror.

Joceline assentiu.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

— Jay Copper irá passar por algum tempo difícil, se ele conseguir evitar a agulha. — acrescentou significativamente. — Imagine, condenado pela morte de uma mulher e uma criança pequena!

— E tenho certeza que foi ele que o ordenou, apesar de todas as suas negações. — Betty disse severamente. — Dan Jones pode ter feito o assassinato real, mas Jay Copper estava por trás dele. Se eles podem simplesmente condená-lo, é a coisa. Espero que o condenem.

— O sr. Blackhawk deve se encontrar com um informante esta noite às sete. — Joceline disse pesadamente. — Ele se recusa a ter um guarda-costas. Não acha que Monroe é uma ameaça.

— Isso é imprudente. — disse Betty. — Olhe o que aconteceu com o detetive Marquez, quando foi ao encontro de alguns informantes obscuros.

Marquez foi pego de surpresa e hospitalizado. Joceline estava inquieta sobre a reunião desta noite.

— O sr. Blackhawk tem sorte.

— Oh, tenho certeza que vai dar tudo certo. — disse Phyllis levemente. Ela olhou para seu relógio muito caro. — Puxa, eu tenho que voltar ao trabalho. Obrigada pelo café.

Ela saiu sem colaborar com a vaquinha que ajudava a pagar os fornecimentos da cantina. Sem uma palavra, Betty tirou uma nota do bolso e colocou-a no recipiente.

— Os jovens. — Ela suspirou.

Joceline sorriu.

— Você é legal.

— Obrigada. Você também é.

— Espero que possam condenar Jay Copper pelo assassinato da pequena Melly Kilraven. — Joceline disse calmamente. — Kilraven ainda não o superou — acrescentou suavemente —, embora ele e sua mulher, Winnie, estejam esperando um bebê por volta do ano novo. — Ela sorriu. — Que presente de Natal teremos este ano se ela entrar em trabalho de parto prematuro!

— Natal! — Betty exclamou. — Eu ainda nem sequer comecei a fazer compras!

— Não é nem mesmo dia de ação de graças ainda. — ela se lembrou.

— Sim, mas costumo ter tudo comprado em agosto. — riu. — Eu sou eficiente no trabalho. Desejaria ser tão eficiente fora dele.

Joceline riu também.

— Bem, todos nós fazemos o que podemos.

O telefone tocou. Joceline ficou de pé.

— De volta ao trabalho. Muito obrigada pelo alerta. — acrescentou em um tom suave. — Pelo menos se eu for cortada, vou estar um pouco preparada. Talvez eu deva começar a preparar um currículo.

— Espere — Betty aconselhou. — Muito disso é somente conversa. Não acho que o escritório pode operar com apenas um levando uma carga de trabalho de um esquadrão, e apenas um funcionário em meio período para o Sr. Blackhawk tudo de uma vez. Teria um colapso nervoso. E não consigo convencer as pessoas a falar comigo assim que puder. Você é maravilhosa na pesquisa para levantar informação.

Joceline franziu os lábios.

— Posso fazer isso. — ela concordou. — Talvez haja trabalho para um Skip Tracer. — acrescentou, indicando uma linha de trabalho que envolvia pesquisas para levantamento de informação para os detetives. — Poderia ficar bem em um casaco.

Betty riu de novo.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Pouco antes de sair no seu horário, o telefone tocou quando Joceline estava recolhendo as coisas em sua maleta para levar para casa, inclusive o longo arquivo de Bart Hancock.

Joceline pegou o telefone.

—Alô?

—Meu amor! Já faz tanto tempo!

Ela conheceu a voz. Seu sotaque Sul-Africano era inconfundível. Imaginou um rosto áspero, bronzeado, com um tapa-olho e cabelos loiros em um longo rabo de cavalo.

—Rourke. — murmurou.

—Sabe que está feliz por me ter de volta. — disse com voz arrastada. —Adivinha o quê? Eu vou ser a sua sombra por algumas semanas. Ou até o candidato a criminoso deixar de fazer ameaças, pelo menos.

—Mal posso esperar. — respondeu ela. —Você tem armadura?

Ele hesitou.

—Como?

—Armadura — enfatizou. —Equipamento de choque.

—Não. Mas eu posso pedir alguma emprestada. Por que preciso disso?

—Se tentar ser minha sombra, vou esfregar gordura urso em cima de você e abrir a gaiola do leão no zoológico. — disse docemente.

Houve uma risada, lenta e profunda.

—Joceline, meu amor, tenho dois leões domésticos que vivem comigo em minha casa na África do Sul. Não fico intimidado por grandes felinos. No entanto, se você quiser me esfregar todo com gordura de urso — acrescentou em um tom profundo e aveludado —, posso estar em seu escritório em dois minutos. Vou mesmo ultrapassar os semáforos vermelhos!

Ela bateu o telefone para baixo, os lábios fazendo uma linha fina. Resmungou baixinho.

Um minuto depois, o telefone tocou novamente. Ela puxou-o e, sem pensar, disse:

—Se você ligar aqui mais uma vez, Rourke, vou processá-lo por assédio!

Houve uma leve pausa, como se tivesse chocado o ouvinte. Então a voz de Kilraven veio através da linha, profunda e muito sombria.

—Joceline, tenho más notícias.

—Winnie ...? —começou, preocupada, porque gostava de sua esposa. Muitas vezes iam fazer compras juntas.

Ele engoliu em seco.

—Winnie não. Meu irmão ...

—Jon? Algo aconteceu com Jon? — Parecia quase histérica e não se importou. A chamada telefônica de Harold Monroe voltou a ela em um flash de angústia. Agarrou o telefone, tensa. —O que aconteceu?

—Ele levou um tiro. O estado é crítico. Ele está no Marshall Hal Memorial Medical Center ... Alô? Joceline?

Ele estava falando para si mesmo. Joceline jogou sua bolsa sobre o ombro e correu para o pequeno escritório de Betty e disse-lhe o que tinha acontecido.

—Estou ao caminho do hospital. Eu te ligo na hora que souber alguma coisa!

Betty começou a dizer que a família de Jon estava, certamente, reunida em torno dele, e qualquer notícia seria transmitida. Mas ao olhar no rosto de Joceline parou as palavras em sua boca. Perguntou-se se Joceline era mesmo ciente de seus sentimentos por Jon Blackhawk, que estavam evidentes, desenhados em seu rosto preocupado.

CAPÍTULO 6

Kilraven estava sentado em uma cadeira desconfortável na sala de emergência esperando, com Winnie ao lado dele. Ele olhou para cima, quando Joceline entrou. Sua expressão, geralmente ilegível, estava tão preocupado quanto a dela.

—Você já ouviu alguma coisa nova? — Ela perguntou, parando para cumprimentar Winnie com um abraço.

—Eles levaram-no para cirurgia. — Kilraven respondeu severamente. —Disseram que saberemos mais quando o operarem. Ele foi baleado nas costas. Por trás!

O rosto de Joceline se inflamou.

—Espero que encontrem Harold Monroe e o enforcem

Kilraven assentiu.

—Não posso provar, mas tenho certeza que ele é o único que fez isso. E vou encontrar a prova, não importa quanto tempo leve!

—Vou ajudar. — concordou Joceline duramente.

—Quer café? — Winnie perguntou ao marido, que concordou.

—Eu vou buscar. —disse ele, começando a levantar.

Ela o empurrou de volta para baixo.

—Preciso do exercício. O médico diz que é bom eu me movimentar. Mas, obrigada, querido. —se inclinou para beijá-lo. —Gostaria de um copo, Joceline? — Acrescentou.

—Sim, por favor. — Joceline procurou uma nota de um dólar e a entregou insistentemente. —Você não me comprará com um café. — disse teimosamente. —Sou uma funcionária de uma agência federal e não vou ser objeto de um escândalo de suborno. — acrescentou com falsa altivez.

Winnie riu.

—À sua maneira, Elliott Ness.

Kilraven franziu o cenho.

—Ele dirigiu o FBI em Chicago durante os dias de extorsão. Era incorruptível.

—O professor de história. — brincou Winnie, e beijou-o novamente.

—Não estou a par da história americana, a menos que tenha conexões escocesas. —Sua área de especialização foi a história da Escócia no século XVII.

— Elliott Ness era escocês? — Joceline perguntou em voz alta.

—Vou dar uma olhada. — Kilraven prometeu.

Winnie foi buscar café. Kilraven e Joceline sentaram-se rigidamente, observando as portas se abrir e fechar e com o pessoal médico vestidos com roupas cirúrgicas verdes para lá e para cá, às vezes ladeados por médicos vestidos de branco com estetoscópios estendidos ao redor de seus pescoços.

—Lugar ocupado. — Kilraven aventurou.

—Sim. — Ela entregou sua bolsa. —Chamou sua mãe?

—Ela está a caminho daqui. — disse ele. —A fiz prometer que não vai dirigir. — fez uma careta. —Ela bateu o carro em dois postes de telefone nos últimos cinco anos.

—Oh. Ela dirige como você, então. —Joceline disse com um sorriso agradável.

Ele olhou para ela.

—Nunca destruí um carro.

—Desculpe. Esqueci. Eles foram explodidos sob você. Grande diferença. —Ela estava balançando a cabeça.

Ele mudou.

—Todo mundo recebe ameaças de bomba.

—Isso não foi ameaça, e com sorte você não estava nos carros no momento em que explodiu.

—O que posso fazer se inspiro paixões nas pessoas?

—As pessoas em operações especiais fazem isso, me disseram. — Ela riu.

Ele encolheu os ombros.

—Estou tentando trilhar o caminho estreito e apertado, especialmente agora. — disse com um sorriso. —Estou fazendo o trabalho mais chato que a empresa poderia encontrar para mim. Vigilância.

—É mais seguro do que o que você costumava fazer — disse ela e franziu o cenho. —Foi você que enviou Rourke atrás de mim?

—Sim, eu fiz — disse ele —, e pare de tentar coloca-lo para correr. Monroe é muito sério, como deve ter notado hoje. Jon me disse que Monroe falou que você será a próxima. Você tem uma criança pequena e sem falar que os dois vivem em um prédio sem nenhuma segurança. Rourke irá protegê-los.

—Quem é que vai protegê-lo de mim? — Ela perguntou em voz alta.

—Essa é uma boa pergunta.

Eles fizeram uma pausa para olhar para a porta que conduzia à ala cirúrgica. Um cirurgião de roupa verde saiu dela, olhou para Kilraven e fez sinal para se juntar a ele. Joceline foi, também, ignorando a surpresa óbvia do cirurgião. Sob outras circunstâncias, Kilraven teria rido de sua preocupação para com um chefe que constantemente levava à loucura.

Joceline podia ouvir o bater do próprio coração e esperava que Kilraven não notasse. Estava morrendo de medo. Se Jon Blackhawk morresse, seria como o sol sumisse para sempre. Recusou-se a sequer cogitar a possibilidade. Mas sabia que ele poderia morrer. E podia. Ela agarrou a bolsa como uma tábua de salvação, esperando, rezando ... *deixe-o viver, por favor, irei mais à igreja, vou doar mais para a caridade, vou ser uma pessoa melhor, ser mais gentil, mais tolerante ...* Ela fechou seus olhos. *Você não pode barganhar com Deus*, disse a si mesma.

—Estou cautelosamente otimista. — disse o cirurgião, olhando para Joceline quando sua explosão de respiração suave desviado dele. —A bala não atingiu os principais órgãos e se alojou na parede de seu peito. Ela fez alguns danos a um pulmão, e, claro, encheu a cavidade pleural com sangue. Nós removemos a bala e inserimos um tubo para drenar o excesso de líquido e reinflar o pulmão. O dano ao seu pulmão é mínimo. Aparentemente, ele foi baleado à distância, e com uma bala de não-fragmentação, graças a Deus. O dano vai curar. Ajuda o fato dele ser jovem e estar em grande forma física.

Ele hesitou. Mas era um homem gentil, e essas duas pessoas amavam seu paciente. Ele se perguntou se a mulher era uma namorada. Certamente estava preocupada.

—Em poucos minutos. —ele disse-lhes. —Nós vamos movê-lo temporariamente para a recuperação, então ele vai para a UTI por um dia ou dois. Apenas como medida de precaução. — enfatizou, quando observou seus dois ouvintes ficarem pálidos. —Queremos nos certificar de que não desenvolva complicações que podem retardar o seu progresso. Vamos mantê-lo por três ou quatro dias depois,

novamente, para ter certeza de que está progredindo como deveria. Mas acho que ele vai ficar bem. — acrescentou suavemente.

—Assim que o levarem, quando podemos vê-lo? — Kilraven perguntou, olhando para Joceline como se fosse um dado adquirido ela entrar, também.

—Vou enviar uma enfermeira. — prometeu. —Ele é um agente do FBI, não é?

—Sim. — respondeu Kilraven. —Um dos melhores.

—Fazemos um grande negócio em ferimentos de bala na nossa sala de emergência. — disse o médico com um suspiro pesado. —Infelizmente existem mais armas do que os cirurgiões de trauma nesta área.

—Um dia isso vai mudar. — disse Kilraven.

O médico apenas sorriu.

—Não na minha vida, temo. Vou voltar ao trabalho. Trouxeram uma criança de somente sete anos, vítima de um tiroteio. —balançou a cabeça. —Na minha época, as drogas eram apenas sussurradas. Não havia distribuição em larga escala, não gangues com armas, não ... —Ele encolheu os ombros. —Era um mundo menos tolerante, mas muito menos violento.

—Fizeram esta experiência. — Kilraven disse calmamente. —Li sobre isso. Colocaram ratos em uma área restrita até que estava tão cheia que mal conseguiam se mover. Eles se tornaram agressivos e começaram a atacar uns aos outros e até mesmo canibalizando-os.

O médico balançou a cabeça.

—Estamos muitos, com muito poucos recursos, em um espaço muito pequeno em cidades do planeta. A natureza tem uma maneira de diluir a população sem qualquer ajuda nossa. — olhou para a sala de emergência. —No entanto, devo acrescentar que prefiro a abordagem da natureza. Armas e facas são desordenadas.

—Concordo. — disse Kilraven. —Eu vi a minha parte dos resultados.

Ninguém acrescentou que ele ajudou alguns criminosos em salas de emergência.

O cirurgião sorriu tranquilizador e voltou ao trabalho.

Joceline estava tentando evitar que Kilraven visse suas lágrimas.

—Hey, agora — disse ele em tom de provocação. —Não faça isso. Nunca o deixe vê-la chorar.

Ela riu com um soluço e esfregou seus olhos.

—Ele é um chefe horrível — ela murmurou. —Me mantém no trabalho até tarde, joga as coisas em mim, me insulta ...

— Jon a insulta? — Ele perguntou, chocado.

—Ele me pede para fazer café. — ela zombou e afastou outra lágrima. —Imagine isso!

—Ele está cansado de ameaças de processos de advogados que o visitam e bebem o café que os agentes fazem. — explicou Kilraven.

—Então, deveriam parar de deixar Murdock fazer café. — ressaltou.

—Isso foi sugerido. — ele respondeu. —Ao mesmo tempo, mencionaram a sujeira e pás ...

—Há uma grande planta no vaso em nosso escritório que poderia receber um choque de fertilizantes. — ponderou. —Contudo, o agente Murdock é muito grande para ser plantado nele.

—Nós poderíamos ... — ele começou com entusiasmo.

Ela levantou a mão e o fitou ameaçadoramente

—Por favor! Este é um hospital!

—Apenas um pensamento. — Suspirou. —No entanto, levo meu próprio café agora, quando visito Jon em seu escritório.

Ao som do nome de seu chefe, ela relaxou um pouco.

—Estou contente de que ele vá ficar bem. — Ela hesitou. —Acho que eu deveria ir.

—Você pode vê-lo primeiro.

Ela não tinha certeza.

—Você e Winnie devem entrar.

—Winnie vai dizer que você deve. — disse ele com um sorriso gentil.

—Obrigada. — ela murmurou com a voz embargada e não olhou para cima.

Kilraven não disse o que estava pensando. Joceline e Jon foram antagônicos por um longo tempo. Mas houve uma noite, quando eles tinham realmente ido a uma festa juntos, cerca de quatro anos atrás. O escritório esteve fornecendo proteção para uma jovem que estava namorando o filho de um dignitário estrangeiro, e evitou um sequestro. Ela insistiu que Jon, o agente encarregado do caso, fosse à sua festa de aniversário e levasse uma acompanhante. Assim, Jon tinha feito Joceline ir com ele. Ele odiava festas. Ele odiava socialização. Assim como Joceline. Mas ela foi.

Engraçado, Joceline agiu estranhamente depois e tentou sair do seu trabalho. Jon falou que ela ficaria. Ele não falou muito sobre o incidente, só que tinha bebido muito e Joceline foi forçada a levá-lo ao hospital. Descobriu-se que alguém adulterou a bebida de Jon com uma droga alucinógena, tentando ser engraçado. O culpado, filho de um dignitário estrangeiro, fugiu do país logo depois disso e nunca mais voltou.

Ele não tinha pensado nisso por um longo tempo. Seu irmão tinha como regra geral nunca beber. Era muito puritano. Hoje, ele sentiu uma terrível dor ao ver Jon deitado em uma maca com o sangue escorrendo da ferida em suas costas. Amava seu irmão. Cammy iria ficar louca. Ela vivia com medo de tudo isso durante a carreira de Jon na aplicação da lei. Mantinha rosários em toda parte, mesmo no porta-luvas de seu carro, e orava constantemente por sua segurança. Pelo menos ela não estava dirigindo ao hospital ou poderia haver duas tragédias. Kilraven teria ido buscá-la, mas tinha medo de sair de perto de Jon, como se sua presença física, pudesse mantê-lo vivo.

A enfermeira os chamou um minuto intensamente angustiante depois. Nem Kilraven nem Joceline realmente acreditavam que Jon fosse morrer. Eles tinham que vê-lo por si mesmos, para ter certeza.

Ele estava em uma roupa de hospital, mas seu peito estava nu. Estava branco como um lençol. Havia sangue seco em sua boca firme, cinzelada. Ele estava se esforçando para respirar, mesmo com o tubo que saiu do seu peito para drenar o líquido. Havia um gotejamento de um tubo de alimentação em uma extremidade em seu braço. Havia tubos de oxigênio em suas narinas e ele estava ligado a uma meia dúzia de monitores. Seu longo cabelo preto azeviche estava emaranhado sobre o travesseiro. Seus olhos estavam fechados.

Além do bip dos monitores e dos sons eletrônicos, havia apenas a súbita tola falta de ar de Joceline, quase um soluço, que ela rapidamente sufocou.

—Ele odiaria ter seus cabelos emaranhados. — disse ela calmamente.

—Sim.

Joceline mal notou. Sua mão estendeu para acariciar o grosso, longo, cabelo negro emaranhado sobre o travesseiro. Ela lembrou um outro momento em que o tocou, sentiu sua fresca sedosidade, agarrou-se a ele com sentimentos tão intensos que pensou que poderia morrer por eles. Ele não se lembrava. Era uma coisa boa. Ela não queria que ele se lembrasse.

—Não toque no meu filho!

Ela congelou, puxando a mão para trás, quando Cammy Blackhawk entrou no quarto. Ela olhou para a jovem mulher quando se moveu para a cama, de costas para Joceline.

—Jon — sussurrou. —Meu pobre, pobre menino!

Ela se curvou para beijar sua testa, e lutou contra as lágrimas. Alisou os cabelos dele para trás e olhou para ele por um longo momento. Então virou-se para Joceline, toda fria dignidade e hostilidade.

—Você não tem direito de estar aqui. — ela retrucou.

Joceline não discutiu. Olhou Jon uma última vez antes de se virar e sair do cubículo.

—Onde você está indo? — Kilraven perguntou, surpreso ao encontrá-la no corredor.

—Estou partindo — disse Joceline, muito pálida, mas composta. —A vida continua. Sua mãe está lá. — acrescentou com firmeza.

—Oh, Deus, agora o verdadeiro tormento começará. —ele gemeu. —Ela vai encher o ouvido da equipe médica e eles a ameaçarão pendurá-la com um lençol em uma janela.

Ela riu de repente.

—Não deixe que ela o preocupe. — Kilraven disse em um tom baixo. —Ela não é o que ela parece. Honestamente.

Joceline não respondeu.

—Espero que ele fique bem.

—Ele vai. Eu mesmo ligarei para você se houver alguma mudança.

Ela balançou a cabeça.

—Obrigada, Kilraven.

Seus olhos se estreitaram.

—Joceline, mandei Rourke manter vigilância na saída da pré-escola do seu filho.

—O quê? — Ela exclamou, ficando branca.

—Monroe fez ameaças — lembrou. —Nós não podemos provar, por isso não podemos mandar prendê-lo. Ele está sendo vigiado, isso é tudo que posso dizer. Mas seu filho pode estar na linha de fogo. Ele tem que ter proteção. Você também.

Foi horrível pensar que Markie podia acabar numa cama de hospital, vítima de algum criminoso demente.

—Certamente, não! Ele é apenas uma criança!

—Assim como Melly. — Kilraven lembrou ela com uma expressão triste, falando de sua filha, que foi morta. —Ela tinha apenas três anos, quando... — Sua voz quebrou.

—Sinto muito — disse ela. —Realmente sinto muito.

—Desculpas não a trará de volta, e não irá proteger o seu filho, também. — acrescentou. —Rourke vai. Então, o tolere.

Ela fez uma careta.

—Você não tem que gostar dele. Sei que ele é um saco. Mas ele é o melhor em segurança privada que conheço.

—Tudo bem.

Estudou-a por um momento.

—Você nunca leva o seu filho para o trabalho. Não tem uma foto dele em sua mesa. Mas você, obviamente, o ama muito.

—Não faça especulações. — ela soltou.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Ele estava apenas olhando para ela. Nem mesmo piscava.

—Não estou especulando.

—Mantenho a minha vida profissional e minha vida particular separadas. — disse com firmeza. — Fico um pouco na defensiva com relação à minha condição. — acrescentou, e desviou os olhos.

—Então você não quer chamar a atenção para isso.

—Sim. — ela disse rapidamente, ansiosa por uma resposta que iria calá-lo.

—Eu entendo. — Não a pressionou. Mas estava recebendo algumas vibrações muito interessantes correndo sob aquela conversa casual. —Não se preocupe com o seu chefe. — acrescentou suavemente. — Ele está em boas mãos.

Ela olhou em direção ao cubículo de vidro, onde Cammy Blackhawk ainda estava alisando o cabelo de seu filho e falando com ele.

—Percebi.

—Eu quis dizer o médico. — ele ressaltou.

—Oh.

—Você não sabe sobre o passado de Cammy, e eu não vou dizer a você. — disse ele surpreendentemente. —Mas há uma razão pela qual ela é dessa maneira. Tente não tomar a atitude dela muito a sério.

—Ela adora o seu filho. Não há nada errado com isso.

Ela adora, mas quer gerenciar sua vida. Ou ela está tentando.

—Ela quer o melhor para ele. — franziu os lábios e seus olhos azuis brilharam de repente. —Ela quer que ele tenha melhor conselho de moda que o dinheiro pode comprar.

—Ele ficaria muito melhor com uma mulher que poderia jogar jogos de videogame com ele.

—Não olhe para mim — Joceline disse com firmeza. —Já tenho um homem na minha vida. Não preciso de outro.

—Você disse que o pai do seu filho morreu em ação.

—Sim.

—Ainda tenho contatos em meios militares ativos — disse ele, observando-a com estranha proximidade. —Poderia conseguir que fizessem algumas verificações.

Ela deixou cair sua bolsa, inclinou-se e a pegou.

—Desculpe, foi um dia perturbador. — disse ela. —Sou desajeitada. Não, obrigada, isso já foi verificado. Ele desapareceu nas montanhas, onde acham que os remanescentes da Al-Qaeda estavam escondidos em uma base secreta. Estavam certos de que ele estava morto, só estavam relutantes em me dizer.

Ela não tinha olhado para cima uma vez.

—Eu vejo. — disse ele.

Ela estava esperando por uma interrupção quando Winnie Sinclair veio com duas xícaras de café e entregou uma a seu marido.

—Você teve um longo dia, deveria ir.

—Sim. — disse Joceline com gratidão. —Você vai me ligar, se houver alguma mudança? — Acrescentou preocupada.

—Claro que vai. — Winnie assegurou.

—A assistente D.A. perguntou sobre você. — disse Kilraven. —Ainda está esperando que você possa pular do barco e ir trabalhar para ela. — acrescentou, brincando.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Pode haver uma possibilidade real disso. — Joceline disse em um suspiro pesado. —Estão falando sobre o corte de pessoal no meu escritório. Betty tem tempo de serviço, por isso, se alguém for cortado, será eu. — balançou a cabeça. —Esta foi a uma chatice do dia.

Kilraven franziu o cenho.

—Nunca deixariam você ir.

Ela sorriu tristemente.

—Deixariam alguém ir, se tiverem que fazer. Não tenho quaisquer ilusões sobre ser a melhor assistente administrativa na terra. — suspirou. —Agora eu tenho que me preocupar com isso e com meu chefe, e meu filho ...

—Não sobre Markie. — Kilraven assegurou. —Rourke fará com que nenhum mal aconteça com ele. Ou com você.

Joceline rangeu os dentes.

—Ok.

—E vai ficar tudo certo com Jon. — acrescentou.

Ela mordeu o lábio.

—Ele tinha sangue em sua boca.

—Joceline, ele foi baleado em um pulmão. — lembrou ele. —Ele esteve cuspiendo sangue quando o encontraram. Graças a Deus ele estava à vista de uma rua principal, quando isso aconteceu!

—Sim. — ela sussurrou, sentindo-se desconfortável com o que considerava quão assustador e doloroso teria sido, ter experimentado o que seu chefe experimentou — ser baleado pelas costas.

—Agora vá para casa, para seu filho. — Winnie disse suavemente. —Mimá-lo vai evitar que você pense demais.

—A chocadeira chefe está lá. — Ela indicou o cubículo onde Cammy ainda estava sentada com Jon. —Ela faz isso muito melhor do que eu.

—Ele ficará bom. Só mantenha o escritório organizado até que ele se recupere. — Kilraven disse.

Ela sorriu. Ele estava otimista. Tinha que ser otimista, também.

—Ok. De qualquer maneira, você conhece algum advogados de defesa muito bom?

Kilraven piscou.

—Na verdade não, mas posso perguntar por aí. — Por que você precisa de um?

—Eu não, ainda. Enquanto Rourke ficar fora de vista.

Kilraven riu.

—Ele é uma pessoa muito difícil de trabalhar, não é?

—Salve sua cabeça, minha querida. — Winnie lembrou-a com um abraço.

Ela retribuiu e beijou seus cabelos.

—Sim, mas ele estava sendo desagradável.

—É o que ele faz melhor.

—Ele vai manter Markie seguro. — lembrou Kilraven a Joceline. —Ele é bom no que faz.

—O que ele faz, exatamente, quando não está retornando favores para você? — Joceline perguntou curiosamente.

—Você nunca mente. — disse ele firmemente. —É preciso saber, e você não sabe.

—Desmancha-prazeres.

Ela sorriu para os dois e enviou um último olhar preocupado para onde Jon Blackhawk estava deitado, ainda tão silencioso, antes de deixar a sala de espera.

—Tenho uma suspeita. — murmurou Kilraven.

—Sobre o quê? — Winnie perguntou.

Ele não lhe disse. Tinha suas suspeitas, tudo envolvido no mistério e reticência de Joceline. Mas ele ia fazer algumas pesquisas, quando tivesse tempo.

Ele e Winnie voltaram para a UTI para se juntar a Cammy.

—Ela se foi, aquela garota horrível? — Cammy perguntou com raiva.

—Ela é o braço direito dele no trabalho. — lembrou Kilraven com firmeza. —Ela estava junto dele quando meia dúzia de outras mulheres teria corrido gritando para fora da porta.

—Não gosto dela. Ela não é uma pessoa moral.

—E se ela tivesse interrompido a gravidez, a faria mais moral a seus olhos, Cammy? — Kilraven perguntou friamente. —E se fosse você, grávida de Jon?

Cammy engoliu em seco, duro, e desviou os olhos. Sua mandíbula se apertou. Ele estava provocando pesadelos e ela não poderia mesmo dizer-lhe. Não podia contar a ninguém. Alisou o cabelo de Jon.

—Ele parece tão pálido.

—Seu sistema passou por um choque. — lembrou Kilraven. —Estive lá, passei por isso.

—Sim, eu sei, meu querido. — disse ela suavemente, e o abraçou. —Sinto muito. Estou sendo terrível. Estava tão preocupada ... —lágrimas arderam em seus olhos.

Ele abraçou-a.

—Jon vai ficar bem.

—Sim.

Ele suspirou.

—Eu pensei que os assassinatos fossem cuidadosamente organizados. Mas há uma nova pista surgindo. Eu só descobri que o cara que acho que fez isso — indicou Jon — tem um cunhado, que também pode estar envolvido na morte de Melly.

—O quê? — Cammy exclamou, horrorizada.

—Isso não é tudo. Agora ele está atrás do filho de Joceline. — não tinha certeza disso, mas era um bom palpite.

Cammy ficou em conflito. Não gostava dessa pessoa, Joceline. Mas amava as crianças. Filhos de qualquer um.

—Isso é muito ruim.

—É.

—Ela não tem um namorado que more com ela ou alguém que possa protegê-lo?

—Joceline vive sozinha. Mas eu enviei Rourke para vigiar o menino.

—Rourke. — Ela revirou os olhos. —Bem, por outro lado, ele é solteiro e em idade de casar. — Estava pensativa. Se Joceline se casasse com Rourke, ela se mudaria para a África do Sul, longe de Jon. Sorriu.

—Talvez eles possam gostar um do outro.

Kilraven não respondeu. Podia ver as rodas girando na mente de Cammy, e de repente sentiu pena de Rourke.

Joceline deixou cair as coisas fora de seu apartamento. Estava indo tarde buscar Markie, mas ligou, e a proprietária da creche e, especialmente dadas as circunstâncias, disse a ela para tomar o tempo que

fosse preciso, que ficaria feliz em esperar. Ela tinha ouvido falar sobre o tiro Jon no noticiário. Estava muito triste. Não tão triste quanto Joceline, que estava doente louca de preocupação.

Se ele morresse, como iria viver com o segredo que mantinha? Isso a roía como um cachorro com um osso. Estava tão furiosa que suas mãos tremiam quando trancou a porta e saiu para entrar em seu carro. Ela pensou ter visto um movimento na sombra, mas estava certa de que era sua imaginação. Estava tão no limite, que estava vendo coisas.

Tentou colocar a condição de Jon na parte de trás de sua mente. Ela não queria perturbar Markie. Agradeceu à proprietária profusamente quando pegou Markie na creche. Ele tinha novos desenhos para mostrar a ela.

—Este é minha professora. — disse ele, mostrando-lhe um esboço que tinha feito, que era tosco, mas reconhecível. —E este é um cão que veio para o playground. Um homem veio em um caminhão e o levaram embora. — acrescentou com tristeza. —Será que vão matá-lo?

—Não! Eles vão apenas encontrar seu dono. Isso é tudo. — sorriu e esperou que fosse verdade.

—Gostaria que pudéssemos ter um cão. — disse ele.

Ela ajustou-o no banco de trás e ficou atrás do volante. De todas as coisas sobre a vida moderna que ela não gostava, esta a aborrecia. Uma criança devia sentar-se ao lado de seu pai, não isolada no banco de trás. Sim, air bags salvam vidas, mas eram perigosos e podiam matar uma criança pequena. Mas quando ela era pequena, Joceline tinha sentado no banco da frente do caminhão pickup de seu pai, presa pelo cinto como um adulto em miniatura, feliz e rindo. Alguém deveria descobrir uma cadeira de criança que pudesse suportar as bolsas de ar saindo, e permitir que as crianças ficassem mais perto de seus pais.

Ela suspirou quando manobrou para o tráfego. Ia ficar tudo bem com seu chefe. Ia dar tudo certo. Ela tinha que acreditar nisso, para salvar sua própria sanidade. Ficaria tudo bem com Markie, também. Rourke iria tomar conta dele. Não tinha que gostar de Rourke para reconhecer que ele era bom em seu trabalho, qualquer que fosse, quando não estava fazendo favores para Kilraven. Ela começou a olhar ao redor para ver se podia reconhecer o lunático de um olho em qualquer carros que passavam.

—Mamãe, você está procurando alguém? — Markie perguntou curiosamente.

Ela limpou a garganta.

—Estou apenas verificando o tráfego, isso é tudo.

—O nome do seu patrão não é sr. Blackhawk? Alguém disse que ele foi baleado. Ele está morto?

—Não! Ele está ferido e no hospital. Ele não está morto —disse de um só fôlego.

—Estou contente. Jogamos videogame com ele naquela noite. Eu gosto dele.

Ela sorriu tristemente.

—Eu gosto dele, também.

—Poderíamos ir vê-lo? — Perguntou ele.

Joceline, surpresa, apenas balbuciou.

—Há um limite de idade, Markie. — ela vacilou. Bem, costumava ter. Não tinha certeza da política do hospital moderno. Já se passaram vários anos desde que esteve em um, quando teve Markie.

—Você quer dizer que não posso vê-lo?

—Sim. Isso é o que quero dizer. Sua mãe está com ele.

—Oh, tudo bem, então.

Joceline tinha outros pensamentos sobre isso, mas não os compartilhou.

—Que tal um sorvete de casquinha? — Perguntou ela.

—Uau! Poderíamos?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Sim. —Eram as pequenas coisas, considerou, que tornavam a vida suportável. Mesmo os tempos difíceis eram suavizadas por algo simples e reconfortante.

Ela parou em uma sorveteria e pediu dois cones, morango para ela e nozes-pecã para Markie. Entregou o dele com um sorriso.

Ele lambeu-o e riu para ela com olhos brilhantes. Ele ia ser bonito quando fosse mais velho, pensou. Agradecia a Deus todos os dias por ele se parecer mais com ela do que com seu pai.

Quando chegaram em casa, só depois do anoitecer, a porta da frente estava aberta.

—Fique aqui. — disse Joceline a Markie firmeza.

—O que foi, mamãe?

Ela não respondeu. Foi a um ponto onde podia ver a porta da frente. Nada era visível no seu interior. Ela sabia que não devia entrar no apartamento. Alguém tinha quebrado a tranca, alguém que ainda poderia estar lá, podia estar armado, poderia querer matar Joceline e Markie apenas por sua proximidade com Jon Blackhawk ...!

—Bem —, veio uma voz profundamente acentuada a partir de dentro do apartamento. —É uma coisa boa que você não voltou para casa mais cedo.

Rourke apareceu na porta, grande, bonito e sorridente.

CAPÍTULO 7

—Rourke! — Joceline exclamou. —Seu idiota! Assustou-me até a morte!

Ele caminhou descendo as escadas, com as mãos nos bolsos, assobiando. Era alto e magro e musculoso, com longos cabelos loiros em um rabo de cavalo descendo pelas costas. Ele tinha um olho castanho claro. O outro estava escondido sob um arrojado tapa-olho preto.

—Agora, querida, se eu não tivesse aparecido quando fiz, você teria um choque muito grande, quando abrisse a porta da frente. Olá, pequeno companheiro. Como você está? — Perguntou ao menino no banco de trás com um sotaque sul- africano muito acentuado.

—Estou bem. — disse Markie. —Quem é você?

—Rourke. — foi a resposta divertida.

—Você só tem um olho.

—Eu percebi. — disse Rourke, sem se ofender.

—Sinto muito.

O homem olhou para o menino com uma suavidade visível.

—Legal de você dizer isso.

—Algum homem mal machucou você?

—Pode-se dizer que sim. — Rourke respondeu.

—Eu gosto do seu tapa-olho. Você poderia ser um pirata no Halloween.

Rourke começou a rir.

—Sabe, já fui chamado de pirata uma vez ou duas. —Olhou incisivamente na Joceline.

—Por que você está aqui, e o que há de errado com o apartamento? — Ela perguntou preocupada.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Nada importante. Passei há pouco por aqui. —Ele sorriu tranquilizador para Markie. Mas quando se voltou para Joceline, o rosto duro foi solene. —Alguém tentou a sorte com sua escrivania. Em minha suposição, estavam procurando alguma coisa. Alguma ideia do que?

Seu coração parou. Ela não tinha documentos importantes, nada que interessasse um estranho. Havia apenas as coisas normais, os registros de depósitos bancários, informações fiscais, certidão de nascimento de Markie e a sua própria, nada ... nada ... Existia o seu diário!

Ela passou por Rourke e correu para o apartamento em pânico. Mantinha o diário em sua mesa de cabeceira, mas estava sob uma massa de outros objetos, como livros de bolso e um bloco e caneta, analgésicos sem prescrição médica, folhetos e instruções para os objetos eletrônicos, como seu relógio. Ela remexeu na gaveta, horrorizada com algumas das coisas que havia escrito nele. Nunca lhe ocorrera que alguém iria roubá-lo!

Ela tirou os livros, os espalhou, morrendo de medo. Mas depois, lá estava ele, no fundo da gaveta, o seu pequeno cadeado intacto. Não tinha sido aberto. O apertou contra seu peito e estremeceu com a reação.

—Algo prejudicial aí dentro, presumo? — Rourke perguntou gentilmente.

Ela olhou para ele com medo doente.

—As pessoas escrevem coisas que nunca deveriam.

Ele balançou a cabeça solenemente.

—Sim.

Ela atraiu uma respiração áspera.

—É melhor eu queimá-lo, eu acho.

—Coloque-o no banco, em um cofre. — sugeriu ele.

Ela o olhou.

—Junto com minha coleção de diamantes e minhas barras ouro. — Ele riu.

—Ouça, eu mal consigo pagar o aluguel. Não há dinheiro para extras. É melhor destruí-lo. Nada de bom pode vir de mantê-lo, de qualquer maneira.

—Manter o que, mamãe? — Markie perguntou quando se juntou a eles. Rourke o trouxe para dentro minutos depois que Joceline desapareceu no apartamento.

Ela fez uma careta com sua falta de instinto, deixando Markie sozinho no carro.

—Está tudo bem, vigie suas costas. — Rourke assegurou-lhe com um sorriso.

—É apenas um diário, Markie. — Joceline disse a ele. —Eu queria ter certeza de que sabia onde estava, isso é tudo.

—Posso ler?

Ela engoliu em seco.

—Quando você estiver mais velho.

—Ok.

Rourke estava olhando para ela através de um estreitamento do olho castanho claro. Algo no diário foi suficiente para fazê-la entrar em pânico. Ele se perguntava o que era.

O resto do apartamento estava aparentemente intocado, à primeira vista. Joceline estava nervosa. Alguém havia tocado suas coisas, invadiu sua privacidade. Ela se sentiu violada. Agora, ela se perguntava se precisava de novas fechaduras.

—Sim, você precisa. — disse Rourke quando mencionou isso. —Vou instalar travas de segurança amanhã. Você precisa de permissão do senhorio?

Ela balançou a cabeça.

—Perguntei uma vez antes e o síndico aprovou, por escrito. Eu simplesmente não pensei nisso antes. Rourke assentiu.

Sua expressão foi brevemente descuidada quando o olhou.

—Eu não estava com medo antes. — ela disse vacilante.

Seu único olho estreitou, e seu rosto magro se endureceu.

—Qualquer ser humano normal teria medo por uma criança. — disse ele baixinho, para que Markie não ouvisse.

Ela ligou a pequena televisão.

—Hora do programa favorito de alguém, eu acredito?— Ela brincou, colocando Markie em seu pequeno pufe na frente da TV.

Ele deu uma risadinha.

—Eu amo este. — disse a ela, e imediatamente tornou-se fascinado pelos personagens de desenhos animados na tela.

—Ele já pode reconhecer determinados caracteres em japonês apenas observando os desenhos animados. — disse Joceline a Rourke. —Acho que ele pode ter um talento para línguas.

—Você fala alguma outra? — Ele perguntou sem parecer se importar.

Ela riu.

—Mal posso falar minha própria língua.

—Então ele deve ter herdado de seu pai ou alguém em sua família. — disse ele facilmente.

Joceline empalideceu.

—Você acha? É melhor eu verificar e ter certeza que nada foi levado. — o que trouxe de volta a enormidade de ter seu apartamento saqueado. Ela estava apavorada e tentando não demonstrar, porque não queria perturbar Markie.

Ela foi rapidamente de sala em sala e constatou que se pensou que nada mais foi tocado, ela estava errada. Havia papéis espalhados, gavetas tortas, até mesmo cadeiras e almofadas derrubadas.

—O que no mundo poderiam estar procurando? — Ela perguntou, inquieta.

—Que tipo de documentos importantes você guarda aqui, além do diário? — Rourke perguntou, apontando para o diário que ela estava segurando tão firmemente em uma mão.

Ela empurrou o cabelo para trás e olhou em volta, preocupada.

—Nada de mais. As contas de costume e documentos importantes. Certidões de nascimento.

—Eles estão todos aqui?

Ela foi até a pasta onde guardava seus documentos pessoais, em uma caixa de arquivamento de papelão barato, e tirou a pasta de arquivos. Não havia nada que pudesse provar algo. Foi muito cuidadosa com isso.

Ela abriu a pasta e olhou para dentro, e suspirou com impotente alívio.

—Tudo está bem aqui. — disse ela, e riu sem forças.

Rourke a olhou com olho estreito e pensativo. Ele não iria dizer que havia maneiras de coletar documentos, sem removê-los fisicamente. Qualquer bom agente carregava uma pequena câmera, muitas vezes disfarçada de um isqueiro ou uma caneta. Um bloqueio em um diário era tão simples para abrir que

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

um iniciante poderia fazê-lo com facilidade, e sem deixar qualquer marca indicadora de adulteração. Ela era extraordinariamente preocupada com esse diário e alguns de seus papéis importantes. Por quê?

Ela viu sua mente trabalhar e seu rosto ficou tenso.

—Não bisbilhote.

—Eu estava curioso? — Exclamou, e sorriu.

—Você estava pensando sobre isso. — acusou.

—Bonita e inteligente e lê mentes, também. — brincou.

Ela corou.

—Vamos deixar em “inteligente”.

—E não gosta de elogios. Estou tomando notas. — acrescentou e sorriu para ela. — O que você acha sobre a vida na África?

—Eu não estou deixando o país com você. — disse ela com firmeza.

—Tenho um lugazinho agradável lá no Quênia, com um leão de estimação.

—Um leão? Você tem um leão? —Markie estava fora de sua cadeira em um flash, olhando para o homem alto e loiro. —Eu poderia acariciá-lo?

—Você poderia até mesmo montá-lo. — assegurou-lhe Rourke com um grande sorriso. —Ele é muito manso. Eu o crio desde filhote. Caçadores mataram sua mãe.

—Oh, isso é muito triste. — disse Markie. —Gostaria de alimentá-lo com hambúrgueres, se eu tivesse um leão.

—Eu não acho que gostariam se você tentasse mantê-lo no seu apartamento. — Rourke assegurou-lhe.

—Esses dois caras na Inglaterra fizeram exatamente isso. — Joceline riu. —Foi viral na web cerca de dois anos atrás. Dois rapazes compraram um filhote de leão e manteve-o em seu apartamento, então tiveram que deixá-lo ir para uma reserva na África porque ficou muito grande. Foram vê-lo, apesar do aviso das pessoas que era selvagem e iria atacá-los. Mas ele correu até eles e colocou suas patas em seus ombros e começou a esfregar a cabeça contra eles. Ainda os levou para ver a sua companheira. —Ela suspirou. —Chorei como um bebê, ao ver isso. Mostraram a história no noticiário. Depois disso, enviei um pequeno cheque para a fundação onde os garotos cuidavam dos animais.

—Os animais selvagens não são tão selvagens afinal. — Rourke reconheceu. —Pena que tantas pessoas os vejam como uma forma de lucros rápidos.

—Oh, eu concordo. — disse Joceline.

—Viu o quanto temos em comum? — Perguntou ele.

—Eu quero ir para a África e ver o seu leão. — anunciou Markie. —Podemos ir agora?

—Logística a parte — Joceline disse gentilmente —,tenho um trabalho e você tem que ir para a escola amanhã.

—Oh — Ele pensou por um minuto. —Podemos ir sábado, então?

Ambos os adultos riram.

—As crianças fazem coisas impossíveis parecerem tão simples. — comentou Rourke quando Markie voltou ao seu programa e Joceline estava servindo xícaras de café preto forte. Ele se perguntou se seu orçamento se estenderia a dar café de graça para os visitantes, e decidiu que traria um quilo de seu café especial sul-africano na sua próxima vinda.

—Sim. Markie vem passando por momentos difíceis — ela comentou com um suspiro. —Ele tem asma e seus pulmões não são fortes. Nós gastamos muito tempo nos consultórios médicos.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Há injeções antialérgicas. — disse ele amavelmente.

—Ele as toma. — disse ela. —E ajudam. Mas se ele fica estressado ou exposto a vírus, fica doente mais fácil do que a maioria das crianças.

—Ele é um garotinho muito bom. — observou ele, olhando-a. —Você cuida bem dele.

—Obrigada.

O diário estava repousado ao lado de sua mão direita. Ela não o tinha deixado fora de sua vista, uma vez que estavam no apartamento. Não era realmente o seu negócio, mas ele estava bastante curioso sobre que segredos obscuros que ela estava mantendo.

—O que você vai fazer com isso? — Perguntou, indicando-o.

—Rasgá-lo e queimá-lo. —disse ela de uma vez. —Ele nunca deve ser lido por ninguém, exceto eu. Nunca.

Seu olho se estreitou.

—Pare de especular.

As sobancelhas dele se arquearam.

—Nossa, você pode dizer muito sem abrir a boca — ela murmurou.

—Expressão facial 101. — respondeu ele.

—Será que vão voltar, você acha? — Ela perguntou preocupada.

Ele balançou a cabeça.

—Ou eles encontraram o que estavam procurando, ou não estava aqui.

—Acha ...? — Ela estava olhando para ele com horror absoluto. Olhou novamente para o diário. Estava bloqueado. Então se lembrou de algo que ela tinha ouvido falar de um visitante de uma agência secreta, sobre como era fácil arrombar uma fechadura e tirar uma fotografia de um documento. Seu rosto empalideceu.

—Joceline — disse ele gentilmente, lendo seu horror —,o que você tem aí que é tão assustador?

—Uma grande fonte de chantagem, se eu fosse rica. — disse pesadamente. Ela passou a mão sobre o diário. —Mas não sou rica. E eu não posso imaginar que uso qualquer outra pessoa teria para ele. —Isso não era bem verdade. A pessoa certa poderia fazer uma série de prejuízos com as informações que o diário continha. Ela estremeceu ao pensar que um criminoso como Monroe poderia fazer com ele.

—Você não deve se preocupar. — disse Rourke suavemente. —Vou verificar ao redor e ver o que posso levantar. Eu tenho todos os tipos de fontes.

Ela procurou sua expressão preocupada.

—Não tenho medo por mim mesma. Eu não quero machucar ninguém.

—Você acha que alguém mais poderia ser?

Ela engoliu em seco.

—Sim.

—O emaranhado de teias que tecem. — ele murmurou, fazendo alusão a um poema sobre a decepção.

—De fato. — Ela tomou um gole do café frio rapidamente. —Nós fazemos escolhas. Então nós vivemos com elas.

—Você acha que fez o caminho certo? — Perguntou ele.

Ela sorriu.

—Eu fiz a única que eu poderia. — olhou para seu filho, que estava alheio a tudo, exceto o mangá japonês na televisão. —Eu nunca me arrependi disso.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Ele é um menino muito bom.

—Obrigada.

—Entendi que seu pai morreu em serviço? — não a olhou quando perguntou.

—No exterior. Nas forças armadas.

—Triste.

—Muito. — Levantou-se. —Mais café?

Ele riu.

—Não, obrigado. Tenho tendência a ficar nervoso, mesmo em tempos bons. Demasiada cafeína pode ser uma morte real, no meu caso.

—Eu bebo muito dele. — confessou.

Ele ficou de pé.

—Vou começar a trabalhar sobre as travas de segurança. Você vai voltar para o escritório amanhã?

Ela hesitou.

—Bem, eu não sei. — disse de repente. —Meu chefe não vai estar lá, e os únicos casos que estou trabalhando são seus ...

Assim que ela falou, o telefone tocou.

Ela levantou-se para atender, hesitou, com sua mão estendida, como se o telefone estivesse prestes a se incendiar.

Ela o puxou

—Alô?

Houve um longo silêncio.

Sentiu quando seu sangue gelou.

—Alô? —repetiu.

A linha ficou muda.

Ela se virou e olhou para Rourke com horror absoluto.

Pegou o telefone dela, apertou alguns números, ouviu e depois falou.

—Sim — disse ele a alguém. —Faça isso rápido. Eu quero saber que tipo de bebida que ele bebe em dez minutos ou menos. Apenas faça. — desligou o telefone.

Joceline estava espantado com a autoridade, e como eficiente ele podia ser quando não estava fazendo palhaçadas.

—Você o grampeou. — ela sussurrou.

—Sim. — respondeu ele secamente. —No minuto em que parou na calçada.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Estou feliz por você ter vindo.

As sobrancelhas dele se arquearam. Seus olhos brilharam.

—Você esta? Eu posso ter uma licença de casamento pronta em menos de uma hora ...!

—Pare com isso. — ela murmurou. —Eu não vou casar.

—Mas eu tenho meus próprios dentes. — protestou ele. —E eu nem sequer tenho um cabelo grisalho ainda.

—Isso não tem nada a ver com isso.

—Um homem com bons dentes e sem cabelos grisalhos é uma boa perspectiva matrimonial. Eu também posso falar seis línguas extremamente difíceis, incluindo Afrikaans. — acrescentou.

Ela foi limpar a cafeteira, balançando a cabeça o caminho todo.

Rourke instalou travas de segurança e fechaduras nas janelas. Ele também trouxe cortinas térmicas, mais pesadas, para as janelas. Ele não lhe disse que um franco-atirador teria um dia de campanha no bloco de apartamentos com vista para o dela. Ela não teria pensado que ninguém seria louco o suficiente para disparar contra ela ou o menino.

O diário realmente o intrigava. Ele saiu para comer alguma coisa, e enquanto estava fora, fez mais duas chamadas telefônicas. Joceline teria tido um ataque cardíaco se ouvisse o tema de discussão.

Joceline não dormiu bem. Ela certamente estava segura o suficiente. Rourke tinha cochilado no sofá na sala de estar, apesar de seus protestos, completamente vestido.

Estava desconfortável com um homem em seu apartamento, mas ela não podia dizer muito. A ligação telefônica com somente uma respiração pesada a tinha aterrorizado. Não tinha medo por si mesma, mas tinha medo por Markie. Havia boas razões para ela não anunciar nada sobre suas origens. Agora, elas poderiam servir para acabar com sua jovem vida.

Ela virava na cama. Jon ficaria bem, Kilraven lhe dissera que estava certo disso. Mas não podia afastar a imagem de seu rosto branco e olhos fechados e lábios manchado de sangue fora de sua mente. Ele era um homem forte e vivas, foi muito perturbador vê-lo indefeso. Se ele morresse, não sabia o que faria. Ela tomou decisões que voltaram a assombrá-la. Talvez ela não devesse ter segredos. Parecia a única possibilidade no momento. Mas, agora ...

Ela levantou-se justo antes do amanhecer e foi até a cozinha para fazer café da manhã, com os olhos turvos e sonolentos.

Rourke olhou para a cozinha. Ela já estava completamente vestida, com calça jeans e uma T-shirt. Ela não usaria aquela vestimenta para trabalhar, é claro, mas não iria fazer comida de camisola com um homem estranho em seu apartamento.

—Com fome? — Ela perguntou, sorrindo, quando ele se juntou a ela na porta.

—Eu poderia comer. Cereais? — Perguntou.

—Oh, não. Eu faço biscoitos, ovos e bacon para Markie. Quero mandá-lo para a escola com um bom café da manhã.

—Biscoitos? Biscoitos de verdade? — Perguntou, surpreso.

—Sim. — Ela pegou uma frigideira de ferro forjado. —Eu os faço nesta. —disse ela, passando os dedos levemente sobre a superfície muito negra. —Pertencia a minha bisavó. É a única verdadeira herança que eu tenho.

—Impressionante. — disse ele, com sinceridade. —Não via uma desses desde que eu mesmo era criança.

Ela sorriu.

—Ela traz de volta muitas memórias.

—Você conheceu sua bisavó?

—Oh, não, ela morreu antes de eu nascer. Mas minha avó falava sobre ela o tempo todo.

Ele franziu o cenho.

—E seus pais?

Ela engoliu em seco.

—Meu pai morreu, anos atrás. Não falo com minha mãe.

—Sinto muito.

—Eu também. Teria sido bom se Markie tivesse seus próprios avós.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Ele franziu os lábios e viu suas mãos hábeis fazer a massa e estendê-la e cortá-la.

—Você faz isso muito bem. — disse ele.

Ela riu.

—Tenho muita prática.

—Você pode cozinhar. Mas você não faz o café no escritório.

—É uma questão de princípio. — ela respondeu. —Se eu começar a fazer tarefas domésticas, não vou parar nunca. Meu trabalho é exigente. Passo a maior parte do dia ao telefone tentando rastrear informações, falar com as pessoas, fazer contatos. Há um ritmo. Se eu quebrá-lo para ir tomar café ou começar a servir os visitantes, eu perco minha concentração.

—Eu vejo.

—Meu chefe não. — disse ela com um pequeno sorriso perverso. —Mas ao longo dos anos ele aprendeu a aceitar. — Ela colocou os biscoitos no forno pré-aquecido. —Ele parecia muito mal. — disse, com expressão distante.

—Vítimas por arma de fogo em sua maioria parecem. — disse ele. —Mas seus ferimentos foram leves, em comparação com o que poderia ter sido, eu lhe garanto.

Ela se virou para olhá-lo.

—Você acha que ele realmente vai ficar bem? — perguntou, preocupada.

—Claro.

Ela estudou-o atentamente por um momento.

—Você já foi baleado. — disse.

Ele balançou a cabeça, e não sorriu.

—Duas vezes. Uma vez no peito, uma vez na perna. Nenhuma ocasião foi agradável.

—Dizem que a África é um lugar muito perigoso.

—É. — ele concordou. —Depende de onde você vai. Mas a violência é internacional. Vai encontrá-la em um monte de lugares.

—Eu acho que sim.

—Sou Sul Africano, mas tenho um lugar no Quênia, perto de um parque de preservação. — disse ela, e sua expressão era melancólica. —Tenho um gerente lá para fiscalizar, mas eu sinto falta de poder fazer isso eu mesmo. Eu passo muito tempo viajando. Mais do que gostaria.

—Você trabalha em uma profissão perigosa.

Ele franziu os lábios.

—Querida garota, você não sabe qual é minha profissão.

—Oh, eu acho que poderia fazer um palpite. — ela respondeu.

—O qual seria errado. Eu não trabalho fora da lei.

—Bem!

Ele balançou a cabeça.

—Lembre-se disso.

Ela riu e balançou a cabeça.

Ela levou Markie para a escola. Teve tempo para falar com o Sr. Morrison sobre a invasão e da ameaça de Monroe. Ele estava furioso que alguém pudesse ameaçar uma criança. Ele prometeu manter um olhar atento sobre Markie e certificar-se de que seu professor soubesse da situação.

Em seguida, dirigiu até o hospital. Ela sabia que teria uma guerra tentando passar por Cammy Blackhawk, mas iria de qualquer maneira. Ela não poderia continuar com seu trabalho e sua vida sem saber pessoalmente como Jon estava.

Ela entrou no saguão e foi até a recepção, para perguntar qual o quarto na UTI onde ele estava e se podia vê-lo. Mas já o haviam transferido da UTI para um quarto, ela foi informada. Seu coração saltou. Ele não podia estar morrendo se tivessem feito isso!

Ele foi levado para um quarto particular no segundo andar, muito limpo e brilhante. Ela parou na porta, segurando sua bolsa, à espera de Cammy explodir no corredor e dizer-lhe para ir embora.

Jon virou a cabeça no travesseiro e a viu. Seus olhos escuros brilharam.

—Entre.

Ela olhou em volta cautelosamente.

—Ela não está aqui. — Sua voz era tensa. — Foi às compras com a consultora de moda.

Ela riu, em seguida, caminhou até a cama e olhou para ele calmamente.

—Estou feliz que esteja melhor.

—Estou melhor? — Ele perguntou com uma careta.

—Você deve estar, ou ainda estaria ocupando um cubículo na UTI. — assegurou-lhe. — Liguei para o escritório, mas disseram que eu não tenho que ir hoje. Eu lhes disse que estava vindo vê-lo. — acrescentou. —Todo mundo enviou lembranças e alguns dos outros agentes da sua equipe virão vê-lo assim que os visitantes forem permitidos.

—Trabalho com um grupo grande de pessoas. — falou em uma respiração dolorosa. —Eu vou para casa em Oklahoma, para o rancho, quando me derem alta. Eu não vou ser capaz de trabalhar no escritório por algumas semanas, e o cenário é melhor lá. Assim como a segurança. — acrescentou sombriamente. Ele olhou para ela incisivamente. —Você irá comigo.

Seu coração deu um salto.

—Eu ... eu ... o quê?

—Você e a criança. — disse ele secamente. —Rourke disse ao meu irmão o que aconteceu. Você não vai ser morta, porque eu fiz um inimigo.

Ela sentiu suas pernas bambas.

—Não posso ir para Oklahoma. — disse rapidamente. —Eu teria que tirar uma licença de afastamento e tirar Markie da escola ...!

—Detalhes que podem ser trabalhados com bastante facilidade. Enviei Mac para lidar com tudo isso. — acenou uma mão elegante e estremeceu com o movimento.

—Mas ...!

—Não discuta. — disse pesadamente. —Estou sem condições para uma luta.

Ela mordeu o lábio inferior. Havia uma dúzia de razões boas pelas quais ela não devia deixar Markie estar em qualquer lugar ao redor deste homem, nunca. Ela não conseguia encontrar um argumento que fosse funcionar sem dizer a verdade, que nunca faria.

—É um rancho bom. — disse ele secamente. —Seu filho adora animais. Ele pode até montar um cavalo.

—Não!

—Joceline, ambos, Mac e eu, montamos pôneis na idade de três anos. — disse. —Eu não iria deixá-lo se machucar. Temos cowboys treinados para trabalhar com crianças deficientes que vêm para a fazenda para montar nossos cavalos.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Você acha? — Ela ficou surpresa. Ela nunca pensou que as pessoas deficientes pudessem montar.

—Sim. — Ele se mexeu e fez uma careta. Estava ferido e doente. Ele odiava estar confinado a uma cama, sendo hospitalizado. Foi a primeira vez em sua carreira na aplicação da lei que sofreu um ferimento a bala. Ele conseguia se lembrar vividamente da sensação de desaceleração repentina quando a bala o atingiu. Ele não sentiu a dor num primeiro momento, apenas um golpe duro, como um soco nas costas. Então, tudo abrandou e viu a calçada vindo atingi-lo, e sentiu o sangue em sua boca. Tinha sido um choque absoluto.

—Você não deveria estar se movendo. — Joceline disse, preocupada. —Você pode reabrir a ferida. Ele a olhou.

—Tenho minha mãe para me assediar sobre tais coisas. Eu não preciso de você para ajudá-la! Ela mordeu o lábio novamente. Uma tênue cor tocou seu rosto.

—Desculpe. Erro accidental. Não vai acontecer novamente. — fez uma cruz sobre o coração. Ele riu a despeito disso e depois gemeu, porque doía.

—Outro erro. Muito triste. — disse ela rapidamente. —Eu só queria vê-lo, para se certificar de que estava tudo bem.

—Eu levei um tiro. — disse ele friamente. —Não estou bem!

—Você não está morto, também. —Ela o lembrou.

Ele afundou-se sobre os travesseiros e brincava com o leve cobertor que o cobria. A roupa de hospital era pouco visível acima dele.

—Estou morrendo de frio. — ele murmurou. —Quero um cobertor real e um cachecol. E eu quero ir para casa!

A enfermeira enfiou a cabeça pela porta e fez uma careta.

—Senhor, você poderia reclamar de uma forma pouco mais silenciosa? Ela perguntou suavemente. —Há um cavalheiro na próxima porta se recuperando de um ferimento de faca. Ele está tentando dormir.

Jon a olhou.

Ela limpou a garganta, e caminhou de volta para fora.

Jon murmurou coisas indizíveis sob sua respiração.

—Sua mãe vai ter gatinhos, se até mesmo sugerir me levar para Oklahoma. — Joceline disse-lhe com firmeza. —Não posso trabalhar em uma zona de combate.

Ele suspirou.

—Nem eu, realmente, mas que tipo de escolha nós temos? — Perguntou ele. Seus olhos negros se estreitaram. —Rourke me disse que seu apartamento foi arrombado e que houve um telefonema de assédio.

Ela parecia tão cansada quanto se sentia.

—Sim. Nós tivemos que chamar a polícia para investigar. Markie estava morrendo de medo até que um dos investigadores deu-lhe um pedaço de goma de mascar e se entusiasmou com seu brinquedo Diego. — acrescentou, aludindo a um programa infantil na TV.

Jon estava surpreso.

—Não é um típico investigador.

—Foi Rick Marquez. — disse, rindo. —Ele é um tipo único em sua classe. Ele conhece Rourke, também, aparentemente.

—A maioria das pessoas na aplicação da lei conhece Rourke, ou sabe sobre ele. — acrescentou. Ele se mexeu de novo e fez uma careta. —Não quero que você sozinha em seu apartamento até termos o caso

resolvido. Peppy pode estar envolvido no assassinato da minha sobrinha. Se for esse o caso, e ele está ajudando Monroe a se vingar de mim, e não tem nenhum problema em atirar em outra criança. — acrescentou significativamente. Ele não disse que estava convencido de que Monroe nunca teria sido capaz de realizar os disparos sem errar.

Ela sabia a que ele estava se referindo. Ficou pálida.

—Dito assim, eu me sentiria mais segura em seu rancho. Entendo que você tem pelo menos um agente federal aposentado em sua folha de pagamento.

—Temos três. — ele corrigiu —Além de um ex-matador de aluguel para a máfia.

Ela olhou para ele, sem pestanejar.

Ele riu.

—Ele era muito jovem e desesperado quando fez seu primeiro trabalho. Foi levado a isso e ele não disparou o tiro fatal. Foi para a prisão e foi capaz de se redimir antes de se tornar um criminoso endurecido. Cumpriu sua pena e pagou o preço. Foi 25 anos atrás. Ele precisava de um trabalho quando saiu e já tinha trabalhado com gado na prisão onde cumpriu sua sentença. Falei com ele lá várias vezes quando estava entrevistando condenados em casos atuais.

Ela ainda estava desconfiada.

—Você vai entender quando encontrá-lo. Vou ter nosso jato particular voando até lá com você e Markie amanhã.

—Sua mãe ...

—Ela está a caminho de Paris hoje à noite, com a consultora de moda, para ver as novas coleções de primavera. — disse ele em tom divertido. —Prometi que ligaria diariamente para informar sobre meu progresso. Ela nunca vai saber que você vai estar lá.

—Você deve dizer a ela. — disse preocupada.

—Se fizer isso, você nunca vai chegar lá. Ela vai comandar o avião e aterrará-lo em uma ilha deserta em algum lugar.

Ela riu.

—Ok.

—É só por alguns dias. Quando você chegar em casa, vamos ter que fazer algum tipo de dispositivo de segurança para manter você e Markie seguros. Eu já falei com o agente especial encarregado sobre isso, o que lhe dá tempo para me ajudar a trabalhar em casos no rancho.

Ela odiava sua incapacidade financeira para fazer qualquer coisa sobre isso, mas não tinha escolha a não ser aceitar ajuda. Ela não poderia colocar Markie em risco.

—Vai ficar tudo bem. — ele assegurou.

“Nada realmente está,” ela pensou e sorriu.

—Estou feliz que esteja ficando melhor. — Ela olhou para o relógio. —Eu tenho que ir.

—Farei com que o piloto ligue para você esta noite. — disse a ela. — Rourke vai ficar?

Ela o fitou com raiva.

—Sim. Ele não vai sair e eu não sou forte o suficiente para pegá-lo e jogá-lo fora da porta.

Ele sorriu.

—Ele é o melhor no que faz. Não discuta.

—Ok.

Seus olhos procuraram os dela e os prendeu. Foi como um leve choque elétrico.

—Vejo você amanhã, Joceline. — Sua voz profunda estava quase ronronando.

Ela respirou fundo. Seu coração estava dando cambalhotas.

—Ok.

Ele sorriu.

—Obrigado por ter vindo me visitar.

Ela mudou.

—Está na minha descrição do trabalho. Escrever textos ditados, serviços administrativos até cair exausta, manter um sistema online bem organizado e arquivado e visitar o patrão quando algum idiota atirar nele. —olhou para ele. —Mas não fazer o café.

Ele só balançou a cabeça. Mas havia uma luz em seus olhos escuros que era intrigante. Pensou sobre tudo isso no caminho para casa.

CAPÍTULO 8

O avião era um jato pequeno. Joceline ficou surpresa com o luxo do interior. O avião tinha uma cabine mais luxuosa do que o melhor hotel que já tinha visto. Tinha de tudo, desde grossos cobertores para envolver Markie a serviço de bebidas e até mesmo refeições.

—Tentamos ter certeza de que nossos chefes têm tudo que precisam, quando voamos. — O mordomo riu.

—É muito bondade do Sr. Blackhawk nos deixar voar até nosso destino. — Joceline disse a ele. — Meu carro nunca chegaria a Dallas, muito menos Oklahoma. — acrescentou com uma risada.

Ele riu.

—Eu sei o que você quer dizer. Até que comecei este trabalho, considerei qualquer veículo com menos de cem mil milhas sobre ele como novo.

Ela se inclinou para a frente.

—O meu acabou de fazer mais de cem mil. Mas é uma daquelas pequenas importações japonesas e em grande formato mecânico. Ele deve andar uns poucos quilômetros mais.

—Eu concordo. Eles são grandes carros para pessoas com orçamentos. —Hey, garoto — disse a Markie — Você já viu o interior de uma cabine?

—Não. — respondeu Markie de dentro do cobertor.

—Quer?

Ele sentou-se.

—Está falando sério?

—Estou.

Ele empurrou o cobertor para longe.

—Claro!

—Vamos, então. — o mordomo disse com um sorriso e estendeu a mão.

—Está tudo bem? — Markie perguntou a sua mãe.

—Certamente. — o assegurou, sorrindo.

Ele foi com o mordomo e Joceline recostou-se na sua cadeira, preocupando-se novamente. Era, muita confusão em sua vida, em tão pouco tempo. Ela estava doente, com medo e não podia demonstrar porque seria perturbador para Markie. Ela estava com medo de ficar no apartamento, mais medo ainda de ir para a fazenda da família Blackhawk. Manteve Markie separado do seu trabalho toda a sua vida, longe

de seu chefe e sua família. Era estranha e difícil, esta viagem. Mas ela consolou-se com o conhecimento que se tratava de apenas alguns dias. Certamente nesse curto período de tempo, ninguém iria bisbilhotar.

Ela fechou os olhos. Não estava dormindo bem. Ela ficava vendo o rosto pálido e os lábios de Jon manchados de sangue na noite que o levaram para o hospital. Ele poderia ter morrido sem saber ...

Ela afastou com força nesse pensamento. Ele nunca poderia saber. Tomou uma decisão difícil e agora tinha que conviver com ela. Fechou os olhos e de repente estava dormindo antes que percebesse.

—Senhora?

Ela ouviu a voz através de um nevoeiro. Estava montando um elefante e carregando um rifle de búfalo, vestida com roupa de pele de veado e um chapéu de abas largas, flexível, gritando: *"Preparar, McDuff!"*, alguém na distância.

Ela abriu os olhos e deixou escapar o sonho, rindo.

—Algo que você comeu, talvez? — O mordomo perguntou com os olhos cintilantes.

—Deve ter sido algo terrível. — ela concordou, sentando-se em linha reta. —Um elefante entre todos os seres, e carregando um rifle de búfalo Sharps, calibre .50. — Ela balançou a cabeça. —Acho que foi essa história narrada em primeira pessoa de uma luta de Quanah Parker que estive lendo.

—O que chamam de a luta de Adobe Walls⁷, onde Comanches, liderados por Quanah Parker, em desvantagem numérica, algo como cinco-para-um, foi contra um punhado de caçadores de búfalo armados com rifles e os derrotou?

Ela sorriu.

—A cada um. Quanah Parker era um grande homem.

O mordomo assentiu.

—Sua mãe era branca, uma cativa que se casou com o chefe da tribo Comanche mais especificamente. —acrescentou. —Os brancos a comercializaram e a levaram, à força, de volta para casa. Ela tentou várias vezes escapar e voltar, mas não pôde. Ela acabou morrendo.

Ela balançou a cabeça.

—Ela amava o marido Comanche. E ele nunca se casou novamente. As pessoas estão sempre tentando fazer as outras fazerem o que querem. — disse ela com um sorriso silencioso. —Nada muda muito.

—Nunca faz. Estamos a ponto de aterrissar. — disse o mordomo. —Seu filho foi dormir quando voltou para cá. — acrescentou, apontando para Markie, coberto com os cobertores e dormindo.

—Tivemos alguns dias cheios. — disse ela, sem dar mais detalhes. —Não acho que ele dormiu muito, e eu certamente não dormi.

—A fazenda é um lugar agradável para dormir. — o mordomo disse. —Está localizada na área rural. Sem ruídos da cidade, nenhum som de tráfego. Apenas gado berrando ocasionalmente e cães latindo.

—Eles têm cães? — Markie perguntou de repente, sentando-se e lançando fora os cobertores.

—Oh, sim. — o mordomo disse-lhe com um sorriso. —Eles criam pastores alemão premiados.

—Oh, querido. — disse Joceline. Os animais tinham uma má reputação por serem agressivos.

O mordomo riu.

⁷ Foi uma batalha entre o [Exército dos Estados Unidos](#) e [americanos nativos](#), ocorrida em 25 de novembro de

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Quase posso dizer o que você está pensando, mas estes bebês não fariam mal a uma mosca, a não ser que alguém da família seja atacado. Verá o que quero dizer quando chegarmos lá.

—Queria que pudéssemos ter um cão. — Markie disse com um olhar penetrante para sua mãe.

—Assim que compramos aquela mansão na França, eu vou te comprar um. — disse ela com uma cara séria.

—Nós vamos viver na França? — A criança exclamou. —Quando?

Joceline suspirou e explicou o conceito de sarcasmo a ele.

Um grande SUV Lincoln os encontrou na pequena pista da fazenda. Era dirigido por um cowboy grisalho com olhos azuis brilhantes e um sorriso grande sob os bigodes **dourado-avermelhado e cinza**.

— Srta. Perry? Sou Sloane Callum. Sou uma espécie de chofer e opero qualquer trabalho estranho por aqui. O Sr. Blackhawk enviou-me para buscá-los.

—Prazer em conhecê-lo. — disse ela, apertando as mãos e sorrindo.

—Então você é a secretária que ouvimos tanto falar! — Exclamou ele quando carregou a pequena mala e a mochila de lona de Markie no veículo.

Ela não o corrigiu. Atualmente, assistentes administrativas foram relegadas a secretárias. Ela sorriu.

—Espero que o que tenha ouvido não foi algo ruim.

Ele fez uma careta.

—Eu odeio fazer o café, também. — disse a ela, enquanto observava Markie afivelar o cinto de segurança no banco de trás.

—Maldita vergonha, que crianças fiquem longe de seus pais tanto quanto possível, mesmo em um veículo.

Ela olhou para ele com surpresa.

Ele encolheu os ombros.

—Eu tinha um filho no México, há muitos anos. — disse ele calmamente. —Ele sempre andava na frente do caminhão comigo, para que eu pudesse assanhar seus cabelos e apontar as coisas para ele sem conseguir uma cãibra no meu pescoço.

—Isso foi antes dos *airbags*. — ela o lembrou gentilmente. —É muito perigoso deixar uma criança se sentar na frente agora.

—Se quer minha opinião, não há muitas pessoas que fazem. — ele sorriu —Acho que o governo empurra sua vontade em nossas vidas de muitas formas. Você não pode legislar a moralidade ou a segurança, mas estão tentando. Na verdade, temos cowboys por aqui que usam capacetes para andar em um maldito cavalo.

Ela soltou uma risadinha abafada. Ele tinha uma maneira de expressar as coisas que era mais divertido do que perturbador. Ele fez uma careta.

—Não se preocupe comigo. Sou um retrocesso a tempos pré-históricos. Não me encaixo em lugar nenhum. — abriu a porta para ela. —Vê? Maneiras de Neandertal, ainda abrir portas para as senhoras.

Ela sorriu para ele.

—Gosto muito. Você me lembra Jack Palance no filme em que ganhou um Oscar. Pensei que era delicioso, a maneira como protegia aquela jovem mulher.

As sobrancelhas dele se arquearam e sorriu de forma mais ampla.

Ela afivelou o cinto de segurança enquanto ele dava a volta no carro e sentava ao volante. Olhou para uma nota colada na viseira o olhou, mas ele afivelou o próprio cinto de segurança. Notou o olhar intrigado de Joceline e virou o visor para que ela pudesse ler a nota.

Dizia: *"Ponha o cinto de segurança e cale a maldita boca sobre os regulamentos do governo e sua relação com a indústria privada."*

Ela caiu na gargalhada.

—Quero saber, quem escreveu isso?

—Seu chefe. — disse ele, e não surpreendentemente, quando deu partida na SUV e se pôs em movimento. —Nós tivemos uma grande briga sobre isso quando cheguei para trabalhar aqui. Eu perdi.

—A maioria das pessoas perde quando entram em discussões com ele.

Ele falou em um longo suspiro.

—Sinto muito sobre seu problema. — disse, com um olhar no espelho retrovisor em Markie, que estava colado à janela, olhando para o gado e o campo aberto à distância. —Fico doente em pensar que uma pessoa possa ter como alvo uma criança.

—Sim. — ela disse pesadamente. —Foi chocante termos nos envolvido neste processo. Não que não esteja preocupada com o patrão. Ele levou um tiro, depois de tudo.

—Se ele tivesse estado aqui, nunca teria acontecido. — disse o vaqueiro imediatamente. — O sigo quando ele está no rancho. Ele não sabe, mas nunca está sozinho. Sei como os agentes federais são ameaçados. Ninguém tira o chefe do meu olhar.

—Isso me faz sentir melhor. — disse ela e sorriu. — Aposto que você caça.

—Claro que caço. Animais também.

Ela prendeu a respiração quando a casa estilo *hacienda* ficou à vista. Era enorme, com toda a certeza uma mansão, sem desculpas ou justificativas. Havia portões eletrônicos em ferro forjado preto e todo o muro era grosso, cor de areia. Era meados de novembro, nada estava florescendo no momento, mas Joceline viu dezenas de árvores que circundavam a longa entrada de automóveis e pontilhando ao redor do pátio espanhol com sua grande fonte. Havia um chão de pedra no pátio e quando ela olhou para cima, ficou surpresa ao ver um homem com um rifle de alta potência na varanda do andar de cima.

—Atirador de Elite. — disse o cowboy. —Temos três que trabalham em turnos. Costumava ser apenas um, aleatoriamente lá em cima, mas desde que o patrão foi baleado, estamos mais cautelosos.

—Não é má ideia. — ela concordou.

—Estará segura aqui, srta. Perry. — disse ele suavemente. —Nada com que se preocupar. Absolutamente nada. — acrescentou, voltando os olhos para a criança alheia no banco traseiro. —Ambos estarão seguros.

Ela sorriu.

—Obrigada.

Ele estacionou na porta, onde a entrada de automóveis semicircular era flanqueada por outra fonte grande e trabalhada. Ele saiu e se aproximou para ajudar Joceline e Markie a sair do SUV.

—Olhe a fonte! — Markie exclamou, correndo e se empoleirando no banco de pedra. —E tem peixe! Peixinhos dourados!

—Peixes dourados chineses. — o vaqueiro disse com um sorriso. —Há um grande lago de carpas japonesas lá atrás com peixes enormes de todos os tipos e cores. Há até um amarelo com olhos azuis.

—Posso ver? — Markie exclamou.

—Não agora. — Joceline disse com firmeza. —Primeiro vamos ver o chefe e se instalar no nosso quarto. — acrescentou.

—Venha, jovem companheiro. — o velho cowboy disse-lhe com um sorriso enquanto pegava a bagagem e levava-os até o portão de ferro forjado aberto.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—É tão bonito! — Markie disse entusiasmado. —Olhe para todas as árvores! Nós *não tem* ainda uma só árvore em nosso apartamento!

—Não temos. — Joceline automaticamente corrigiu.

—Há um cachorrinho! — Exclamou, e começou a correr em direção a um enorme cão pastor alemão com cara preta.

—Markie, não! — Joceline quase gritou. —Não ...!

—*Dieter, freund!* — O cowboy falou em alemão fluente. —*Ja, Ja, freund. Das ist ein braver hund!**

Joceline dirigiu-lhe um olhar chocado antes de correr para o lado de Markie.

Mas o cão não era hostil. Pelo contrário, ele foi até Markie com uma marcha lenta saltitante, e sentou-se em frente dele, inclinado para a frente para que a criança pudesse acariciá-lo.

—Ele adora crianças. — o cowboy disse —Dieter é um homem velho, como eu. — acrescentou em uma risada. —Ele veio da Alemanha. Note suas jarretes⁸. Quase tocam o chão. Pernas da raça pastor alemão americana são unidas na parte superior.

Ela notou. A constituição do cão o mantinha muito perto do chão. Ele era lindo, com um grosso pelo brilhante negro e pálidas marcas castanhas. Ele parecia muito feliz em sentar e deixar Markie abraça-lo e acariciá-lo.

—Você fala alemão para ele — disse Joceline, curiosa.

—Sim. Todos os nossos cães são treinados para responder assim. —Ele não acrescentou que havia um comando de ataque secreto em alemão conhecido apenas pelo treinador e alguns dos cowboys mais confiáveis. O código quase nunca era usado, a menos para a mais grave emergência. Ativados, os cães eram capazes de atacar e derrubar um intruso humano. Considerando a linha de trabalho de Jon, para não falar de seu irmão, eles não poderiam ter chances. Pelo menos uma vez, um suposto assassino tinha tentado forçar seu caminho para dentro. Ele foi levado para a cadeia, com uma parada pelo hospital local para costurar seus ferimentos.

—E se um intruso também falar alemão?. — Ela perguntou.

—Irá ignorá-lo. Só respondem a nossas vozes.

Ela balançou a cabeça.

—Eu não posso acreditar que seja calmo.

Ele sorriu.

—Considerando seu tamanho e força, seria insano não tê-los calmos em torno da família e amigos.

—Concordo totalmente.

—Vamos lá para dentro.

Ele os levou pela casa. Markie protestou até que o cão, Dieter, foi autorizado a entrar, também. Ele caminhou ao lado de Markie, como se uma conexão já houvesse se formado ali.

—Meu Deus! — Exclamou Joceline, observando as ações do cão.

—Ele gosta de você. — o velho vaqueiro disse a Markie com um sorriso.

—Eu gosto dele, também. Ele é legal! —Markie disse animadamente, acariciando a cabeça do cão.

O interior da casa era aberto e pontilhado com cadeiras confortáveis, plantas e pinturas. O esquema de cores era principalmente em tons de bege e marrom, com alguns verdes e até mesmo um pouco de

* A frase é em alemão: quer dizer: Dieter, amigo- sim, sim amigo, você um bom cão.

⁸

Musculatura posterior da coxa.

dourado nos estofados e cortinas. Havia uma enorme lareira de pedra, em que um fogo já estava rugindo. Estava frio.

—Eles têm uma lareira! — Markie exclamou. —Posso ir me sentar perto dela?

—Não sem mim. — Joceline disse com firmeza. —Vamos, atleta, vamos começar a desfazer nossas malas antes de preocupar as pessoas até a morte tentando se enveredar para explorar, ok?

Markie suspirou.

—Ok.

Os olhos azuis do velho cowboy brilharam. Ele os levou para um quarto do tamanho do apartamento inteiro de Joceline.

—Este é o quarto de hóspedes principal. — disse. —Há uma pequena sala com banheiro, se quiser o menino terá seu próprio quarto, mas há duas camas king-size aqui.

Joceline ainda estava boquiaberta.

—Meu apartamento inteiro caberia aqui. — ela murmurou.

Ele riu alto.

—Então, seria minha cabana. — disse ele. —Mas eu gosto de lugares aconchegantes. Poderia dizer que me acostumei a eles ao longo dos anos. — acrescentou enigmaticamente.

Ela sorriu quando ele colocou as bolsas no chão.

—Obrigada por nos trazer aqui.

—Oh, eu gostei. — Ele olhou para Markie melancolicamente. —É bom ter uma criança em torno do lugar novamente.

Ela franziu o cenho.

—Novamente?

—A filha de Kilraven passou algum tempo aqui. — Seu rosto ficou rígido. —Há boatos de que um dos seus atiradores escapou de ser acusado de sua morte — aquele que disparou no patrão e te ameaçou. Ele não vai entrar aqui, e não vai fugir se eu descobrir que o boato é verdadeiro. Conheço vários pessoas que o fariam parar. Ela era uma pequena criança muito... — Ele se interrompeu e se afastou. Apenas por alguns segundos, a expressão em seus olhos tinha sido assustadora.

—O quarto do patrão é duas portas adiante, nessa direção. —acrescentou quando estava no corredor, apontando a direção. —Ele está esperando por você. —sorriu. —É bom tê-la aqui, senhora. E você, jovem companheiro. —acrescentou para Markie. —Mais tarde, quando estiver acomodado, vou lhe mostrar os cavalos se sua mãe não se importar.

—Não me importo. — ela assegurou.

Ele deu-lhe um olhar inquisitivo.

—Pode se importar, mais tarde. Não se preocupe em me ofender, você não vai. — acrescentou com um sorriso gentil. —Você não me conhece.

Ele tirou o chapéu e saiu, suas esporas tilintando quando saiu pela porta. Dieter se levantou e o seguiu.

—Dieter. — Markie chamou.

—Deixe-o ir. — disse Joceline. —Ele pode ser um cão de trabalho. — acrescentou.

—Oh. Ok, então. —Ele a olhou. —Nós vamos ver o Sr. Blackhawk agora?

—Sim.

Ela abriu o caminho pelo corredor e parou na porta, que estava aberta.

—Joceline?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Era a voz profunda de Jon. Estranho, o modo como a palavra ondulou ao longo dos seus nervos, trazendo umas estranhas e doces sensações. Ela sorriu conscientemente.

—Sim, sou eu.

Entrou, segurando a mão de Markie, mais para seu próprio conforto que o dele. Jon estava apoiado em travesseiros, vestindo um pijama de seda cor de vinho que estava desabotoado sobre o peito largo. Seus longos cabelos estavam soltos sobre os ombros, um pouco desganhado, como se estivesse dormido.

Ele olhou para Markie e sorriu.

—Olá.

—Olá. — disse Markie. Aproximou-se da cama e se inclinou sobre ela. —Sinto muito por você ter lavado um tiro.

—Sim. Eu também.

—Você tem cachorros bons. — disse Markie. —E gosto de seus peixes, também.

—Obrigado.

—Dieter gosta de mim.

—Não estou surpreso. — disse Jon. —Ele gosta muito de crianças. Nós o pegamos de uma família na Alemanha. Ele foi o nosso primeiro cão de procriação. Ele procriou várias gerações de maravilhosos animais.

—Ele é lindo. — Joceline concordou. —Fiquei surpresa com a forma como ele é gentil.

Jon sorriu e estremeceu quando mudou de posição.

—Ele é gentil, até que precisa ser agressivo.

—Acho que você tem que ter uma boa segurança aqui. — disse ela.

—Tive algumas ameaças ao longo dos anos. Pelo menos não tenho que verificar a parte inferior do meu veículos procurando por bombas, entretanto. —ele acrescentou sem rodeios.

Ela balançou a cabeça.

—Seu irmão atrai problemas.

—Sim, e é contagioso, aparentemente. — estendeu-se até um lado e tocou um botão. —Megs, poderia vir aqui, por favor?

Houve uma voz suave e feminina que lhe respondeu. Alguns minutos depois, uma mulher pequena e negra, com longos cabelos negros e olhos castanhos entrou na sala, enxugando as mãos no avental imaculadamente branco. Ela parou quando viu os visitantes e abriu um sorriso largo.

—Bem-vindos— disse ela em seu inglês suavemente acentuado. —Sabia que vocês estavam vindo, então preparei algo muito especial para o jantar. Você gosta de sushi, segundo me disseram.

Joceline ofegou.

—Como sabe? — Era sua paixão secreta e não podia pagar para tê-lo muitas vezes.

—Eu lhe disse. — Jon disse com um sorriso. —Você saiu para comer comigo e Mac uma vez, há alguns meses. Nunca vi alguém desfrutar tanto de um prato.

—Eu amo. — ela confessou, mas não acrescentou que estava fora dos limites do seu orçamento. Sushi era terrivelmente caro.

—Temos uma cara na folha de pagamento, que era um chef de sushi, antes de ele decidir que queria ser um cowboy. — explicou Jon. —Mande Meg buscá-lo. Temos aqui marisco fresco enviado da Califórnia, para que ele possa fatiar e picar para deixar o seu coração contente.

—Obrigada. — disse ela, com satisfação genuína.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—O prazer é meu. — respondeu ele. —É um reembolso pequeno para a inconveniência de você ter vindo até aqui para fazer o meu trabalho.

—Não me importo. — protestou ela.

—Sushi é peixe cru. — disse Markie com sua cândida honestidade, e fez uma careta.

—Sim, mas o nosso chef também pode fazer espetinhos de peixe e batatas fritas caseiras. — Jon murmurou com brilhantes olhos negros. —Ouvi dizer também que alguém ama isso.

—Eu! — Markie exclamou. —E com muito ketchup!

Os adultos riram.

—Estou fazendo biscoitos, também. — Megs disse. — Será que seu filho gostaria de vir para a cozinha e me ajudar? Ele pode provar os biscoitos, se você não se importar. — acrescentou indiferente.

—Oh, por favor, posso? — Markie perguntou a sua mãe, abraçando suas pernas e olhando para ela com o melosos olhos azuis. —Por favor?

—Vá em frente. — disse Joceline e o levantou para beijar sua bochecha rosada.

—Ahhh, mãe. — ele protestou, balançando para ser colocado para baixo.

—Divirta-se —disse quando ele seguiu Megs, rindo para fora da porta.

—Megs? — Questionou Jon quando ficaram sozinhos.

—Uma piada particular. —ele disse calorosamente. —Ela exagerou na noz-moscada em uma gemada de Natal e eu comecei a chamá-la de Megs. Isso pegou.

Ela sorriu.

—Ela é muito agradável. Todo mundo aqui é bom, especialmente o cowboy enviado por você e que nos trouxe aqui. Aquele com bigodes vermelhos. Callum Sloane.

—Oh, sim. Você gostou dele? —perguntou

—Muito. Ofereceu-se para ensinar Markie a montar mais tarde. — franziu o cenho. —Ele disse uma coisa estranha, que eu não iria se ofender se não o quisesse por perto, depois.

Jon riu.

—Algumas pessoas não gostam de tê-lo por perto. Ele sabe disso e não se ofende. Ele e Cammy brigam de vez em quando. Ele é muito teimoso. Ela também, claro.

—Ele falou que caçava e logo acrescentou que caçava animais, também.

— Callum passou algum tempo na prisão por caçar homens. — ele disse abruptamente.

Seus olhos se arregalaram.

—Então era ele? O homem que você falou para mim? —Ela exclamou.

Ele balançou a cabeça.

—Ele era muito jovem e sua mãe estava morrendo de câncer. Ele se envolveu com más pessoas, que depois o levaram lentamente a fazer coisas que ele nunca deveria ter feito. Acabou na prisão. Ele saiu, entrou em um programa de reabilitação e acabou aqui. Está conosco há mais de dez anos.

Ela ficou impressionada.

—E não manchou sua ficha durante todo esse tempo?

Ele franziu os lábios.

—Ele tentou ir atrás de Jay Copper, quando soube que ele tinha ordenado o assassinato da esposa de Mac, que também levou ao assassinato da filha de Mac, Melly. Gostava muito de Melly. Teve seu próprio filho, um ilegítimo. Quando foi para a prisão e sua profissão se tornou de conhecimento público, sua namorada o deixou.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Deus sabe. Ele tentou encontrá-lo, mas acho que não conseguiu. Ele estava preocupado de que o menino provavelmente não iria querer conhecê-lo.

Ela não disse nada. Estava tentando decidir como ela se sentiria se descobrisse que seu pai era um matador de aluguel. Realmente não sabia.

—Esta casa é enorme. — disse ela, para falar alguma coisa que não fosse polêmico.

—Excessivamente grande— ele concordou. —Minha mãe não se socializa muito, exceto quando está tentando me casar. Ela dá festas e convida as candidatas da semana.

—Sinto muito.

—Você não tem ideia de como é difícil encontrar lugares para se esconder nesta fazenda. — disse ele melancolicamente. —Ela já conhece todos que encontrei, então agora eu tenho que ficar em San Antonio na maioria das vezes para escapar dela.

—Ela provavelmente quer mais netos. — disse a ele e desviou os olhos.

—Ela é bastante agressiva. —disse ele suavemente. —Lamento por ela ter sido rude com você. Ela foi rude com a esposa de Mac também, mas Winnie derrubou seu orgulho . — acrescentou. —Ela ainda a chama de “pequena motosserra loira”, mas diz com carinho agora.

—Winnie é legal.

—Muito legal. — ele a estudou com os olhos negros entreabertos. — Você é muito boa mesmo. — disse calmamente. —Vir até aqui, se incomodar apenas pelo trabalho.

—Você não poderia ir para o escritório. — assinalou.

—Não, eu não podia. Sinto muito por você ter que tirar seu filho da escola.

—Falei com sua professora. Entendem a situação. Vai dar tudo certo. Ele vai alcançar as lições. É muito inteligente.

—Ele vai gostar daqui, eu acho. Há muito para uma criança fazer. Ele parece gostar de animais.

—Gosta. Ele sempre me implora por um cão. Mas vivemos em um apartamento, e não é permitido.

Pensou em seu apartamento, e depois na invasão, e estremeceu.

—Conversamos sobre a tentativa de roubo. — disse ele de repente. Sua mandíbula ficou tensa — E o telefonema que veio depois. Eles são parte da razão pela qual eu insisti em trazê-los aqui, onde podemos mantê-los em segurança. Eu odeio ter você metida nisso.

Ela ficou surpresa, e tocada.

—Obrigada. — ela disse suavemente — Mas nós dois trabalhamos para uma agência altamente visível na aplicação da lei. É irrealista pensar que nunca haveria um risco envolvido nela.

—Isso não deveria envolver o seu filho. — disse ele sem rodeios.

—Costumava ser suficientemente ingênua para pensar que nenhum ser humano jamais machucaria uma criança.

—Os nossos desejos nunca estão de acordo com a realidade.

—Sim, é, não é? —Perguntou ela. Disse em um longo suspiro. —Isso foi o que me assustou em ter meu apartamento arrombado, o fato de que alguém pode ferir Markie. Ele é tudo que tenho no mundo.

Ele franziu o cenho.

—Você disse que seu pai ... o pai de Markie. — ele corrigiu — foi morto no exterior.

Ela desviou os olhos.

—Sim.

—Gostava dele?

Ela mordeu o lábio.

—Muito.

Uma expressão estranha tocou seu rosto bonito.

—Sinto muito.

Ela se virou.

—Foi uma tragédia, de muitas maneiras.

—Acha que teria se casado com ele?

Desapercebido, as mãos apertaram o tecido de seu jeans.

—Ele não tinha esse tipo de sentimentos por mim. — ela conseguiu dizer.

—Ele tinha algum tipo, ou você não teria Markie. — disse ele, e então gemeu silenciosamente ante a declaração errônea.

Ela engoliu em seco, forte, e se virou para ele. Seu rosto estava pálido.

—Por favor. É difícil falar sobre algo tão pessoal. — disse pesadamente. —Podemos mudar de assunto?

Ele levantou uma sobrancelha.

—Ouvi dizer que os chineses têm um restaurante onde os robôs entregam as refeições à mesa.

Um riso surpreso escapou de sua garganta contraída.

—O quê?

Ele riu.

—Li em um site virtual de notícias.

—A internet revolucionou a nossa forma de compartilhar informações. — respondeu ela.

—Tem conseguido. Qual era o nome do seu namorado? — Acrescentou de repente.

—Sr. Blackhawk ...!

—Jon. Não estamos no escritório. —Seu olhar deslizou sobre ela com uma estranha intensidade. — Como as pessoas a chamam?

—Como...?

—Como as pessoas chamam você? Certamente você tem amigos, família ...

—Toda a minha família está morta, exceto minha mãe, e não temos qualquer contato agora. — deixou escapar.—Perdi contato com meus amigos da escola. Eu tinha uma amiga, quando estava em formação para assistente jurídica, mas ela se casou e se mudou para a Califórnia.

—Você deve ter um apelido. — ele persistiu.

Ela mordeu o lábio.

—Vamos lá. Diga-me.

Ela se mexeu, respirou fundo e disse:

—Rocky.

Ele piscou.

—Perdão?

—Rocky.

—Gostaria de explicar como recebeu tal, digamos, apelido único?

—Meio que soquei uma garota na escola por derramar suco de uva em toda minha nova saia branca. Seus olhos negros brilharam.

—Rocky. Gostei.

—É melhor ir procurar Markie. Quando você quer começar a trabalhar?

—De manhã. — disse ele. —Você precisa de um pouco de tempo para descansar da viagem e se estabelecer.

Ela caminhou para a porta.

—Então o vejo mais tarde.

Ele sorriu.

—Com certeza. Rocky.

Ela corou e se lançou para fora da porta.

CAPÍTULO 9

Markie já estava apaixonada por Megs. Ele a seguiu por toda parte, divagando sobre seus biscoitos maravilhosos e quão grande era a casa, e como a família Blackhawk parecia ter muitos animais . Havia um grande gato persa branco enroscado perto da lareira. Deixou Markie pegá-lo e mantê-lo no colo. Havia um outro gato, uma tartaruga, que se manteve à distância.

Joceline ficou encantada com a simpatia das pessoas que trabalhavam para Jon. Não esperava. Sua ideia de pessoas ricas foi passando por uma reversão durante a tarde. Não que imaginasse que Cammy Blackhawk seria simpática se soubesse que a “secretária” de Jon estava morando aqui, ainda que temporariamente.

—Markie ama a cozinha. — disse Joceline a Jon enquanto estava anotando um ditado para e-mails que seria enviado para várias agências sobre os casos em andamento.

Ele riu. Ainda estava com alguma dor, e dormia muito, mas estava melhorando a cada dia.

—Ela se desespera sobre meus hábitos alimentares. Eu não gosto de refeições pesadas, mas ela adora cozinhar.

Ela estudou-o sobre o seu laptop.

—Você ainda está pálido.

Ele deu de ombros, e depois estremeceu, porque doía.

—Quando levar um tiro você vai entender o porquê.

—Estou contente que você vai ficar bem. — Ela sorriu para ele, e seus olhos brilharam. —Eu odiaria ter que treinar um novo chefe.

Ele sorriu de volta. Seus olhos se estreitaram em seu rosto. Ela era bonita quando sorria. Gostava da cor de seu cabelo, e da espessura do mesmo. Gostava de seu pescoço longo e dos pequenos e empinados seios firmes que se estendiam pouco à frente do suéter azul pálido. Ele franziu o cenho. Em um flash de memória, imaginou algo que não devia nem mesmo ter visto.

—Você tem uma pinta. — disse ele inesperadamente. —Em sua caixa torácica ...

Ela ofegou e ficou vermelha.

Ele limpou a garganta e abanou a cabeça.

—Meu Deus, devo estar fora de mim. Como poderia saber tal coisa?

Ela se atrapalhou com o teclado e quase deixou cair o computador portátil.

—Desculpe. — ele acrescentou. —Eu realmente sinto muito. Não sei porque disse isso.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Está tudo bem, não há problema. — ela gaguejou e forçou uma risada. —Provavelmente, um efeito colateral da anestesia, que o leva a fazer e dizer todos os tipos de coisas estranhas.

—Sim. Disseram que poderia. —Mas ele não estava sorrindo agora. E quando a olhou, sentiu uma pontada de consciência. Não entendia por que ...

Joceline sempre lia para Markie uma história para dormir. Normalmente era o *Dr. Seuss*. Sua favorita era “*Ovos Verdes e Presunto*”.

Ela riu quando ele fez uma careta.

—Eu não comeria ovos verdes. — ele murmurou.

—Só entre nós, eu não comeria, também. — ela sussurrou.

Ele sorriu para ela.

—Gosto daqui. — disse ele. —Megs faz biscoitos gostosos.

—Sim, ela faz. Megs faz tudo muito gostoso.

—Gostaria que nós pudéssemos ficar aqui. — Suspirou. —Eles têm cavalos. Quero montar um cavalo.

—Falaremos sobre isso. Mas não esta noite, meu jovem. — acrescentou. —Agora vamos terminar o livro. Você tem que ir dormir para que possa se levantar de manhã cedo e ajudar Megs a pôr a mesa para o café da manhã.

—Ela vai fazer biscoitos.

—Eu ouvi.

—Gosto quando você faz biscoitos. Você não cozinha muito, exceto para o café da manhã.

—Não tenho tempo, meu bem. — disse ela suavemente. Era difícil descrever seu trabalho agitado para uma criança. Geralmente estava tão cansada quando chegava em casa à noite que só descongelava alimentos congelados feitos anteriormente. Costumava reservar um dia no final de semana para cozinhar, quando fazia uma grande quantidade de um prato, os separava em porções e os congelava. Então, poderia servi-los como prato principal, com legumes e frutas durante a semana. Garantia que Markie tivesse refeições equilibradas, e ela também.

—Eu gosto de seus biscoitos.

—Obrigada. — Inclinou-se e o beijou.

—Sinto muito por seu chefe ter sido baleado. — disse Markie. — Gosto muito dele.

—Eu também. Agora vamos terminar de ler. — disse ela com firmeza.

Cobriu Markie, beijou-o, disse boa noite e apagou a luz. Deixou a porta entreaberta para que pudesse ouvi-lo. Às vezes, ele tinha **terrores noturnos**. Não gostava de tê-lo fora de sua visão, mesmo que os outros pensassem que ela era super protetora. Ele tinha problemas de saúde.

Voltou para seu próprio quarto e sentou-se pesadamente em uma cadeira. Manteve-se tão ocupada que não teve tempo de pensar na invasão do seu apartamento, mas na escuridão, ela não poderia esquecê-la. Queimou o diário, conforme ameaçou. Ele servia a nenhum outro propósito, senão para lembrá-la de um episódio que foi ao mesmo tempo doloroso e comovente. Ele continha informações que poderiam ser devastadoras não só para si mesma, mas para pessoas inocentes se isso fosse revelado. Muito melhor tê-lo destruído do que correr esse risco.

Mas a explosão de hoje de Jon a havia chocado e amedrontado. Tinha lido o suficiente sobre drogas psicotrópicas para saber que flashbacks podiam ocorrer, mas foi menos informado sobre a memória. Ele não devia ter se lembrado de nada. E talvez ele não o fez, conscientemente, mas a intimidade de estar

aqui, em sua casa, em seu quarto com ela tinha provocado algum fiapo de memória. Ele a perturbou. Nunca deveria ter exagerado, qualquer um dos dois. Mas foi impossível.

Cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos com um longo suspiro. Prometeu a si mesma que nunca iria revelar a verdade, nem mesmo sob tortura. Mas e se ele se lembrasse de outras coisas? E se não fosse um acaso e ele estivesse recuperando o tempo perdido?

Ela sentou-se, inclinando-se. Certamente a vida não poderia ser tão cruel. Afinal, ela tinha superado, não poderia terminar assim.

Ela se levantou e caminhou pelo quarto. O que faria se ele se lembrasse? Seria um pesadelo. E quanto à sua família ... como é que eles ...?

—Pare com isso. — disse a si mesma num sussurro rouco. —Pare com isso! Você está fazendo montanhas com montículos de terra!

O som da própria voz assustou. Ela riu conscientemente, entrou em seu pijama e subiu na cama. Surpreendentemente, dormiu.

—Você deve comer mais do que isso no café da manhã. — repreendeu Jon quando ela terminou o último pedaço delicioso de um croissant caseiro pouco antes de se sentar na cadeira ao lado da cama e pousar a xícara de café sobre a mesa, em uma toalhinha.

—Costumo fazer o café da manhã para Markie, mas nunca como muito. — disse ela se desculpando. —Eu não tenho tempo.

—Megs diz que o menino come como um cavalo. — Ele riu.

Ela sorriu.

—Ele está sempre morrendo de fome, o escuto falando.

—Ele desenhou um esboço de Megs. Ela mostrou para mim. Deveria receber aulas. — acrescentou suavemente. —Ele tem um grande talento natural.

—Também acho. — disse ela. —Considerarei isso.

Seus olhos se estreitaram.

—Posso cuidar das mensalidades.

Ela se atrapalhou com seu notebook e quase o deixou cair.

—Posso me virar. — disse ela abruptamente.

—Por que está tão nervosa comigo? — Ele perguntou de repente. —Você não é assim no trabalho.

Ela engoliu em seco.

—Não estou acostumada a ficar em torno de você fora do trabalho.

—Não, não é isso. — disse sombriamente. —É outra coisa.

Ela sentiu borboletas balançando em torno de seu estômago.

—Sr. Blackhawk ...

—Jon — ele corrigiu gentilmente.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Eu não posso ...

Seus olhos negros se estreitaram em seu rosto. Ele estendeu uma grande mão.

—Venha cá, Joceline. — Sua voz era suave, macia. Enviou ondas de sensação sobre sua pele.

Ela deveria ter ignorado isso. Deveria ter fingido não ouvi-lo ...

Ela colocou o notebook com cuidado sobre sua cadeira e foi sentar ao lado dele na cama.

Jon deslizou seu braço ao redor dela. Estudou-a com curiosidade inquietante.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Nós dançamos em torno do assunto durante vários anos. Você nunca quis me dizer o que aconteceu naquela noite, quando fomos para a festa da filha do diplomata.

Ela mordeu o lábio novamente.

—Você estava sob a influência de uma droga psicotrópica muito poderosa. — ela começou.

—Sim, sei sobre tudo isso. — disse ele, impaciente. —Mas o que aconteceu?

—Você ... você ficou muito doente e o levei para a sala de emergência. — ela gaguejou.

—Viemos para o apartamento primeiro. — disse ele obstinadamente. —Eu me lembro muito bem. Lembro de você me ajudar na cama. O resto é muito embaçado, mas tem que haver uma razão para eu saber sobre sua pinta, Joceline.

Ela tentou afastar-se. Seu braço a apertou.

—Você ficou ... um pouco fora de controle. — ela confessou com um sorriso nervoso.

Uma sobancelha dele levantou.

—Amorosamente fora de controle?

Ela limpou a garganta.

—Só um pouco ...

Ele a puxou. Ela aterrissou em seu largo peito nu, as mãos indo para cada lado da cabeça dele sobre o travesseiro.

—Não! Você vai abrir a ferida!

—Sem chance. — ele replicou. Seus olhos tinham manchas de verde neles. Ele era fascinado por esse ponto de visão dela, muito perto. Sua boca era suave e bonita, com uma curva natural. Seu nariz era reto, com uma pequena linha de sardas sobre ele. Havia um tom vermelho fraco em seu cabelo, que era grosso e macio. Ele passou a mão sobre ele.

—Você é bonita. — disse em um tom profundo e suave.

—Eu ... não sou. — Ela riu.

—Bonita. — repetiu ele. Seus olhos escuros. A mão apoiada nos cabelos de sua nuca e seus dedos contraídos. Ele puxou seu rosto para baixo até o seu. —Não se preocupe ... é só o anestésico me fazendo de tonto por alguns dias e fora de limite....

Sua boca larga e firme cobriu a dela, varrendo a tensão de seus lábios até que ele os provocou. Seus braços se contraíram suavemente, envolvendo-a. O beijo foi lento, suave, insistente.

Adorava a maneira como a beijava. Ela gemia baixinho, impotente, e ficou mole contra ele. Ele se virou, e um som áspero escapou de sua garganta quando doeu, mas ele continuou girando até que ela estava deitada de costas. Sua boca nunca saiu da dela. Sua mão grande acariciava sob o suéter, sobre os seios empinados e para baixo, para tocar a pinta que ele sabia existir, a pinta que tinha certeza de que nunca tinha visto.

Seu polegar introduziu-se sob o elástico de seu sutiã e brincou ao redor da suavidade de seu seio, enquanto sua boca pressionava contra a dela no silêncio da sala aquecida.

—Querido... Deus. — ele sussurrou com voz rouca, procurando o prendedor do sutiã nas costas dela.

Encontrou e o soltou. Sua mão acariciava seu firme e pequeno seio. Seus olhos estavam em chamas quando a olhou, registrando a atração impotente, o prazer absoluto em seu toque. Ele tocou o mamilo duro, ouviu seu suspiro de prazer que o incendiou.

—Inacreditável. — disse ele com voz rouca.

Ele empurrou o suéter e o sutiã e olhou para as firmes pontas escuras de seus seios.

—Lindo. — ele sussurrou enquanto inclinava a cabeça.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Seus lábios acariciaram a dura protuberância, sua língua a acariciou. Ela gemeu novamente e arqueou para cima para facilitar seu acesso ao seu corpo. Ela amava o que fazia. Não conseguiu nem fingir para protestar.

Sua mão passava sob suas costas, sentindo a pele macia, nua, que era como a seda quente ao seu toque. Sua boca se abriu em seu seio e o sugou, forte. Ela gritou.

Ele levantou a cabeça para olhar para o rosto dela, o rosto chocado. As narinas infladas. Ele nunca sentiu nada tão poderoso, tão erótico, em todos os seus trinta anos.

—Fofocam sobre mim no trabalho. — disse ele rispidamente. —Especulam. Você não pode fingir que não escuta os rumores.

Ela conseguiu acenar com a cabeça.

—Eles são verdadeiros. — disse ele, seus olhos negros e brilhantes. —Já namorei. Até mesmo tive sessões de carícias ao longo dos anos. Mas nunca fui todo o caminho com uma mulher.

Ela desviou os olhos.

Ele virou a cabeça, para que ela pudesse ver seu rosto.

—Cammy e meu pai nos criou de forma muito rigorosa. — disse ela. —Fomos ensinados que o sexo fora da santidade do casamento é pecado. Foi uma lição tão poderosa que ficamos presos em nossas próprias crenças. No início, tinha tantas barreiras psicológicas que não poderia fazê-lo. Então, quando fiquei mais velho, tinha vergonha por nunca ter feito isso.

—Somos todos prisioneiros de nossa educação. — ela concordou.

Ele passou a mão sobre o seio dela, apreciando a visão de sua reação instantânea.

—Você é tão religiosa quanto qualquer mulher que já conheci, mas você tem um filho fora do casamento.

—Sim. — disse ela tensamente. —Eu tomei uma decisão...

—Uma decisão maravilhosa. — ele corrigiu ternamente. —É uma pequena pessoa excelente. Você o educou bem.

—Obrigada.

—O ponto é que você teve relações sexuais. — Seu polegar e o indicador apertaram um mamilo duro, produzindo um gemido indefeso dela. —Como é a sensação? — Perguntou ele, quase num sussurro.

Os lábios dela se entreabriram.

—Eu ... realmente não sei. — ela confessou. —Foi tão rápido ...

—Ele estava com pressa?

Ela engoliu em seco.

—Nós estávamos apenas nos beijando. E então, de repente, ele estava com tanta urgência ... — desviou os olhos. —Simplesmente aconteceu. Doeu um pouco, e depois tudo acabou.

—Maldito!

—Ele estava bêbado ... — disse ela, defendendo-o mesmo agora. —Ele não é, não era — corrigiu rapidamente —, o tipo de pessoa que perdia o controle.

Não era preciso dizer que ela era do mesmo tipo. Ele não disse isso.

—Você acha que ele foi morto no exterior?

—Sim, tenho certeza que foi. —respondeu, mas não olhou para ele. —Ele estava muito arrependido.

—Ele queria que você tivesse a criança?

—Ele ... não sabia sobre a criança. — ela respondeu. —Não podia lhe dizer. Já era tarde demais.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Sua mão passou em seu corpo. Não gostava da ideia de que ela teve outra pessoa. Isso o comia como um ácido. Ele se inclinou e roçou sua boca sobre o seio rígido, apreciando os sons de prazer que ela emitida quando fazia isso. Ele poderia apagar a má recordação. Poderia dar prazer a ela, como isto, mas muito mais. Muito mais.

Sua boca se tornou insistente. Ela estremeceu. O prazer foi rapidamente se tornando incontrolável.

Ela sentiu a mão no fecho de sua calça e segurou seu pulso.

—Não. —sussurrou urgentemente. —Não podemos!

Ele estava quase longe demais para parar. Lutou contra seus próprios instintos, visivelmente, tentando voltar atrás.

Seus olhos foram para a porta, que estava meio aberta. Ele riu, apesar de si mesmo.

Ela seguiu seu olhar e se ruborizou ainda mais.

—Oh, querida. —Ele puxou o suéter para baixo. — Quer que eu peça desculpas? — Perguntou ele.

Ela procurou seus olhos.

—Você não está arrependido. — respondeu ela tentando fazer uma piada sobre isso.

—Não, não estou. — respondeu ele, e seus olhos negros brilharam. —Você tem gosto de mel.

Ela corou e se ergueu sobre seus pés. Atrapalhou-se para colocar seu sutiã de volta no lugar, puxou o suéter e tentou alisar o cabelo com as mãos.

—Há uma escova na penteadeira. — disse ele amavelmente. Estava deitado com o rosto apoiado em uma mão, observando-a com prazer óbvio.

Ela foi buscá-la. Passou-a sobre seu cabelo e, em seguida, notou o cabelo dele. Sem pensar, foi e sentou-se na cama ao lado dele e correu a escova sobre seus cabelos, longos e grossos. Ele sentou-se para lhe dar acesso.

—Seu cabelo é lindo. — disse ela enquanto o escovava. —Seu irmão e eu o vimos todo emaranhado quando foi baleado. Nós dissemos que você iria odiar tê-lo desarrumado.

—Iria. — olhou para o rosto dela, sorrindo. — Nunca deixei uma mulher escová-lo.

Ela sorriu.

—Estou lisonjeada.

Quando ela terminou, ele pegou a escova dela e escovou os cabelos dela.

—Cuidados de cabelos mútuo. Um comportamento previsível na sociedade primitiva.

Ela riu.

—É?

Seus dedos tocaram a boca inchada.

—Há quanto tempo estamos juntos? — Perguntou ele.

—Há muito tempo. Quase cinco anos.

—E não conhecemos um ao outro em tudo.

Ela balançou a cabeça em silêncio. A realidade estava forçando o seu caminho em sua mente. Ela deixou seu chefe beijá-la. Mais que beijá-la. Ele tinha uma mãe que tinha coragem de comer cascavéis vivos e a odiava. Ela tinha uma criança que complicaria tudo.

—Pare de pensar. — disse ele com firmeza. —Vamos dar um passo de cada vez. Nenhuma pressão.

Ela encontrou seu olhos preocupados.

—Sua mãe me odeia. — afirmou.

—Cammy é uma *puff adder*.

Ela piscou.

—Como?

—É uma cobra. Uma amiga da Geórgia me falou sobre elas. Não são venenosas, mas podem se erguer sobre sua cauda, infla suas bochechas e silvam como uma cobra. Mas se alguém vai até elas com uma vara, desmaiam de medo.

Ela caiu na gargalhada.

—Um comportamento defensivo.

—Sim. Cammy é assim. Seu interior é feito de marshmallow. Mas aprendeu a esconder isso das pessoas sendo desagradável.

Joceline não achava que fosse o caso. Mas era tão novo, e maravilhoso, ter Jon olhando para ela assim que não expressou sua opinião.

Ela se levantou.

—Devemos voltar ao trabalho.

Ele sorriu.

—Sim. Nós provavelmente deveríamos.

Guardou a escova e sentou-se com o notebook no colo. Ele a olhou calorosamente por um longo momento antes de começar a ditar novamente.

Joceline não sabia como lidar com a nova situação. Tinha medo de que Jon fosse querer mais dela do que poderia dar. Tinha sérias dúvidas sobre seu lugar na sua vida, e um medo real da reação de sua mãe se eles se envolvessem. Então, também, havia Markie. Como ele ia se encaixar nesse cenário era a parte mais assustadora do mesmo.

E com esta preocupação veio, de repente, duas novas complicações. Houve uma chamada. Chegou através da linha telefônica principal do rancho e caiu na secretária eletrônica. O autor da chamada foi breve, contundente e ameaçador.

"Vocês estão todos mortos, agora," ele disse. "O garoto vai primeiro. Não podem machucar a minha família e viver para contar sobre isso. "

Jon a ouviu antes que os outros fizessem. Ele tinha um rastreador de chamadas, mas veio de uma milha de distância da torre celular, e não poderiam ir além disso. Ligou para o escritório local do FBI. Enviaram dois homens com equipamentos eletrônicos para configurar uma rede.

Joceline então fez alguns telefonemas e descobriu, para seu enorme espanto, que Harold Monroe tinha sido formalmente acusado do assassinato da filha de McKuen Kilraven, Melly. Houve uma testemunha que tinha surgido para oferecer um testemunho, um homem que estava na cela com Monroe e que o ouvira se gabar de sua parte na matança durante sua semana na prisão à espera de julgamento sob a acusação de tráfico humano, que foi abandonada. Monroe foi estúpido o suficiente para dizer ao homem sobre a arma do crime e sua engenhosidade em escondê-la em um lugar público. A polícia, liderada por Rick Marquez, numa dica de Jon que tinha falado com um contato, teve posteriormente o direito de procurar o bueiro fora do Departamento de Polícia de San Antonio e encontrou a espingarda de Monroe — a arma do assassinato — enfiada em um saco de lixo com as impressões digitais sobre o cabo da arma, disseram. Um erro estúpido. Um erro muito estúpido, por um homem estúpido que pensou que a polícia era burra demais para nunca capturá-lo e condená-lo.

Jon estava em choque, também. Nenhum deles jamais havia pensado que Harold Monroe, o idiota sobrinho por afinidade de Jay Copper, fosse suficientemente inteligente para usar uma espingarda, muito menos matar uma criança com ela. Todas as evidências apontavam para o sobrinho de Copper, Peppy Hancock. Foi o conjunto mais complicado de circunstâncias que Jon já viu em seus anos de aplicação da

lei, e ia contra todas as probabilidades em todos os sentidos. Era quase como se as evidências tivessem sido inventada, por algum motivo inexplicável.

Jon estava preocupado com o que seu irmão poderia fazer. Mac amou muito sua filha. Estavam certos de que um homem morto, Dan Jones, esteve envolvido em seu assassinato, e Jay Copper foi preso e processado por encomendá-lo. Mac tinha até ouvido Copper dizer que Peppy foi enviado para assegurar que o golpe acontecesse. Mas agora parecia que havia um outro atirador, de fato, o atirador principal, a quem ninguém suspeitava e que estava sendo processado. Monroe culpava Jon e até mesmo sua "secretária" e seu filho por ter sido pego.

Jay Copper tinha contatos perigosos. A voz no telefone, que devia ser de Monroe, havia prometido vingança e Jon não podia se dar ao luxo de subestimar a intenção do autor da chamada.

Então, ligou para seu irmão, relutantemente, e pediu-lhe para solicitar Rourke para vir para o rancho fornecer proteção extra.

—Pensei que gostava dele — disse Joceline curiosamente quando disse a ela sobre isso.

—Gosto. — Mas não a olhou quando falou. Estava se lembrando de sua mãe comentando que Rourke era solteiro e, aparentemente, interessados em Joceline. Ele não queria concorrência, especialmente agora, nos estágios iniciais de um novo relacionamento, sem aspirações românticas entre eles.

—Você gosta dele? — Jon perguntou-lhe com o franco antagonismo.

—Bem, sim, mas apenas como um amigo. — disse ela de uma só vez.

Ele parecia menos tenso depois disso.

Mas Joceline estava se lembrando de algo que a viagem havia jogado para fora de sua mente. Alguém havia arrombado seu apartamento. Ela queimou o diário, mas e se alguém o forografou?

Ainda estava meditando sobre o arrombamento, quando Kilraven apareceu no rancho sem Winnie, com um ar frio e ameaçador.

—Têm Harold Monroe na cadeia novamente. — disse Jon em um só fôlego. — Mas desta vez ele não vai deslizar através das rachaduras, com ou sem algum advogado figurão pago pela esposa do tio Jay.

—Você acha? — Kilraven perguntou em tom gelado. —Ele acabou de fazer o pagamento da fiança.

Jon se levantou na cama, estremecendo com o movimento.

—Ele o quê?

—Ele tem contatos. — disse friamente Kilraven. —Esses contatos têm contatos. Encontraram um juiz que o liberou sob fiança de meio milhão de dólares. Seu advogado assegurou ao juiz que ele não era um risco de fuga.

—Qual juiz? — Jon queria saber.

Kilraven disse o nome de um juiz jovem recém-eleito para o magistrado no ano anterior.

—Ele — disse Jon irritado. —Ele assinou a soltura de um serial killer, por razões humanitárias.

As sobranceiras de Kilraven se arquearam. Foi incomum, para dizer o mínimo, ter seu sombrio e politicamente correto irmão mais novo reclamar sobre um juiz ou qualquer pessoa ligada ao sistema judicial.

—Ele é ingênuo para alguém inteligente.

Jon olhos negros brilharam.

—Alguém, provavelmente Harold Monroe, ligou para cá e fez ameaças. — disse seu irmão. —Mais importante, ele está ameaçando o filho de Joceline.

Kilraven o estudou calmamente.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Gosta do garoto, não é?

—Sim. — disse Jon imediatamente. Sorriu. —Ele é inteligente e muito talentoso, com um lápis. Disse a Joceline que ele deveria receber aulas.

—Melly gostava de desenhar. — Kilraven respondeu, os olhos sombrios quando lembrou o último desenho de sua filha antes de sua morte trágica.

—Ela tinha talento. — Jon concordou. —Sinto muito — acrescentou suavemente. —Sei que revelou ter participação na execução do assassinato de Melly.

— Mas ele não vai se safar, apesar dessa gafe do juiz.

—Não tenho tanta certeza. Jay Copper tem uma propriedade no Caribe. Monroe pode voar até lá e se esconder para sempre.

Kilraven apenas sorriu.

—O que você sabe que eu não sei? — Jon exigiu.

—Monroe tem sua própria sombra pessoal — disse complacentemente. —E não, não vou dizer quem é.

—Rourke. — disse Jon de imediato, carrancudo.

As sobranceiras de Kilraven se arquearam.

—Tenho Rourke protegendo Joceline e seu filho.

—Ele está aqui desde que chegaram. — Kilraven o informou. —Ele mantém um comportamento discreto, de modo que ninguém sabe que ele está ao redor até que precisem saber.

—Se meus funcionários não o notaram, vários deles estarão à procura de novos empregos. — disse Jon categoricamente.

Kilraven riu.

—Esse veterano de vocês o viu imediatamente e colocou um revólver 0,45 nas suas costas. Rourke disse que quase teve que mudar as calças, foi um choque.

Jon sorriu apesar de si mesmo.

—Sabe quem é veterano.

—Claro que sim. — Ele sorriu.

—Me sinto melhor, sabendo disso. Não gosto de pessoas andando por aqui sob o radar.

—Tem que ser assim. — Kilraven disse gentilmente. —Não podemos colocar Joceline e a criança em risco.

—Não. Certamente não podemos.

—Preciso falar com ela. Sobre a invasão em seu apartamento.

Jon franziu o cenho.

—Já têm um suspeito?

—A menos que não queira dizer Harold Monroe — disse ele —, ou um de seus comparsas. Não, é sobre algo no apartamento que eles poderiam estar procurando. Rick Marquez não pôde conseguir um vale de despesa para voar até aqui e interrogá-la, então estou aqui por ele. —o modo como falou foi somente um pouco demasiado casual.

—Sério? — Jon murmurou, pouco convencido.

—Realmente. — Kilraven tinha uma cara séria. —Por que está tão desconfiado?

—Você não é de fazer favores para a polícia.

Ele encolheu os ombros.

—Rick não é o típico detetive.

Jon pensou sobre isso, e depois relaxou.

—Não. — ele respondeu após um minuto. —Ele não é. Ela deve estar na cozinha, imagino. Ela cuida da refeição de Markie, antes de ter a dela.

—Vou apenas dar um pulo e ter uma palavra com ela. — disse Kilraven.

—Você soa como ele.

—Ele?

—Rourke. — disse ele, e fez soar o nome do homem como um rosnado.

Kilraven teve que lutar contra um sorriso. Era bastante óbvio para que seu irmão estava com ciúmes de Rourke, e não por causa do tipo de trabalho que ele fazia.

—Vou trabalhar no meu sotaque. — respondeu. —Você está melhor? — Acrescentou com preocupação genuína.

—Sim. É apenas mais lento do que eu gostaria. Quero voltar para o meu escritório e certificar-se que Harold Monroe não deixará o país antes de seu julgamento.

—Vou me certificar disso. — Kilraven disse calmamente. —Se ele participou da morte de Melly, e acho que participou, ele nunca vai escapar da justiça.

—Apenas certifique-se que você não o está dispensando livremente — Jon respondeu com firmeza. —Não quero perder o único irmão que tenho. E você tem um filho a caminho. A qualquer dia.

—Sei disso. — Kilraven suspirou pesadamente. —É muito difícil lidar com isso. Eu pensei que estava tudo resolvido quando pensávamos que Dan Jones tinha feito os assassinatos sob as ordens de Jay Copper. Nunca sonhei que havia um outro atirador. Então nós estávamos tão certo que foi Peppy Hancock, mas ele tinha um álibi incontestável de uma jovem que passou a noite em questão. Como diabos Monroe retira algo tão comprometedor sem tagarelar antes disso? Ele não pode ficar de boca fechada.

—Não sei. É estranho, não é?

—Jay Copper disse que enviou Peppy para ajudar e garantir que Dan Jones fizesse o que foi dito. Não podíamos provar isso porque com a fita ausente era apenas boatos, então Peppy não poderia ser acusado formalmente de envolvimento. E agora este idiota Hancock, cunhado de Harold Monroe, de todas as pessoas, que foi preso pelo assassinato de minha esposa e filho.

—Depois de escapar de uma acusação de tráfico humano. — Ele franziu o cenho. —Por que ele tem como alvo Joceline e o menino? É porque ela trabalha para mim?

—Por que mais? — Kilraven perguntou com uma expressão indiferente.

Jon inclinou-se para trás com um longo suspiro.

—Eu odeio tê-la em perigo, tendo o menino sob uma ameaça.

—Vamos cuidar de ambos. — Kilraven o assegurou. —Concentre-se apenas em ficar bem. Ok?

Jon sorriu.

—Ok.

Kilraven encolheu os ombros.

—Estou contente por estar tudo certo com você.

Os olhos de Jon brilharam.

—Obrigado.

Kilraven riu.

—Você é o único irmão que tenho, mesmo que suas barreiras emocionais sejam um embaraço permanente para mim.

—Olha quem está falando!

—E com essa observação, estou saindo. — disse Kilraven com um sorriso. —Venho vê-lo antes de sair.

—Vou contar com isso.

CAPÍTULO 10

Kilraven encontrou Joceline na cozinha, somente lavando o rosto de Markie. Ele estava rindo enquanto ela fazia cócegas em seu nariz com o guardanapo.

Ambos olharam para cima quando ele entrou na cozinha.

—Bem, isso deve ter sido um bom almoço. — disse ao menino com um sorriso.

—Foi ótimo! — Markie disse.

—Megs irá colocar aquele novo filme de desenho animados para você assistir na sala de estar. — disse à criança. —Ouvi dizer que você realmente quer ver.

—Oh, quero! Obrigado!

—O prazer é nosso.

Megs veio à porta e acenou para o menino, sorrindo para os adultos quando o fez.

—Até logo, mamãe. — Markie falou quando correu em direção a Megs.

—Ele é um excelente garoto. — Kilraven disse calmamente.

—Obrigada. Também acho.

Ele se virou para ela, e não estava sorrindo.

—Já ouviu falar do Princípio da Teoria de Locard?

Ela procurou seus olhos.

—É claro. Todo criminoso que rouba alguma coisa deixa algum traço de sua presença para trás.

—Rourke tem poucos concorrentes na coleta de provas. Ele encontrou uma impressão digital parcial sobre a mesa ao lado da sua cama. É consistente com as cópias em arquivo.

Ela mordeu o lábio inferior.

—De quem é a impressão?

—Um antigo ladrão que faz trabalhos ocasionais para Jay Copper.

Seu rosto ficou tenso.

—Por que ele estava no meu apartamento? Eu não tenho nada de valor para roubar.

—Rourke disse que você mantinha um diário. — ele respondeu.

Ela mordeu o lábio inferior, tensa.

—Eu o queimei.

—Qualquer assaltante decente pode fazer uma cópia fotográfica de um documento sem ter o original.

Ela engoliu o seu medo.

—Isso poderia indicar uma tentativa de chantagem. Mas não sei nada que possa magoar alguém.

—Venha aqui um minuto, sim?

Ele abriu a porta da biblioteca. Ela hesitou, mas ele parecia tão sombrio que ela entrou na sala e o deixou fechar a porta atrás deles.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Você foi a uma festa com Jon pouco mais de quatro anos atrás. — disse ele sem preâmbulo. —Ele recebeu uma droga psicotrópica, sem o seu conhecimento, e acabou no hospital. Você o levou lá.

—Sim. Foi uma piada de mau gosto do namorado da garota que ele resgatou de um sequestro. — disse ela.

—Logo depois, você tentou sair do seu trabalho. E logo depois disso, você ficou grávida.

Ela desviou os olhos.

—Saí com um amigo e começamos a beber demais ... — ela começou.

—Meu irmão é o pai de seu filho. Aqui, cuidado ...!

Ele a pegou quando ela começou a cair. Ele a colocou no sofá e empurrou sua cabeça para baixo, suavemente, até que a onda de náusea passou.

—Droga! — exclamou em voz baixa. —Sinto muito. Deveria ter sido mais cuidadoso.

Ela engoliu, e depois ingeriu novamente. Lágrimas brotaram de seus olhos.

—Você está apenas supondo. — ela soltou.

—Não estou. — ele respondeu calmamente. Sentou-se ao lado dela. —O tipo sanguíneo do seu filho é A positivo. Como o de Jon. Eu verifiquei as datas. De acordo com o relatório da polícia, você foi à festa com Jon quase exatamente nove meses antes de Markie nascer.

—As datas podem ser coincidência. E um monte de pessoas compartilham o mesmo tipo de sangue. — ela começou impotente.

—Não sei o que havia naquele diário, mas posso adivinhar. — continuou ele. —Tem que dizer a Jon, antes que ele saiba por Harold Monroe ou alguém de sua organização.

Ela olhou para cima com os olhos torturados.

—E acha que ele acreditaria em mim? — Ela perguntou, incrédula. —Porque acha que guardei isso para mim todo esse tempo?

—Você foi a única mulher que ele levou a uma festa. — disse ele.

—Sim, e ele é rico e eu mal posso pagar meu aluguel. — disse ela friamente. —Ele nem sequer me conhecia tão bem. Teria pensado que eu estava culpando-o para fazer um pequeno pé de meia para mim.

—Isso é cínico.

—Claro que é. — respondeu ela. —Mas teria sido o seu primeiro pensamento. Seria ainda provavelmente o de sua mãe. Todos nós sabemos como ela se sente sobre ele.

Ele procurou seus olhos atormentados.

—Você prefere que ele ouça no noticiário das seis? Esse é o tipo de coisa que Monroe consideraria uma boa diversão.

Ela sentou-se em linha reta.

—Você está supondo que Harold Monroe é a pessoa que enviou o ladrão para o meu apartamento. Você também está assumindo que ele fotografou meu diário.

—São boas suposições. Por que outra razão ele teria ido lá?

Ela franziu o cenho.

—Como ele poderia saber sobre o diário?

Ele estava franzindo a testa agora, também.

—Então por que entrar em seu apartamento?

—Exatamente. Ele estava procurando por algo que pensou que eu tinha. —Seus olhos se estreitaram na concentração, e de repente ela sentou-se abruptamente — Espere um minuto ... Eu tinha esquecido uma coisa ... Havia um arquivo detalhando informações pessoais e criminais sobre Bart Hancock. Ia

transcrevê-lo, então o levei para casa, para trabalhar nele. Mas nesse dia Jon foi baleado. Foi o dia do roubo no meu apartamento ...!

—Você o levou de volta?

—Eu não consegui encontrá-lo. — disse ela, corando. —la dizer ao patrão, mas depois que Jon foi baleado e o roubo em minha casa, estava tão chateada que esqueci tudo sobre ele. Oh, rapaz, estou em apuros! Vão me demitir por incompetência ...!

—Não vão. Mas o D.A. precisa saber sobre esse arquivo. Vou falar com ele.

Ela estava quase prostrada de alívio. Até que percebeu que havia deixado escapar algo confidencial para Kilraven. Ela o olhou com horror.

—Não vou dizer a Jon sobre Markie. — ele assegurou suavemente. —Mas você tem que dizer. Sabe disso.

—Não direi a ele. — disse teimosamente. —E você não irá dizer. Ele nunca acreditará. Pensará que estou mentindo por ganância. Digo às pessoas há anos que o pai de Markie estava no exército e morreu no exterior. Não irei mudar a história agora.

Ele olhou para o conjunto obstinado de seus traços.

—Como acha que Jon se sentirá se souber que nunca foi informado que tem um filho?

—Ele nunca saberá. — disse ela secamente. —Se ele quisesse estar casado agora, estaria. E não seria com alguém de classe baixa como eu. Meus pais eram pessoas do campo. Meu pai foi a primeira pessoa em toda a sua família a obter um diploma universitário. Minha mãe nunca sequer completou o ensino médio. Ela trabalha como garçonne e seu marido trabalha como vigia noturno. Somos o tipo de pessoas que sua mãe nunca iria voluntariamente convidar para sua casa!

—Cammy não é assim. — ele disse suavemente. —Você realmente não a conhece.

—Sei que ela quer o melhor para seu filho. — disse ela, evitando seus olhos. —Assim como eu quero o melhor para o meu. Não é uma coisa ruim deixar que alguns segredos não sejam revelados, Kilraven.

—Não vai ceder uma polegada, não é mesmo?

Ela balançou a cabeça.

—Tive que decidir se teria ou não meu filho. —disse ela suavemente. — Tomei a única decisão que poderia, mas também tive que considerar o que aconteceria com Jon se fosse presenteado com as consequências de um acidente que ele nem sequer se lembra que aconteceu. — olhou para ele. —Não poderia torná-lo responsável por algo que fez quando drogado, algo que ele nunca lembrou. Eu poderia ter parado. Não fiz. A culpa é minha. Só estava um pouco tonta. Ele não estava.

—E você o ama.

Ela engoliu em seco novamente.

—Sim. — olhou para cima. —Não vai dizer a ele?

Ele balançou a cabeça.

—Não. Mas acho que está errada. Sobre lhe dizer a verdade, e a sua reação. Ele está furioso porque tive que trazer Rourke até aqui.

—Rourke está aqui? — Ela perguntou, atordoada.

—Ele está aqui desde que você chegou. Não poderia dar a chance de Monroe se sair bem em sua ameaça. Ele é um idiota atrapalhado, mas tem amigos que não são.

—Você realmente acha que ele foi somente atrás do arquivo?

Ele sorriu.

—Sim.

Ela relaxou um pouco.

—Ainda estarei em apuros por isso.

—Não penso assim. Mas diga a Jon sobre o arquivo, só para estar do lado seguro.

Ela balançou a cabeça.

—E pense sobre o que eu disse. Pensará?

Ela fez uma careta.

—Vou. Mas não vou mudar minha opinião.

—Tudo bem.

Rourke entrou na sala com Kilraven poucos minutos depois.

—Joceline, meu anjo! — Exclamou, abrindo os braços. —Podemos nos casar em dez minutos, se você apenas concordar. Posso subornar um juiz ...!

—Trabalho para o governo. — disse ela com firmeza, e não sorriu.

Ele ergueu as mãos.

—São todos assim? — Ele perguntou a Kilraven. —Tão cheio de negócios e envaidecidos com a manutenção da lei?

—Muitos de nós somos, sim. — Kilraven disse com os lábios franzidos.

—Não tome o seu lado. — Rourke pediu. —Estou morrendo de amor não correspondido, e você não está me ajudando nem um pouco.

—Deveria estar protegendo-a, não tentando se casar com ela. — Kilraven apontou.

—Maldita franqueza— disse Jon da porta da sala. Estava casualmente vestido com um roupão atalhado azul, com calças de pijama com fundo listrado e os pés descalços, e um amplo peito nu visível na abertura. Estava olhando para Rourke.

—Não deveria estar fora da cama! — Joceline reclamou.

Jon levantou uma sobrancelha.

—Estou cansado de ficar deitado.

—Vai abrir a ferida!

Olhou ainda mais sombrio para ela.

—Pare com isso.

Ela olhou para trás.

—O sangue é difícil de sair do tapete bege. — disse rispidamente.

Ele começou a rir e estremeceu quando repuxou os pontos.

—Viu só? É por isso que não deveria estar fora da cama! Kilraven, faça-o deitar. —ela disse a seu irmão.

—Tive que receber pontos a última vez que tentei fazê-lo fazer alguma coisa. — disse Kilraven pacientemente.

Ela suspirou com exasperação pura.

—Ele vai abrir os pontos!

Jon ignorou os dois e agora estava olhando para Rourke.

—Você está aqui para manter Joceline e o garoto seguros, não para fazer um espetáculo de si mesmo com propostas de casamento de brincadeira. Está claro?

As sobrancelhas de Rourke se uniram sobre seu olho e tapa-olho. Seu olho castanho claro brilhava divertidamente.

—Oh, sim, senhor. — ele concordou.

Os olhos negros de Jon se estreitaram.

—E não deixe a criança fora da sua vista, nunca.

Rourke riu suavemente.

—Alguma coisa engraçada? — Jon perguntou beligerante.

—Bem, considerando que o menino compartilha uma suíte com sua mãe, e quer que eu fique de olho nele o tempo todo ...

—Você sabe o que quero dizer!

—Jon, você está cambaleante. — disse Kilraven, movendo-se para o lado de seu irmão. —Agora volte para a cama e pare de tentar controlar tudo e todos ao seu redor.

—Não estou cambaleante!

Kilraven o pegou quando ele se inclinou para a frente.

—Eu te disse. — ele murmurou. —Agora vamos lá. Voltar para a cama!

O segurou pela cintura e levantou o homem mais jovem, levando-o através da sala, para o quarto.

—Agora, fique aqui. —disse ele firmemente.

Joceline olhou através da porta.

—Ele está bem? —Perguntou preocupada.

Os olhos escuros de Jon sorriram para ela.

—Apenas um pouco de fraqueza. — assegurou. — Nada para se preocupar.

—Ok — ela respondeu, e relaxou. —Se tem certeza.

—Verificou com Betty no escritório a data do tribunal sobre a audiência prévia com Jacob Rand, que terei que testemunhar? — Perguntou ele.

—Esqueci. Vou fazer isso agora.

Viu-a ir embora com olhos suaves e tranquilos.

Kilraven franziu os lábios e seus olhos sorriram.

—Ela é legal. — disse ele.

Jon concordou.

—Tenho sorte de tê-la. Mesmo que não faça o café.

Kilraven não respondeu a isso. Ele estava ocupado se preocupando com outras complicações. As que seriam inevitáveis quando a verdade viesse à tona.

Joceline teve o trabalho de Jon concluído em três dias. Não tinha certeza sobre se devia ou não permanecer. Ele estava se curando bem, mas havia coisas que ela poderia fazer no escritório e precisava fazer, para evitar um amontoado quando ele voltasse. Mas ele relutava em deixá-la partir.

Eles obtiveram o hábito de tomar um lanche juntos depois que Markie ia dormir. Claro, que levou, inevitavelmente, a sessões quente em sua cama, que foram ficando cada vez mais apaixonadas e mais difíceis de parar com o passar do tempo. Sua reação a ele era de imediato, descontroladamente receptiva. Ele sabia disso e se tornou ainda mais insistente.

Mas ela foi capaz de recuar. Com dificuldade.

—Nós não podemos. — disse ela com voz rouca quando ele se tornou ainda mais insistentes sobre despi-la.

—Por que não podemos? — Ele murmurou contra seus seios macios. —Todo mundo faz isso.

Ela puxou a cabeça para trás.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Porque não somos todo mundo. — ela insistiu. —E porque já tenho um filho fora do casamento. Ele suspirou, decepcionado.

—Sim.

Ela sentou-se, reorganizando suas roupas e ficou de pé.

—Eu deveria partir.

—Não!

Ela se virou e olhou para ele.

—Isso só vai piorar. — disse miseravelmente. —É só porque você me conhece e esta é uma experiência nova. Você nem gosta de mim normalmente.

Ele estava olhando para ela com olhos famintos.

—Sempre gostei de você.

—Oh, realmente? — Ela perguntou em tom de provocação. —Isso foi antes ou depois que você jogou um livro de leis em mim?

—Eu joguei na parede. — ressaltou. —E não era um livro de leis, era uma revista de jogos. — fez uma careta.

Ela sorriu para ele.

—Realmente tenho que voltar ao escritório. ... E preciso de algum espaço. Apenas por alguns dias.

Ele inclinou a cabeça e a estudou.

—Então o quê? Depois de alguns dias?

Ela falou em um longo suspiro:

—Não podemos falar sobre isso mais tarde?

Seu rosto ficou tenso.

—Você está procurando um sinal de saída.

—Minha vida inteira foi uma série de sinais de saída. — ela murmurou.

—Você acha que não estou falando sério.

—Você não me conhece. — respondeu ela. —Não sabe nada sobre mim.

Ele franziu o cenho.

—O que preciso saber?

—Mais do que estou disposta a lhe dizer, no momento. E preciso dormir um pouco.

Ele fez uma careta. Voltou atrás com um suspiro.

—Suponho que esteja certa. Talvez não nos faça mal desacelerar um pouco.

—Estou feliz por você concordar.

—Estou sendo forçado a isso. — Ele ressaltou. Mas sorriu.

Ela encolheu os ombros.

—Quero que você fique bem.

—Também. — Deu-lhe um longo olhar. —Mas Rourke vai voltar com você. Não gosto disso — confessou. —Mas tenho que concordar que ele vai cuidar de você.

Ela se sentia insegura.

—Você não acha que alguém realmente tentará machucar Markie?

—Mataram minha sobrinha.

Ela engoliu uma onda de pânico.

—Sim.

—Não vão conseguir Markie. Prometo a você que não vão. — disse ele.

Ela deixou-se relaxar, só um pouco.

—Obrigada.

—E vamos conversar um pouco mais. Amanhã.

Ela hesitou. Mas seu sorriso era contagiante. Seu coração saltou. Sorriu e acenou com a cabeça.

—Amanhã.

Joceline pulou da cama, radiante com a novidade de seu relacionamento com Jon e esperançosa de que podia realmente ter um futuro para eles. Estava conduzindo Markie em direção à cozinha quando a porta se abriu e ela entrou em um pesadelo.

Cammy Blackhawk deu a ela e à criança um brilho que teria parado uma multidão agitada.

—O que está fazendo na minha casa? — Ela perguntou friamente.

Joceline geralmente não ficava sem palavras, mas tinha razão para temer esta mulher e suas reações. Hesitou.

—Trabalhando.

—Não para mim — Cammy disse arrogantemente. —Nunca a convidei aqui! Nunca! E trazendo essa ... essa criança aqui! Como se atreve!

Joceline se curvou e levantou Markie em seus braços. Ele já estava olhando perturbado. Olhou para a mulher de cabelos escuros, com olhos grandes e chocados.

—Por favor, abaixe sua voz. — Joceline disse rigidamente. —Você está perturbando Markie!

—Como se me importasse! — a outra mulher respondeu arrogantemente. —Você teve o seu divertimento e ele é a prova viva disso, a prova que você não tem moral alguma!

Joceline mordeu o lábio inferior.

—Você não sabe nada sobre mim. — disse ela com voz rouca.

—Sei tudo que eu preciso. Você está aqui, tentando virar a cabeça de meu filho, para tornar-se atrativa para ele! Você o está perseguindo porque tem dinheiro e você é pobre!

—Você pare de gritar com minha mãe, sua garota velha má! —Markie disse com raiva.

Cammy foi momentaneamente distraída pela criança, o que deu a Joceline tempo suficiente para virar nos calcanhares e voltar pelo mesmo caminho que veio.

—Aonde vamos, mamãe? — Markie perguntou.

—Para casa, meu bem, assim que fizermos as malas. —Seu coração batia descompassado. Estava quase em pânico, ela, que raramente entrava em pânico. Nunca tinha visto tal ódio nos olhos de outro ser humano.

—Bom. — ele murmurou, e escondeu o rosto em seu pescoço. —Eu não gosto dela. Ela é má!

—Fique longe do meu filho! — Cammy acrescentou altivamente. —Trouxe minha jovem amiga aqui para cuidar dele enquanto está se recuperando. Nós não precisamos de você!

Bem, isso significava que ele não perderia nenhuma notícia de moda excitante, mas estava além da mente girando de Joceline para vocalizar o pensamento.

Ela colocou Markie no chão e começou a colocar as coisas em sua mala esfarrapada pela idade. Cammy ficou parada na porta, esperando, com os braços cruzados sobre o peito firme. Estava indignada que a mulher tivesse estado aqui, com Jon, sozinho em sua própria casa enquanto ela estava na Europa!

—Certifique-se de não pegar algo que não é seu — Cammy vociferou.

Joceline a ignorou.

Markie se agarrou às pernas da mãe.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não gosto daqui. — disse. —Eu quero ir embora.

A voz da criança estava rouca e ele estava respirando de forma estranha.

Joceline caiu sobre um joelho.

—Respire. Respire. Olhe para mim. Apenas respire, ok? Não pense sobre isso. Apenas respire. Aqui — agarrou o inalador de emergência. —, respire nele de novo. Sim. Melhor?

Ele balançou a cabeça. Seu peito subia e descia rapidamente, mas com menos força. Sua respiração ficou regular, só um pouco, quando o medicamento começou a funcionar.

—O que há de errado com ele? — Cammy perguntou, com relutância.

—Absolutamente nada. Pegue seu brinquedos, querido.

Markie pegou um urso velho e um boneco esfarrapado de cowboy e abraçou-os contra seu peito. Ainda estava um pouco trêmulo. Joceline estava preocupada, mas não se atreveu a demonstrar. Terminou de colocar os seus poucos artigos de roupa na mala, vestiu Markie com sua jaqueta e colocou a dela própria. Pegou sua bolsa e a mala.

—Você é bem-vinda para verificar a minha bagagem. — disse a Cammy.

A mulher mais velha estava olhando para eles com os olhos que viram mais do que queriam. Viram a pobreza e a desesperança e aquiescência relutante a uma demanda razoável.

—Nós vamos agora. — disse Joceline. Tomou a mão de Markie e levou-o para fora da porta. Parou e se virou, levantando o queixo com orgulho silencioso.

—Pode por favor pedir a alguém para nos levar até a estação de ônibus na cidade? É muito longe para Markie andar.

—Você não tem um carro?

—Meu carro não chegaria perto do centro de San Antonio, Sra. Blackhawk — Joceline disse com orgulho doloroso. —O Sr. Blackhawk nos trouxe de avião até aqui.

—Vou pedir a um dos empregados lavá-los para a cidade.

—Obrigada. Vamos esperar na varanda. — puxou Markie junto com ela.

Cammy pegou o telefone residencial.

—Disponibilize um dos homens para conduzir a senhorita Perry para a estação de ônibus com seu ... filho, falou. —Ela está na varanda.

—Vou levá-la eu mesmo, sua morcego velha raivosa. — veio um tom com sotaque africano por telefone. —E você pode levar seus preconceitos e suas atitudes do velho mundo e ir direto para o inferno com eles.

O telefone que estava na outra extremidade bateu.

—Eu nunca...! — exclamou, indignada.

Invadiu o quarto de Jon. Sua protegida estava tentando afofar seu travesseiro enquanto ele olhava para ela.

—Esse homem terrível me disse para ir para o inferno! — Disse a Jon, fumegante. —Que tipo de pessoas você tem trabalhando aqui?

—Quem lhe disse isso? — Perguntou ele, furioso.

—Essa pessoa, Rourke. — disse ela com raiva. —Só pedi a alguém para levar a sua secretária para a cidade para pegar um ônibus ...

—Joceline? Pegar um ônibus? —Ele se levantou da cama. —Maldição!

—Agora, Jon ...

Estendeu a mão para o telefone.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Me passe para Rourke. Vou esperar! — olhou para Cammy. —Rourke, o que está acontecendo ... ela fez o quê? — escutou. —Sim. Você vai com eles. Leve-a para a pista ... Vou mandar o piloto até lá. Diga a ela ... inferno, não importa, eu mesmo vou dizer.

Ele desligou o telefone. Levantou-se.

—Vou voltar para San Antonio. Dê o fora do meu quarto! — Disse a loira e sua mãe.

—Jon — Cammy disse gentilmente —Sinto muito. Por favor. Não se levante. Você está doente ...

—Eu estava ficando cada vez melhor até que decidiu destruir a minha vida!

Cammy mordeu o lábio. Lágrimas estavam se formando em seus olhos.

—Jon, aquela mulher tem planos para você. Não acho que você realmente entende ...

—Você é a única que não entende. — Jon disparou de volta. Estava furioso. —Você não vai dirigir a minha vida por mim. Não vai me dizer com quem posso casar, ou o que posso fazer. Você é minha mãe, não a minha dona!

Cammy mudou sua postura.

—Você está doente e agora eu o aborreci. Sinto muito. Eu vou pedir desculpas a não-sei-o-nome dela mais tarde ...

—O nome dela é Joceline. — disse ele em um tom de ameaça.

—Sim, claro, Joceline ... — Ela se endireitou. —Ela teve um filho fora do casamento — começou.

—Assim como você. — Jon rebateu furiosamente.

O rosto de Cammy ficou branco como um lençol.

—O-o quê?"

—Só que você escolheu interromper a gravidez, não é mesmo? — Jon persistiu, enquanto a loira estava ao lado em total choque e sem dizer uma palavra. —Estava com medo que meu pai não fosse querer a criança, já que não estava casada com ele no momento, e você fez um aborto. Não foi até ele propôs que você percebeu o que tinha feito, mas então, já era tarde demais, não foi?

Ela se encostou na parede, despedaçada.

—Nunca disse a ninguém!

—Papai bebeu. — disse ele friamente. —Quando bebia, falava. Ele teria casado com você, disse, se apenas tivesse dito a ele a tempo. Ficou de luto pela criança. Entristeceu-se com você, por uma decisão que você tinha feito que ele pensou que a destruiria. —Seus olhos estavam frios. —Mas não a feriu, você sim, Cammy, uma vez que pode julgar uma mulher que teve mais coragem que você.

Ela fechou os olhos e estremeceu.

—Uh, esta é, obviamente, uma conversa muito particular. Acho que vou esperar lá fora. — disse a loira, saindo na ponta dos pés para fora da sala.

—Pode esperar com ela. — Jon disse a sua mãe. —Estou indo embora, assim que puder me vestir.

Cammy abriu os olhos. Estavam escuros e perturbados.

—Pensei que era a única coisa que eu poderia fazer. — disse em um tom distante. —Nunca pensei sobre como seria, depois ... —olhou para ele. —Eu nunca quis que você soubesse.

—Meu pai desejava não saber. — ele declarou. —Você é tão hipócrita, Cammy. Você está certa, todo mundo está errado. Você sabe exatamente o que os outros devem fazer, como devem viver, com quem deveriam se casar. — acrescentou friamente, apontando para a porta fechada. —Mas quem é você para tomar essas decisões?

Cammy cruzou os braços sobre os seios.

—Quero que você seja feliz.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—E acha que viver com a sua candidata obcecada pela Vogue me faria feliz? — Perguntou, incrédulo. Ela engoliu em seco.

—Talvez ... talvez eu tenha saído um pouco dos limites.

—Um pouco. — a olhou de perto. —Deixe-me lhe dizer algo. Se tivesse de casar com uma mulher assim — balançou a cabeça em direção à porta —, para ter uma criança, eu seria um solteiro para sempre. Aparência não importa para mim. Há qualidades muito mais importantes.

Ela mudou de novo. O olhou culpada.

—Aquele garotinho. Ele não respira direito.

—Ele tem asma. — disse ele friamente. —Tem ataques violentos que o levam ao hospital. Especialmente quando está chateado! —Cammy fez uma careta.

—Joceline não tem momentos fáceis, graças a você, e eu vou voltar para San Antonio com ... com ...

—Ele fez uma careta e quase caiu.

Cammy correu para a frente e o pegou. O ajudou a voltar para a cama, lutando contra as lágrimas.

—Sinto muito. Sinto muito.

—Maldição! — Ele foi ao chão e inclinou-se para trás. Estava fraco demais para levar a cabo a ameaça.

Ela alisou seus cabelos limpos e escuros para trás, como fazia quando era um menino doente.

—Está tudo bem. Colocarei tudo em ordem. Não se preocupe. Você tem que se restabelecer. —Ela mordeu o lábio, forte. —Sinto muito! — Lágrimas rolavam por seu rosto.

Jon não respondeu. Estava com tanta raiva que não poderia mesmo formular palavras.

Joceline lutou contra as lágrimas todo o caminho para San Antonio. Estava chateada, mas Markie estava ainda mais chateado. Já sabia que sua agitação significava uma visita ao hospital. Ele estava à beira de um ataque, mesmo com os remédios que usou.

—Sinto muito, querida. — Rourke disse suavemente. — De verdade. Cammy pode ser uma ... —Ele fez uma careta quando olhou para a criança. —Bem, ela pode ser desagradável.

—Não culpa é dela. — Joceline respondeu com um sorriso tenso. —Ela não me conhece.

—Ela que está perdendo. — respondeu ele, e a ternura em seu tom trouxe um soluço abafado de sua garganta.

—Pronto, pronto. — Sentou-se ao lado dela e a puxou para mais perto, balançando-a. —Não se preocupe, o mundo ainda está acontecendo ao redor. Certo, meu garoto? — perguntou a Markie com um sorriso.

Markie estava preocupado com sua mãe. Ela estava chorando. O que significa que a velha a perturbou. Mas o grande homem sentado com eles os faziam se sentirem confortados, como se fosse dar tudo certo. Ele sorriu de volta. Com certeza. Daria tudo certo. Se ele pudesse respirar ...!

CAPÍTULO 11

Mas não estava tudo bem. Joceline foi para casa com Markie, mas mal tinham entrado no apartamento quando ele começou a sufocar.

Ela ligou para Rourke, que correu para a sala de emergência. Eles esperaram por notícias de fora, enquanto o médico examinava Markie.

—Vai ficar tudo bem com ele. — Rourke prometeu.

Seu telefone tocou. Ele se levantou e respondeu, afastando-se um pouco. Parecia preocupado. Disse alguma coisa, desligou e voltou a Joceline.

—Tenho que ir. — disse calmamente. —Não posso explicar. Estive trabalhando em um caso com algumas outras pessoas e vieram com uma estratégia que acho que, espero, vai funcionar! Vou pegar um dos meus homens para cuidar de você. Prometo, você não vai saber que ele está por perto. Não quero partir. Mas não tenho escolha.

—Está tudo bem. — disse ela. —Obrigada por nos trazer aqui.

Ele puxou uma nota do bolso e enfiou-a em seu casaco.

—Não reclame. — disse ele firmemente. —Vai ter que pegar um táxi para casa. Farei isso por você, prometo. Ligue-me quando souber como o garoto está, certo?

Anotou o seu número de telefone e entregou a ela em um pedaço de papel.

—Ok. — disse ela.

Ele piscou para e saiu pela porta, obviamente distraído.

Joceline inclinou-se sobre o colo, respirando profundamente. Tinha passado por tanta coisa. Agora, se deparou com um grande obstáculo. A mãe de Jon a tirou completamente fora de sua vida. Cammy queria que Jon a demitisse e contratasse outra "secretária". Era a mais possessiva, furiosa mãe na terra e cortou pela raiz o tênue sonho de Joceline, de ter um futuro com Jon.

Foi provavelmente o melhor, disse a si mesma. Afinal, estava guardando segredos terríveis. Mas o que mais poderia ter feito? Tomou a única decisão possível. Agora tinha que pagar por isso. E continuar pagando por isso.

Começou a chorar. Foi simplesmente demais: o roubo, Jon sendo alvejado, um homem horrível ameaçando matá-la e ao seu filho, a possível perda de seu emprego e agora a mãe terrível de Jon a intimidando para expulsá-la da casa. Nem tinha permitido lhe dizer adeus. Foi simplesmente demais!

—Oh, não, você não deve. Não deve chorar assim!

Ela ouviu a voz como se estivesse em um sonho, e sentiu braços unindo-se ao seu redor e abraçando-a perto e acalentando-a.

—Vai dar tudo certo. Você vai ver.

Devia estar sonhando, disse a si mesma. Provavelmente foi atingida na cabeça e estava em coma. Porque a menos que seus sentidos estivessem verdadeiramente enganando-a, essa era Cammy Blackhawk abraçando-a apertado e assegurando-lhe que tudo ia ficar bem. Alucinações, disse a si mesma com firmeza. Ela estava tendo alucinações

Cammy pegou um lenço e enxugou os olhos.

—Passei muitas noites em salas de emergência com Jon, quando era muito pequeno. — disse em tom conciliatório. —Sei como é assustador. Mas Jon superou sua asma. Seu filho vai, também. Você vai ver.

Joceline mordeu o lábio. Não sabia o que dizer, o que fazer. Era incrível, que a mulher a tivesse seguido até aqui. Por que ela estava sendo gentil?

—Você não confia em mim. — Cammy disse, e acenou com a cabeça. —Sente-se. Deixe-me lhe contar uma história.

Joceline sentou na cadeira ao lado dela, o mais duro tipo de cadeiras em todo o mundo que pareciam amar em colocar em hospitais.

—Quando era muito jovem, meu avô gostava de fazer festas com seus amigos. Bebiam e desmaiavam. Assim eu podia fugir de casa e ninguém notava. Apaixonei-me por um homem muito mais velho. Ele trabalhava para a polícia da reserva naquela época... —sorriu para surpresa da outra mulher. — Sim, eu vivia na reserva Kyle, Dakota do Sul, porque meu avô morava lá. Minha mãe tinha se casado muito jovem e morreu durante meu parto. Meu pai, bem, ele simplesmente desapareceu e me deixou com meus avós em Dakota do Sul. Quando minha avó morreu em um inverno, era só meu avô e eu. —Ela suspirou. — Para encurtar uma longa história, eu estava apaixonada e fui longe demais. Eu estava com medo ... ele não iria querer a criança. Era muito religioso, veja só. —Ela desviou os olhos. —Fiz o que pensei que deveria fazer. Então ele se casou comigo e percebi ... —engoliu em seco. —Ele nunca falou disso novamente. Ele já tinha McKuen, e então tive Jon. Então tivemos nossos dois filhos e nós os criamos para ser moral e socialmente consciente e nunca fazer qualquer coisa que teriam vergonha de anunciar na igreja.

Joceline estava escutando, chocada.

—Eu a julguei. — Cammy disse calmamente. —Não tinha o direito. Eu não tive coragem. Você teve o seu bebê.

Joceline desviou os olhos.

—Tomei uma decisão. Nunca soube se seria o caminho certo. Sabia que Markie nunca conheceria seu pai.

—Isso é uma tragédia.

—Uma grande.

Cammy segurou as mãos frias da mulher mais jovem entre as delas.

—Sinto muito pelo que disse a você. Pela maneira como agi. Estou muito triste pela dificuldade que causei para o seu filho. Mas vai ficar tudo bem com ele. Jon tinha estes ataques. Eles sempre foram terríveis, mas sempre terminavam e ele ficava bem.

—Markie tem pulmões fracos.

—Assim como Jon. Foi uma das razões pela qual fui muito rigorosa sobre não deixá-lo fumar. — Cammy suspirou. —Ai de mim, nunca pude parar o seu pai, e tentei. Então McKuen pegou aqueles terríveis charutos ...!

Joceline sorriu. Mordeu o lábio.

—Está tudo bem com Jon?

—Sim. Ele tentou voltar para o apartamento dele aqui. Estava muito zangado. Foi minha culpa. —Ela baixou os olhos. —Me preocupo tanto com ele. Não quero que seja deixado sozinho. —mordeu o lábio e ergueu os olhos escuros para Joceline. —Dizem que tenho pressão alta. Querem que eu tome pílulas para isso. Não quero. Odeio remédio.

—Mas deve. — Joceline disse suavemente. —Não quer ter um derrame. Morrer não é a pior coisa que poderia acontecer com você. Poderia ficar paralisada. Quando eu era pequena, minha avó teve um. Ela ficou paralisada de um lado e ficou deitada em sua cama assim por dois anos antes de morrer. Foi tão triste. Deve tomar o remédio!

Cammy atraiu um longo suspiro.

—Poderia morrer de qualquer jeito.

—Não. Você vai ser uma avó. — disse Joceline e conseguiu dar um sorriso, mesmo através de sua miséria. —Muito em breve, também.

Cammy se iluminou.

—Tinha esquecido. Meu segundo neto.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Joceline assentiu. Seus olhos estavam curiosamente tristes.

—Sim. Seu segundo neto.

—Acho que eu deveria pensar sobre isso e parar de tentar forçar Jon a se casar com meninas que gosto. — disse, fazendo uma careta. Estudou Joceline. —Rourke quer casar com você. Isso deixa Jon furioso. — acrescentou com uma risada suave.

—Markie gosta de Rourke. — Joceline disse sem se comprometer. —Ele tem leões em sua fazenda na África do Sul.

—A África é um lugar muito perigoso, não deve levar uma criança lá. — Cammy disse com firmeza. —E Rourke não é nenhuma ideia materna de um marido adequado para sua filha!

Incrível. Cammy estava realmente tentando dissuadi-la de se casar com Rourke?

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, o médico plantonista apareceu. Ele sorriu.

—Não se preocupe — disse com um sotaque britânico —o menino vai ficar bem. Tivemos que dar-lhe vários medicamentos, mas já limpamos seus pulmões. Acho que é seguro para você levá-lo para casa agora.

—Será que ele vai precisar de antibióticos?

—Não. Apenas do inalador preventivo. Você tem um?

—Sim.

—E o inalador de emergência, se precisar dele. — acrescentou. Sorriu. —Ele é um garotinho muito brilhante. Estava preocupado com você. Conclui que foi uma briga?

—Sim, e minha culpa. — Cammy se adiantou. —Mas está tudo acabado agora.

O médico pareceu surpreso.

—Então vou levá-la para Markie.

Joceline e, para sua surpresa, Cammy saiu em suas costas.

Markie olhou horrorizada quando viu a mulher mais velha caminhando ao lado de sua mãe.

Cammy foi em frente antes de Joceline poder falar e levantou a criança em seus braços.

—Sinto muito. — disse Cammy suavemente, e sorriu. —Sou uma malvada mulher velha, mas acho que posso superar isso. Gostaria de um sorvete?

Markie parecia dividido entre a indignação com o tratamento da mulher para com sua mãe e a promessa de um deleite raro e especial. Olhou para Joceline para se orientar.

Ela de fato deu uma risadinha.

—Acho que a oferta de sorvete vai salvar o dia.

Cammy sorriu de volta.

Levaram Markie para o refeitório do hospital e ele conseguiu sorvete, mas só depois de uma refeição adequada, a qual Cammy pagou e não aceitou nenhum argumento.

Ela tomou um gole de café preto e recusou a sobremesa.

—Nunca como doces. — disse a eles. —Um hábito antigo. Quando eu era criança, nos foi dito que o açúcar era a base de todos os problemas de saúde e só nos era permitido doce ou bolo em ocasiões muito especiais.

—Você é uma nativa americana? — Markie perguntou curiosamente. — Nós os estudamos na escola.

Cammy assentiu.

—Meu sangue é principalmente Cherokee, mas eu tenho avós que eram Lakota Sioux e um avô Comanche.

—Consegue falar essas línguas?

—Posso falar um pouco de Cherokee. — disse ela, sorrindo. —Perderemos as línguas nativas, se não forem faladas. Tento lembrar o que os meus pais me ensinaram.

—O pai de Jon era Lakota, não era? — Joceline perguntou.

—Sim. Seu sangue era inteiro. — Ela riu. —Sua mãe pensou que eu era inadequada, porque o meu sangue é misturado.

Joceline ficou chocada.

—Como vê, o preconceito não tem casa. — acrescentou. —Casei com ele de qualquer maneira. Não falaram conosco por dois anos. Quando Jon nasceu, eles amoleceram.

—As crianças fazem isso.

—De fato.

Joceline se sentia tão desgastada. Estava esgotada, desde o trauma do tiro de Jon e a mudança na sua relação, para não mencionar o voo de Oklahoma com uma Cammy furioso às costas. E agora, aqui estava ela, a pior inimiga de Joceline, pagando sorvetes. Jon estava certo: Cammy não era quem parecia ser.

Ela colocou uma colherada de sorvete em sua boca e franziu a testa. De repente algo lhe ocorreu, algo que ela esteve muito perturbada para considerar.

—Como ele sabia?

Cammy piscou.

—Como?

—Alguém entrou no meu apartamento. —explicou — Kilraven e eu achamos que foi para obter um arquivo que levei para casa comigo. Como é que o ladrão sabia que eu tinha levado o arquivo para casa?

—Você disse a alguém? — Cammy perguntou.

—Só Betty, em nosso escritório, quando estávamos tomando café. — A colher parou no ar. —Não. — Ela descartou o pensamento depressa. —Ela está lá há mais tempo que eu. É um dos nossos colaboradores mais confiáveis.

—Alguém no escritório?

—Há tantas pessoas que trabalham lá. — disse Joceline inquieta. —Não só os agentes e pessoal administrativo, mas temos vários trabalhadores de meio período que vêm para ajudar. Temos linguistas e especialistas em informação, programadores de computador, folha de pagamento ... — franziu o cenho. — Bem, uma das nossas trabalhadoras de meio período estava na mesa, mas não poderia ter sido ela. Veja, seu pai é um detetive de homicídios para o departamento de polícia local. — riu. —Suponho que alguém poderia ter nos ouvido e mencionado que a outra pessoa, você sabe como isso acontece. É um escritório. —Joceline suspirou. —Tem sido uma semana muito agitada.

—Sei o que quer dizer. Passei os últimos anos na certeza que um dos meus filhos seria morto por algum criminoso. — disse pesadamente. —Trabalham em tais trabalhos perigosos, como o meu falecido marido.

—Eles são muito bons no que fazem. — Joceline disse suavemente. —E muito cuidadosos.

—Sim. Está certa. — Cammy sorriu. —Eu me preocupo muito. — Ela olhou para seu café. —Tomei uma decisão. Espero que tenha sido o caminho certo. — olhou para cima. —Jon vai precisar de você, muito.

Joceline estranhou a frase, mas Cammy rapidamente mudou de assunto.

Cammy a levou para casa num táxi e pagou por ele, ignorando os protestos de Joceline.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Foi minha culpa, tudo isso. — disse ela suavemente. —É o mínimo que posso fazer.

—Obrigada.

Cammy estudou-a calmamente.

—Você ama o meu filho.

Joceline recusou-se a falar.

—Ele é meu chefe. Claro que eu ... gosto dele.

Os olhos escuros de Cammy se estreitaram. O menino segurando a mão de Joceline de repente era tão familiar que sentiu uma pontada de consciência terrível. Ele agiu de modo muito parecido com Jon, nessa idade ...

Foi somando fatos. Jon teve um encontro com Joceline quatro anos atrás, em uma festa onde foi drogado, cerca de nove meses antes de Markie nascer; seu comportamento aparentemente fora de sua índole ao dar à luz um filho fora do casamento, quando era uma pessoa religiosa, isto somou-se a algo que Cammy não tinha visto?

Sentiu uma pontada de consciência para as coisas que disse sobre esta jovem mulher corajosa. Ela tinha um outro segredo somente seu que não podia compartilhar com ninguém. Ela estava andando em um perigo muito grande que não havia confiado até mesmo para seus próprios filhos. Esperava que estivesse fazendo a coisa certa. Havia se mostrado relutante no momento, não esteve tão bem disposta para uma relação com essa mulher e seu filho. Agora, ela se sentiu melhor sobre a decisão. Que seria dolorosa para outras pessoas, também. Mas se quisesse salvar uma vida ...

Ela não deixou transparecer suas suspeitas. Simplesmente sorriu e acenou, com um último olhar persistente em Markie, e deixou o taxista levá-la para um quarto de hotel que tinha reservado. Inclinou a cabeça para trás contra o assento, pensando em silêncio.

Quando chegou ao hotel, ela tinha apenas uma discreta companhia. Foi-lhe dito o que fazer e quando. Mas antes que ela seguisse as instruções, ligou para McKuen.

—O que sabe sobre o filho de Joceline? — Ela perguntou sem rodeios.

—Nada que diria a você, Cammy. — ele respondeu com franqueza igual.

—Fui vê-la. Ela teve que levar seu menino para o hospital por minha causa. — acrescentou com alguma vergonha. —Nunca me senti tão culpada por qualquer coisa.

McKuen relaxou um pouco.

—Isso foi bom.

—Jon me jogou para fora de casa. — acrescentou com tristeza. —Não estava falando comigo quando saí. Enviei a minha jovem amiga Charlene para minha casa, você sabe. Lembrei-me do menino tentando respirar porque o perturbei muito. Fiquei triste pelo que fiz. Queria tentar fazer as pazes com Joceline e seu filho, então liguei para o apartamento dela e quando ela não atendeu, imaginei o que devia ter acontecido, então liguei para os hospitais até que os encontrei. Um homem fez ameaças. Será que ela e a criança estarão seguras em seu apartamento?

—Os homens irão observá-la a cada minuto.

—Não Rourke. — disse ela com firmeza. —Ele não deve ser seu guardião. Ele vive na África.

—Você queria que ela se casasse com ele e fosse morar lá ...

—Isso foi antes. — disse ela. — O comportamento de Markie, e se você olhar de perto, ele se assemelha ... a Jon — disse ela, hesitante. —Com exceção da cor dos seus olhos e sua pele, mas ele se bronzeia muito bem ao sol, espero.

—Está chegando perto, Cammy.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Estou? Jon foi a uma festa com Joceline e sua bebida foi adulterada. Ele estava muito drogado. Tudo o que tenho a fazer é descobrir a data exata do encontro e a data exata do nascimento de Markie. — acrescentou obstinadamente. —Posso contratar um detetive particular.

Ele sibilou em uma respiração:

—Você pensa demais, como eu. — não mencionou que já tinha feito o que ela estava sugerindo.

—Ele é meu neto. — Ela quase engasgou com a palavra. —Markie é meu neto!

Ele hesitou. Então, soltou um suspiro.

—Sim. Ela teve medo de que Jon não acreditasse que o menino era seu, que ele pensaria que ela estava tentando chantageá-lo por dinheiro. Não a conhecia muito bem, então. Ela fez o que achava melhor. Ela não podia desistir do bebê. E o amava, e ao pai do bebê, muito.

Cammy fechou os olhos. Lágrimas correram para fora deles.

—Tenho sido horrível para ela.

—Percebemos.

Ela fungou e abriu os olhos. Endireitou-se.

—Nunca mais. Vou fazer com que a criança tenha tudo que precisar, e Joceline, também. Jon deve se casar com ela, rápido!

—Cammy, você está esquecendo uma pequena complicação.

—Qual?

—Jon não sabe que Markie é seu filho.

Cammy se sentou em uma cadeira. Rígida.

Kilraven notou o silêncio do outro lado do telefone.

—Joceline não irá lhe dizer. Ainda está com medo que ele não acredite. A criança tem um tipo de sangue positivo, o mesmo acontece com Jon. Um teste de DNA seria conclusivo.

—Nós teríamos que fazer Joceline dizer. Ela não iria. É teimosa, como eu.

Kilraven riu.

—Sim.

Cammy suspirou.

—Bem, você vai ter que dizer a ele.

—Oh, não. Não vou dizer a ele.

—Então eu irei.

—Então eu vou .

—Você não pode, tampouco. Agora não vá tentar controlar as coisas de novo. Veja como já fez confusão.

Ela mordeu o lábio.

—Jon está furioso comigo. Mereço isso, mas estou tão assustada. Não quero deixá-lo sozinho em um momento como este. Não deveria tê-lo perturbado. — não acrescentou que tinha outra razão para sentir-se muito culpada sobre a maneira como eles se separaram. Seria devastador. Sentiu-se doente por dentro. Ainda não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa.

—Ele vai se acalmar. Irei vê-lo, se quiser.

—Vai? —perguntou, esperançosa. — Poderia aliviar a minha mente. Pode dizer a ele o quanto estou triste, e que levei Joceline e o garoto para casa, depois do hospital.

—Vou dizer. Conhece Jon. Ele tem apenas que se acalmar.

Ela hesitou novamente.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Tenho pressão alta. Se isso me matar, o que os dois vão fazer? Pelo menos você tem Winnie. Jon não tem ninguém. Bem, ele tem um filho e uma mulher que ama, mas ele não sabe. E se eu morrer?

—Você não vai morrer. O médico não lhe receitou remédios?

Ela brincava com seu colo.

—Sim.

—Deve tomá-los, Cammy. Você tem um neto, e outro quase pronto para fazer uma aparição.

—Sim. — Ela se animou.

—Você não pode morrer ainda.

Ela tomou fôlego. Não podia dizer nada, mas talvez, apenas talvez, pudesse prepará-los.

—Sinto isso, sabe. Tenho essa fria sensação terrível que algo horrível vai acontecer. Tive antes do tiroteio, mas não foi embora. Ouça, eu te amo muito, muito mesmo. Eu amo o seu irmão. Diga a ele. Se acontecer alguma coisa ...

—Nada vai acontecer!

Ela suspirou.

—Tem certeza?

Ela parecia tão preocupada.

— Sei que suas percepções, às vezes, são corretas. — respondeu ele. —Mas não chegou ainda seu momento. Você vai viver muito tempo.

Ela encarou uma sombra estranha na parede. Tão cedo? Agarrou o telefone, rígida.

—É claro que vou.

—Agora pare de se preocupar e Cammy ...? Cammy!

Houve um som. Uma arma de fogo. Dois tiros. Em seguida, um, final e horrível. Kilraven deixou a linha telefônica aberta, pegou um telefone celular sobressalente que sempre carregava e começou a teclar com força nos números. Suas mãos tremiam.

Um Detetive da Homicídios do lado de fora, Rick Marquez na realidade, disse a Kilraven à porta da sala de Cammy no hotel, que tinha encontrado Cammy Blackhawk no sofá, sentada, morta como uma pedra, com ferimentos de bala no peito e no estômago. O telefone estava em seu colo. Equipes de evidências estavam por toda a sala, fotógrafos, assistentes do legista, investigador do médico legista e detetives de homicídio. Lá fora, um repórter estava tentando o seu melhor para ganhar a entrada, sem sucesso.

Kilraven absolutamente não era permitido dentro. Rick Marquez o abraçou fortemente, sentindo a resistência do outro homem em primeiro lugar e depois estremecendo indefeso quando a realidade o atingiu.

—Está tudo bem. — Rick disse suavemente. — Está tudo bem. Você vai se recuperar e fazer o que tem que fazer.

—Vou encontrar o homem que fez isso. Vou caçá-lo até os confins da terra. — disse Kilraven duramente quando se afastou, um pouco corado.

—Nós vamos encontrá-lo. — disse Rick. —Tenho todas as agências de aplicação da lei na cidade em alerta e à procura do atirador.

—Harold Monroe fez as ameaças contra a minha família.

—Sim, e ele está livre sob fiança, o darei a você. Mas sabe que Monroe bagunça tudo que faz. — Rick lembrou severamente. — É estranho ele saber onde estava a arma do crime contra sua família. Que

foi um sucesso profissional. Muito limpo. Muito bem estruturado. Nem um cabelo fora do lugar. O cara sabia o que estava fazendo. Isso só não parece uma estupidez de Harold Monroe para mim.

Kilraven não respondeu. Estava muito chocado e magoado. Engoliu em seco. Ele e Cammy tiveram suas diferenças, mas sempre a amou. Como ia dizer a Jon? Cammy seria provavelmente a única vítima?

—Tenho alguém prestando atenção a sua esposa — disse Rick sombriamente. —Rourke tem um homem vigiando Joceline e seu filho. Estamos até protegendo você, Kilraven. — acrescentou. —Quem fez isso, e não estou convencido de que foi Monroe, está lidando com a vingança. Poderia ser Jay Copper. Mesmo na prisão, pode pedir ajuda. Iremos verificar todos que telefonou para ele ou vê-lo, ou Harold Monroe, desde sua prisão. Nós vamos encontrar o criminoso.

—Vai encontrá-lo a tempo, não vai? —Kilraven perguntou. —Primeiro, a minha esposa e filha, então meu irmão, agora minha mãe ... —Ele se virou. — Maldição!

—Sei como se sente. — disse Rick.

Kilraven se voltou para ele, apertando os olhos.

—Ok, não sei. — Rick admitiu. —Realmente não. Mas prometo a você, pela alma de minha mãe, vou encontrar o assassino.

Kilraven se acalmou, só um pouco.

—Tome cuidado. Você foi alvo no passado, também, assim como a mãe da minha esposa.

—Minha colega, a melhor detetive, Gail Rogers. —Rick concordou. Ele sorriu. —Deve informar a seu irmão. Há um repórter lá fora. Em um instante, ele vai levar isso ao ar. De nenhuma maneira Jon deve ver isto na CNN. —Kilraven assentiu.

Marquez o observou ir com grande receio. Marquez foi manipulado para fazer algo que não sabia ao certo, pela palavra de um homem que realmente não devia mesmo ter confiança. Mas os Blackhawks confiavam nele. E em algumas armadilhas eram necessárias fortes iscas. Ele esperava que seu plano de saúde cobrisse os danos quando certos fatos fossem conhecidos.

Kilraven voou para Oklahoma no avião da família, e telefonou para Sloane Callum encontrá-lo na pista, mas foi um dos vaqueiros que apareceu.

—Sloane realmente sente muito, ele ficou bêbado e se trancou em seu quarto. — o cowboy disse com uma careta. —Ele não bebe, sabe. Mas disse que todos nós temos deslizos às vezes.

—Imagino. —Kilraven não disse mais nada. Não contou nem mesmo ao homem por que correu para casa.

Ele entrou no quarto de Jon, triste e temendo a conversa. Jon parecia doente, fraco, pálido e ainda estava sofrendo com a partida abrupta de Joceline sob as ordens de sua mãe.

—Cammy e eu tivemos uma discussão. — disse a Kilraven. —Será que ela o mandou para tentar fazer as pazes?

Kilraven aproximou-se e se sentou na cama ao lado de seu irmão. Ia ser muito mais difícil por causa da discussão.

—Tenho algumas notícias. Não são boas.

Jon o estudou.

— Não com você evitando ir direto ao assunto. — disse ele com um leve sorriso. Sua expressão congelou. —Não Joceline ou o garoto?

Ele balançou a cabeça.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não. Não eles. — Era tão difícil. Lembrou-se de sua esposa e filho, a forma como pareciam. Lembrou-se de Jon, na sala de emergência. Esta foi ...

—Cammy. Cammy?

Kilraven fechou os olhos.

Jon ficou sem fala. Apenas olhou para seu irmão mais velho com choque e descrença.

—Ela estava falando comigo no telefone. Houve três tiros.

Jon não poderia envolver sua mente em torno dele. Sua mãe estava morta. Jay Copper havia sido preso por conspiração no assassinato da esposa e filha de Mac, e Harold Monroe havia sido acusado de ajudar a matar Monica e Melly Kilraven. Agora Monroe tinha como alvo de vingança a família de Jon. O bastardo tinha matado Cammy, tinha matado sua mãe, a única pessoa que eles jamais esperavam precisar de proteção!

—Não! — Ele desmoronou.

Kilraven acolheu o mais jovem com cuidado contra o seu peito largo e o envolveu tão apertado quanto ousou.

—Não! —Jon gemeu em agonia, e seus olhos ficaram molhados contra o ombro largo de seu irmão.

Dois irmãos, mais perto de tristeza do que nunca, ficaram em silêncio e ainda por um tempo muito longo.

—Tivemos homens vigiando todo mundo. — disse Kilraven poucos minutos depois. —Todo mundo, exceto Cammy. Deus sabe o porquê, nunca me ocorreu que ele ia atentar contra ela. Por quê? Ela nunca fez mal a uma alma!

—Ela fazia parte de minha família. — Jon respondeu friamente. —Família é algo grandioso para Jay Copper. Ele matou uma jovem garota menor de idade para proteger seu próprio filho ilegítimo, do senador, lembra? Monroe só pode ser seu sobrinho por casamento, mas lembre-se do suicídio da irmã de Jay Copper, cometido quando Bart Hancock foi brevemente acusado de participar dos assassinatos.

—Monroe pode ter sido libertado sob fiança, mas vamos amarrá-lo a este, bem como ao assassinato de Melly. Ele passará um momento difícil, mesmo se não receber a maldita agulha! —Kilraven respondeu. —Ele não vai sair dessa com uma equipe de advogados. É um negócio feito. Monroe se fritou com sua própria boca grande e foi gravado. — acrescentou. —Um dos detetives mandou conectar uma escuta em um dos detentos, com a promessa de um acordo com o DA — todo mundo queria o homem que mandou matar a minha filha, até mesmo o preso que se voluntariou para obter as provas. O preso tinha uma filha com a mesma idade que a minha.

— Monroe tem filhos? —Jon perguntou amargamente.

—Não, é só ele e sua esposa. Tem um pai que está na cadeia há anos por um assassinato, pelo menos, é o que ouvimos, mas não verificamos mais além.

—Como o irmão do senador, Hank Sanders, vinculou-se a ele? — Perguntou ele, nomeando um membro da equipe de ex-SEAL condecorados, que os ajudou a salvar Kilraven e a mulher que agora era sua esposa.

—Não está. Jay Copper tinha duas irmãs. Uma delas era a mãe de Bart Hancock, a outra, da esposa de Harold Monroe. Ambas as irmãs estão mortas. A mãe de Bart Hancock morreu quando foi revelado o envolvimento de seu filho no assassinato de sua família.

—Triste. Para ela, não para seu filho.

—Sim.

Kilraven se voltou para Jon.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Precisamos tirar você daqui, agora.

—Temos que planejar um funeral. — o jovem disse severamente.

—Nós iremos, mas ele será em San Antonio. Foi onde Cammy viveu por muitos anos. Ela seria mais feliz ... lá, de qualquer maneira, perto de nós.

—Acho melhor enterrá-la em Jacobsville. —disse Jon surpreendentemente. —Não me pergunte porquê. Parece apenas um lugar mais característico a ela do que um cemitério impessoal na cidade.

Kilraven assentiu.

—Sim. Parece.

Houve uma batida na porta. Sloane Callum olhou ao seu redor.

—Sinto muito, soube sobre a Sra. Blackhawk. — disse sombriamente. —Tivemos nossas diferenças, mas ela era uma boa pessoa. E desculpe, estava um pouco indisposto. Não vou tomar outra bebida, juro!

—Todo mundo escorrega de vez em quando. — Jon respondeu. —Está tudo certo.

—Posso colocar mais homens para cuidar de você. — disse Callum.

—Não há necessidade. Vou voltar para San Antonio com meu irmão — disse Jon. —Temos que ver os arranjos sobre Cammy. Vamos enterrá-la em Jacobsville.

—Está indo embora? — Callum o olhou preocupado. —Está mais seguro aqui, chefe, nunca deixarei ninguém machucá-lo...!

—Sei disso. Obrigado. Mas vou fazer o que preciso.

Callum hesitou.

—Ok, então. — parecia perdido em pensamentos. —Bem, sinto muito novamente.

—Obrigado.

Callum saiu do quarto.

—Ele me observa como um falcão. — disse Jon. — É um cão de guarda melhor do que os pastores alemães.

—Acho que ele sente que deve isso a nós. — respondeu Kilraven. —Melhor começarmos.

Jon saiu da cama, um pouco vacilante.

—Sim. —O choque estava começando a desgastá-lo e sentiu uma dor fria e afiada que não estava relacionada à sua ferida. —Gritei com ela, antes de ...

—Ela tinha esse pressentimento. — disse Kilraven rapidamente. —Estava falando sobre ter pressão alta e de tomar medicamentos para isso, então disse para lhe dizer que o amava, nos amava, muito. Estava pensando como era estranho que estava dizendo quando ouvi os tiros.

Os dentes de Jon se cerraram.

—Obrigado. Torna-se um pouco mais fácil.

—Não sei como o assassino sabia onde encontrá-la, a menos que ele estivesse nos observando. — Kilraven disse de repente.

—Tempo para um pequeno trabalho de detetive, acho. — Jon respondeu. —Precisamos de algumas respostas, de forma rápida.

—Concordo plenamente. Na verdade, você trabalha para uma das melhores agências do mundo, e tenho certeza que pelo menos um agente tem tempo livre e estaria disposto a desmascarar alguns fatos sobre os movimentos recentes de alguém que está relacionado com Jay Copper!

Jon ligou para Joceline para dar a notícia no minuto em que se acomodou no seu apartamento em San Antonio. Mal pronunciou as primeiras palavras quando ela perguntou onde estava e desligou.

Markie estava na escola, com um dos homens de Rourke a observá-lo. Joceline teve que discutir sobre a saída de seu apartamento e, no fim, aceitar uma carona de seu próprio cão de guarda desconhecido só para chegar ao apartamento de Jon. Mas ela o fez.

Entrou quando ele abriu a porta, fechou-a atrás dela, trancou-a e correu para seus braços.

Ele abraçou-a, a embalou, enterrou o rosto em sua garganta quente.

—Eu sei, você é um cara grande e forte. —Joceline disse, sua voz abafada pelo ombro dele. —Mas perder um pai dói. Não há nada errado com a dor.

—Não. —Sua boca se enterrou em sua garganta, quente, aberta, pressionado forte. —Joceline ...!

Suas mãos foram sob a blusa, até o prendedor do sutiã. Ela não protestou, nem mesmo quando ele removeu cada centímetro de roupa de seu corpo bonito e começou a beijar o seu caminho para baixo dele.

Ele não podia levantá-la; a ferida estava muito recente. Mas a puxou para o quarto, fechou a porta, estendeu-a na cama e tirou o pijama, sem um segundo pensamento.

Ela abriu os braços para ele, acolhedora, confortável, e o deixou pressioná-la na cama com o seu peso.

—Não deveria — Jon começou.

Joceline puxou a boca dele para baixo dela e o segurou lá, mudando de posição para lhe abrir caminho entre suas longas pernas e o doce impulso repentino, dele dentro dela.

Ele ofegou com a sensação que nunca sentiu. Pelo menos, não achava que sentiu. Mas o ritmo do seu corpo sobre o dela era estranhamente familiar, como o som de seus suspiros suaves de prazer quando ele se mexeu e oscilou os quadris.

Ele levantou a cabeça e a olhou, viu os duros, escuros picos cor de rosa dos seios, o tremor de seu corpo, o fascínio em seus olhos arregalados quando ela olhou para baixo, onde estavam unidos.

Ele levantou seus quadris para deixá-la assistir. Observou, também. Foi a sensação mais intensa, como mergulhar no calor de fundição, revestindo-se na escuridão úmida dela com um ritmo lento e constante.

Ele gemia, chocado, com o prazer que o estremecia em ondas lentas a cada vez que se impulsionava.

Ela observava seu rosto, fascinada. Estava sentindo essas sensações também. Não foi nada como o ritmo rápido, quase frenético da primeira vez. Era glorioso. Ela se ergueu, gemendo, uma vez que aumentava o prazer que estavam compartilhando.

Ele sussurrou para ela, coisas chocantes, apaixonantes, sorrindo para suas reações, suas respostas. Sua mão deslizou sob seus quadris e os levou a seu ritmo. Estava consciente, da dor da ferida, do desconforto em outras áreas, mas o delicioso prazer os amenizou.

Ele fechou os olhos, estremecendo, quando se tornou de repente urgente. Empurrou com força, fundo, prendendo seus pulsos, olhando diretamente em seus olhos grandes e indefesos como a fustigou com seu peso.

—Está vindo. — Jon sussurrou com voz rouca. —Está vindo ...!

—Jon — ela gritou, arqueando-se. —Oh, Jon ...!

Ele se enterrou dentro dela, cerrando os dentes, dirigindo-se para a satisfação, frenético pela liberação.

—Sinto muito, é muito rápido ...!

—Não ... não é ...! — Ela gemeu. Joceline combinou seu ritmo com movimentos rápidos e afiados de seus quadris, mudando de modo que estava ali, bem ali, bem ali ...!

Ele ouviu seu grito rouco, seguido por um gemido tão descritivo do que estava sentindo que gemeu com ela, estremecendo a cada penetração quando a alegria subiu a tais alturas que ele sentiu-se explodir dentro dela.

Ele arqueou sobre ela, o rosto contorcido, estremecendo, tremendo. Pensou que nunca iria acabar. Disse que sim.

Mas, finalmente, inevitavelmente, o seu corpo úmido desabou sobre o dela e ficaram deitados, ainda intimamente ligados, intimamente próximos, com os seus batimentos cardíacos agitando a cama.

Ele se esticou, estremecendo, e levantou a cabeça para olhá-la.

—Joceline — ele sussurrou. —Por que isso parece familiar?

Ela hesitou. Seu coração ainda estava batendo, e estava muito emocionalmente esgotada para guardar sua expressão.

—Fiz sexo, não foi? — Jon perguntou gentilmente. —Fiz com você.

Ela engoliu em seco, forte. Queria negar, mas ele olhou para ela como se já soubesse a verdade. E o fez. Ele estava fazendo anotações mentais, fazendo contas, encontrando respostas para as perguntas que nunca perguntou.

Seus lábios se separaram em uma torrente de fôlego.

—Markie. Ele é meu. Ele é meu filho!

Joceline mordeu seu lábio inferior.

—Achei que você não acreditaria em mim, que ninguém acreditaria em mim. — sussurrou entre lágrimas. —Você não me conhecia. Poderia estar atrás da sua riqueza, sua posição ... — fechou os olhos. —Não sabia o que fazer.

—Então teve meu filho, pensando que eu não gostaria dele ou de você. — Curvou-se e pressionou sua boca contra a dela. —Sua tola —ele sussurrou. —Sua tolinha doce ... Oh, Deus! — gemeu quando seus movimentos trouxeram o calor e a urgência de volta. —Não posso parar. Não quero parar ...!

—Está tudo certo — ela sussurrou, erguendo-se para o impulso, duro e profundo em seu corpo. — Não consigo, também. —Ela se arqueou até Jon fechar a boca em seus seios com doloroso prazer. —Eu te amo ... tanto!

Foi como puxar um gatilho. Não havia como parar então. Ele gemia enquanto se impulsionava contra ela, afogando-se na alegria de ser amado e desejado. Sua boca desceu até a dela, quando o ritmo cresceu mais rápido e mais urgente.

—Querido ... Deus, é ... como morrer ... — ele gemeu roucamente enquanto estremecia de novo e de novo. —Tão doce!

—Doce. — ela sussurrou e gemeu. Seu corpo tremia sob os impulsos que o conduzia. Ela envolveu suas longas pernas em torno de sua cintura e se ergueu, levantou, se arqueou, morrendo de vontade de acabar com a tensão, para torná-lo como era antes, para saborear o êxtase total.

Ela gritou, soluçando, quando a tensão de repente se quebrou para os dois e permaneceram abraçados, unidos, estremecendo quando o clímax balançou a cama.

Ele se moveu preguiçosamente depois, seu corpo provocando no dela uma carícia que foi além de seus sonhos de intimidade.

—É assim que deveria ter sido, como teria sido, se eu não tivesse sido drogado. — disse Jon em seu ouvido, sua voz sonolenta, com satisfação. —A teria amado assim, lento e doce, até que você cavasse as unhas em meus quadris e me mordesse. —Ele riu suavemente. —Não sabia que as mulheres realmente fizessem as coisas assim. Pensei que era ficção. Quando a ouvi chorar, pela primeira vez, pensei que a estava machucando, até que olhei para seu rosto.

Seus braços deslizaram em volta do pescoço dele e Joceline suspirou de exaustão.

—Eu o queria muito naquela noite. Foi muito doce, a maior parte. Somente no último instante, você ficou fora de controle e eu era muito ingênua. Doeu, e não havia tempo depois de fazê-lo novamente. Tive que levá-lo ao hospital. Então, quando soube que Markie crescia em meu corpo, tinha que tomar uma decisão.

Jon ergueu a cabeça e a olhou.

—Você fez o certo. Ele é um garoto maravilhoso. —Seus olhos escureceram —Meu filho.

—Sim. Seu filho. —Alisou para trás seus longos cabelos. —Você não tem que se casar comigo

Ele riu.

—Vai ser melhor se estivermos casados. Não vou ser capaz de ficar fora de sua cama.

Ela suspirou quando olhou nos olhos dele. Seus próprios estavam brilhantes com lágrimas de alegria.

Ele alisou o rosto contra o dela.

—Agora temos que enfrentar coisas desagradáveis. —Jon disse calmamente. Afastou-se dela, fascinado pelo processo de intimidade, mais fascinado com a forma como os dois pareceriam mais tarde. Ele sorriu.

Ela corou, olhando-o. Isso fez com que seu sorriso ficasse mais amplo. Jon vestiu o pijama e puxou o lençol sobre ela. Joceline o estava olhando decididamente constrangida.

Ele se sentou ao lado dela.

—Decidimos enterrar minha mãe, em Jacobsville. — disse. —Mas primeiro, temos que encontrar uma maneira de descobrir o assassino. Ele vai pagar por aquilo que fez.

—Alguns desses homens que você está pagando deve estar vigiando Harold Monroe desde que pagou a fiança. — disse ela. —Esse é o nosso ponto de partida.

Ele balançou a cabeça. Afastou o cabelo do rosto. Parecia muito possessivo.

—Mas primeiro temos o almoço. Então vamos pegar o nosso filho na escola. Tenho coisas para lhe dizer. — acrescentou com um sorriso secreto.

Joceline sorriu de volta. Mesmo através da tragédia, ela teve a primeira esperança de um futuro feliz.

Jon e Kilraven foram sozinhos para a casa funerária em Jacobsville para fazer os arranjos. Havia dois homens de terno lá, muito parecidos à oficiais, que entrou em uma das salas de velório quando os irmãos entraram.

O diretor de funerária parecia inquieto quando perguntaram sobre como fazer os arranjos. Ele hesitou, sorriu com um pouco de vergonha, mostrou-lhes seu escritório e depois saiu por um momento.

A porta estava aberta. Os irmãos notaram que ele entrou na mesma sala onde os homens de terno tinham ido. Estava de volta em um minuto.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Sim, agora onde estávamos? —perguntou quando se sentou à mesa e puxou um arquivo no computador. —Sim, o funeral. Sabiam que a mãe de vocês pediu um caixão fechado e que não queria que ninguém, especialmente seus filhos, a visse? — Perguntou solenemente.

Isso era novidade para ambos. Assim disseram.

—Como sabe disso? —Kilraven perguntou, desconfiado.

O diretor da funerária, o Sr. Adams, ruborizou. Ele olhou para a tela.

—Ela veio me ver no início da semana. — disse rapidamente. — Disse que teve uma premonição. — Ele olhou para eles. —Ela fez os arranjos sozinha.

Kilraven olhou para Jon. O diretor de funerária estava estranhamente tenso.

—Bem, ela tinha esses pressentimentos. — Kilraven disse por fim, e o diretor relaxou visivelmente. —Acho que faz sentido.

—Ela não queria que as pessoas a olhasse. — Jon disse calmamente. —Eu me sinto assim também. Está tudo bem. Eu entendo. — disse ao diretor.

—Eu também. —Kilraven acrescentou. —Vamos precisar entrar em contato com seu pastor e vamos precisar de carregadores de caixão ...

—Vamos ter um sem fim de ofertas de ambas as nossas agências. — lembrou Jon a seu irmão. — Não é um problema.

—Entraremos em contato com o pastor. —o diretor ofereceu — e cuidaremos de todos os outros arranjos. Gostariam de flores para o caixão?

—Sim.

—Vou chamar a florista. — acrescentou o diretor.

—Já tiveram alguma chamada sobre Cammy? —Jon perguntou de repente.

—Na verdade, tivemos. — respondeu ele. —Vários jornais, um jornalista de televisão e um homem que nunca se identificou. — disse, lendo notas que tinha feito no computador. — Achei muito estranho.

—Nenhuma possibilidade de você ter gravado. —Jon suspirou.

O homem limpou a garganta.

—Bem, nunca tivemos qualquer necessidade disso. — ele começou.

—Claro que não — Kilraven concordou.

O diretor descreveu o serviço e eles fixaram uma data para o funeral e providenciaram em uma empresa a abertura do túmulo, que Cammy já havia comprado num jardim memorial em, entre todos os lugares, Jacobsville. Os irmãos queriam enterrá-la ali, mas ela já havia antecipado isso e comprou um lote. Eles sorriram por sua eficiência, em meio da tristeza.

Jon foi jantar com Joceline e Markie. Ele estava triste por Cammy, e demonstrou. Estava voltando ao trabalho no dia seguinte, apesar dos protestos de todos.

—Estou perfeitamente capaz de trabalhar. — argumentou.

Joceline o fitou com raiva.

—Você acabou de sair do hospital e sua mãe foi...

—Sim, eu sei. — disse ele, interceptando a palavra antes que pudesse perturbá-lo. —Mas a vida continua. Você tem que ir, também. —sorriu para Markie. —Não você, receio. — disse ele com um sorriso. —Você vai ter escola.

Markie suspirou.

—Ok, papai. — disse ele.

Jon realmente corou quando ouviu a palavra.

—Isso soa muito agradável. — disse ele suavemente.

Markie sorriu.

—Meu pai trabalha para o FBI. As outras crianças vão ficar com taaanta inveja!

Jon e Joceline riram.

—Outra coisa que tem que planejar é um casamento, e rapidamente. — acrescentou Jon.

—Posso ser o menino da flor? —Markie perguntou.

Eles caíram na gargalhada novamente.

—Não, mas você pode carregar os anéis. Que tal isso? —Jon perguntou.

—Isso seria bom, acho. — disse ele, e mergulhou o garfo em seu espaguete.

Jon estava inquieto. Estava cheio de tristeza, e também fascinado com Joceline e sua nova condição de pai de Markie, para começar a entender tudo o que tinha acontecido. Mas agora ele estava tentando encaixar todas as peças do quebra-cabeça.

Jay Copper disse que enviou seu sobrinho Peppy para ajudar Dan Jones no assassinato da primeira esposa de McKuen, Mônica, e sua filha Melly. Mas Peppy, aliás, Bart Hancock, tinha escapado das acusações, graças a uma fita desaparecida e apenas boatos para levar ao tribunal. Boatos, especialmente a partir da família dos falecidos, não iria convencer um júri.

Posteriormente, Jon prendeu Harold Monroe por tráfico humano e o criminoso de carreira menos do que brilhante conseguiu sair livre da acusação graças à retratação do responsável pela principal testemunha. O apartamento de Joceline havia sido arrombado. Um arquivo envolvendo Bart Hancock tinha desaparecido. Jon foi baleado.

Em seguida, surgiu uma testemunha que havia sido plantada na cela de Monroe durante a sua prisão preventiva nas acusações de tráfico. O preso estava com uma escuta. Ele deu provas de que Monroe se gabava de ajudar a matar a filha de três anos de idade de Kilraven, Melly, e até mesmo disse ao preso a localização da arma oculta que tinha usado contra ela. O que o levou novamente a prisão, sob a acusação de assassinato. Incrivelmente, ele foi liberado sob fiança na audiência e, logo depois, Cammy Blackhawk foi assassinada.

Mas havia algo de errado aqui. Joceline tinha mencionado isso. Como alguém soube que ela tinha levado o arquivo para casa? Como é que alguém sabia onde Cammy Blackhawk estaria para que ele pudesse matá-la? Como Harold Monroe, de todas as pessoas, conseguiu disparar em Jon, atirar em Cammy e, mais atrás no tempo, assassinar a esposa e a filha de Kilraven? O homem mal conseguia falar ao telefone e pensar ao mesmo tempo.

A irmã de Jay Copper, a mãe de Bart Hancock, havia cometido suicídio quando soube que seu irmão e seu filho estavam implicados no assassinato de uma criança. Bart Hancock foi acusado de assassinato de crianças no Iraque anos antes, mas nunca foi levado a julgamento. Harold Monroe era famoso por atrapalhar qualquer crime que tentasse. Estava sempre sendo resgatado por seu malvado tio.

Mas Monroe aparentemente se gabava de ser o assassino de Melly Kilraven, e até mesmo deu com a língua nos dentes sobre a localização da arma do crime. Era uma evidência? E o preso que passou a ficar na cela de Monroe e se ofereceu para recolher provas, foi apenas um pouco conveniente demais para se adequar ao sentido da lógica de Jon.

Ele se recostou na cadeira e os olhos negros se estreitaram. Foi montando peça por peça do quebra cabeça. Tomou um gole de café frio, fez uma careta e recuperou a sua linha de pensamento.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Joceline tinha levado para casa um arquivo de Bart Hancock. Ela não tinha contado a ninguém, exceto Betty no escritório. E uma funcionária de meio período de secretariado ouvira, mas seu pai era um detetive de homicídios. Improvável que ela estaria envolvida em uma invasão.

E Betty não tinha motivo para querer prejudicar colegas de trabalho. Talvez a linha telefônica de Joceline estivesse grampeada. Não. Rourke tinha colocado o equipamento em seu telefone para um rastreamento, ele teria encontrado indícios de um grampo. Que descartou a possibilidade de que alguém tivesse escutado sua conversa lá dentro. O que trazia a bola de volta para o escritório, onde Betty trabalhava.

Ele pegou o telefone e teclou a extensão de Betty.

—Sim? — Ela respondeu em seu tom doce.

—Oi. — ele respondeu. — A senhora poderia vir aqui, por favor?

—Certamente.

Alguns minutos depois, ela bateu na porta, abriu-a e entrou, fechou atrás dela e sentou-se na frente da mesa.

—Algo errado? — Perguntou Betty.

—Joceline levou para casa um arquivo com ela ...

—Oh, sim. — disse ela, balançando a cabeça. —Ela ficou tão chateada! Disse a ela que não iriam demiti-la por um erro. — riu. —E ainda tínhamos uma versão anterior no disco rígido do computador, de qualquer maneira. Era apenas uma cópia em papel.

Ele virou-se para seu computador.

—Pode expô-lo na tela?

—Claro.

Ela clicou na informação, esperou, esperou, franziu o cenho.

—Isso é muito estranho. Ele não está aqui. Eu sei que esses documentos foram digitalizadas para o computador.

—O que exatamente tinha neles? — Perguntou ele.

Ela sentou-se, ainda franzindo a testa, e empurrou os curtos cabelos loiros ondulados com uma mão nervosa.

—Não estou absolutamente certa. —disse —Não havia nenhuma informação realmente importantes nele, apenas algumas observações por parte do oficial de detenção sobre a mãe de Bart Hancock, que fez ameaças quando o levaram para interrogatório em um caso de assassinato local. Oh, e sua filha estar sob suspeita de um assalto que se mostrou mortal, mas que ela nunca foi acusada. Ela era muito jovem na época.

Jon sentou-se ereto.

—Sua filha?

—Creio que foi sua filha. Não me lembro de mais nada. —Ela fez uma careta. —Agora vou estar com problemas, também. Não sei como essa informação desapareceu!

—Vou falar com o SAC. — Jon disse gentilmente. —Ninguém vai culpá-la. Mas nós vamos querer saber como esse arquivo foi removido.

—Fazemos verificações dos antecedentes criminais das pessoas que contratamos. —Betty disse preocupada. —Não há nenhuma maneira de termos alguém aqui com antecedente criminal.

—Nem todas as pessoas que cometem crimes têm antecedentes criminais.

—Sim, algumas pessoas nunca são pegas. — o estudou. —Espero que peguem quem atirou em você. —disse sem rodeios. —E também a pessoa que matou a mulher do seu irmão e filha, e a Sra. Blackhawk. — Ela balançou a cabeça. —Parece que planejam acabar com toda a sua família. Mas por que eles ameaçam Joceline e seu garotinho? Não faz sentido. Ela não faz parte de sua família.

Não fazia. Mas Markie sim. Ninguém fora da família sabia. Mas, obviamente, outra pessoa sabia. Perguntou a Joceline sobre a certidão de nascimento de Markie, mas ela não tinha nomeado um pai. Por outro lado, havia o registro de internação de Jon com drogas alucinógenas na noite que Markie foi concebido, e o registro de nascimento de Markie nove meses depois. Ambos os eventos estavam em registros que podiam ser acessados. Alguém poderia ter ligado as datas e as verificado. Seu irmão teria feito isso, e lhe teria dito após o fato. Não era exagero pensar que alguém mais poderia ter feito o mesmo trabalho de investigação. Talvez uma pessoa na aplicação da lei com acesso aos registros do computador. E eles sabiam que Jay Copper tinha alguém do lado de dentro, alguém com uma identificação de acesso. Nunca descobriram quem era. Tal pessoa teria acesso a bases de dados de crimes que os civis não podiam acessar.

—Você já conectou alguma coisa. — Betty adivinhou.

—Sim. Tudo isso estava gravado em registros informáticos que somente alguém na aplicação da lei poderia ter acesso. Bem, legalmente, quero dizer.

Ela franziu os lábios e franziu a testa.

—Qualquer um neste escritório com permissão direta poderia chegar até eles. E os escritórios não são bloqueados durante o horário de almoço.

—Deveriam ser. Vou expor isto ao SAC.

—Boa ideia.

—Essa garota que temos trabalhando para você em meio período. — ele começou devagar. —O que sabemos sobre seu passado?

Ela riu.

—Phyllis? Seu pai é um policial de homicídio em San Antonio DP. — disse ela. Ela puxou o teclado do computador em seu colo, digitando os códigos de acesso ao arquivo de Phyllis Hicks. Virou a tela para Jon.

—Ela está se graduando em programação de computadores. Sua especialidade vai ser o cyber crime, e ela quer trabalhar aqui como agente. Conseguiu esse trabalho de meio período para que pudesse continuar com seus estudos universitários.

Ele estava olhando para a fotografia dela e se perguntando por que parecia tão familiar.

—Quem é seu pai?

—Você sabe, ele trabalhou com Gail por um tempo. —acrescentou ela, nomeando a sogra de Kilraven. — Seu nome é Dave Hicks. Ele é um detetive de polícia.

—Lembro. Mac afirmou que Hicks estava no hospital com Marquez, quando Rogers foi baleado. — Hesitou. —Nunca descobrimos quem atirou nela também.

—Outro mistério. —Ela balançou a cabeça. —Tantos tiroteios. Marquez foi pego de surpresa, lembra-se, quando ele e Gail estavam trabalhando no caso do senador Will Sanders.

—Tudo volta à prisão de Sanders por assassinato. — ele meditou. —Nem todo mundo sabe que ele é filho ilegítimo de Jay, e Copper é um maníaco em proteger sua família. Todos estes tiroteios aconteceram quando as investigações começaram no caso que Copper foi finalmente preso pelo assassinato de uma jovem que esteve na casa de Sanders. Mas ele também foi acusado de conspirar para assassinar Dan

Jones, que esteve envolvido em silenciar as testemunhas, e foi acusado de planejar o assassinato da esposa de Mac e sua filha.

Betty assentiu.

—Não houve boatos sobre a irmã de Jay Copper, a mãe de Bart Hancock, ser uma doente mental? Sei que ela passou algum tempo em instituições antes de Copper começar a fazer dinheiro como braço direito do senador.

—Ela passou. Hancock nunca foi normal. Mas não acho que ele tinha filhos.

—Se não me falha a memória, Hancock só tinha um filho, uma filha. Ele não era casado com a mãe da criança, porque ela descobriu o que ele fazia no exterior logo que teve a criança. A filha de Hancock seria a neta da mãe de Hancock, que cometeu suicídio.

Jon estava franzindo a testa.

—Sabe-se o nome dela?

—Creio que estava no arquivo que está faltando. — disse Betty. —Mas aposto que Joceline poderia cavar essa informação em um piscar de olhos. — acrescentou com um sorriso.

—Não vou aceitar essa aposta. — respondeu ele, rindo. Pegou o telefone. —Ei, Rocky, pode descobrir o nome da filha de Bart Hancock para mim? Sim. Essa é uma. Pode apostar. —Sua voz caiu para um ronronar. —Sim. Obrigado.

—Rocky? —Betty perguntou.

—É uma piada particular. — respondeu ele. Suspirou. —E você vai ouvir alguma fofoca, então vou ser o primeiro a lhe dizer. O filho de Joceline é meu filho. Eu não sabia até alguns dias atrás. — acrescentou, notando o choque de Betty.

—Aquele festa, onde você estava drogado. — disse Betty rapidamente.

—Sim.

—Eu me perguntava. Você vê, Joceline é uma pessoa tão correta. — acrescentou suavemente. Ela sorriu. —Melhor casar com ela.

—A licença já foi solicitada. — disse ele, e sorriu. O sorriso desapareceu. —Primeiro, temos que passar por um funeral, no entanto.

—Sinto muito. — disse Betty. —Eu sei que sua mãe era exasperante, mas era uma boa pessoa. Seu rosto ficou tenso. Era doloroso discutir a morte de Cammy.

—Sim. Ela era uma boa pessoa.

Betty se levantou.

—Vou apresentar um relatório sobre as informações que faltam. — disse ela.

—Boa ideia.

Ela parou na porta.

—Fico feliz em tê-lo de volta. — disse, em seguida, sorriu e saiu.

Joceline entrou no escritório um minuto depois, parecendo muito desconcertada.

Ele se levantou e pegou-a pelos ombros.

—O que aconteceu?

—Descobri quem é a filha de Bart Hancock.

Ele piscou.

—Como?

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Veja, ele não se casou com sua mãe. Mas sua mãe se casou com um policial, alguns anos depois, que adotou sua filha e deu-lhe o seu nome. O policial está agora como detetive San Antonio DP. Seu nome é Dave Hicks.

—Sim, Betty e eu estávamos falando sobre ele. — sentou-se reto. —Phyllis Hicks é a nossa funcionária de meio período no escritório, que está na faculdade em meio período, mas não consegue soletrar. E ela é filha de Bart Hancock? Será que ela sabe?

—Isso é algo que teremos de descobrir, estou com medo.

A filha de Bart Hancock trabalhava em seu escritório. Ela teve acesso aos registros de computador, conversas telefônicas e praticamente qualquer outro tipo de informação possível que ela se importou em desenterrar. E o que ela não sabia, seu pai adotivo podia descobrir num piscar de olhos através de seus contatos da polícia. Ele podia até não saber por que ela estava pedindo as informações, se ela fosse a pessoa que tinha transmitido os movimentos de Joceline, e Cammy, para um atirador.

Jon prendeu a respiração. Diretamente sob nossos narizes!

—Nós não podemos provar nada. — acrescentou ela rapidamente. —Nem sequer temos uma razão para acusá-la!

—Além disso, não podemos deixar que saiba que conhecemos sobre seu passado. —ele respondeu. —E seu pai adotivo trabalha para San Antonio PD, com acesso a todos os tipos de registros.

—Sim.

—Bem, pelo menos agora temos o início de uma investigação real. E alguns possíveis suspeitos. Ela balançou a cabeça.

—A vida ficou muito mais complicada.

Suas mãos estavam acariciando distraidamente seus braços.

—Estávamos planejando um serviço funerário discreto, mas os arranjos de Cammy exigem um público. —Seus olhos se estreitaram. —Penso que talvez queiramos prestar muita atenção a quem aparece.

—Estava pensando a mesma coisa. — ela concordou.

CAPÍTULO 13

A capela funerária estava muito lotada. Quase todos os funcionários do escritório local de San Antonio, do FBI, que conhecia Jon apareceu. Metade do departamento de polícia de Jacobsville, Texas, estava presente, assim como membros de várias outras agências federais que conhecia os muito populares irmãos.

—Eu não contava com tantas pessoas. — disse Jon a Kilraven quando eles se sentaram no banco da frente com Winnie e Joceline.

—Não se preocupe, eu tenho várias pessoas vigiando. E tive autorização judicial para escutas telefônicas, também. — respondeu calmamente Kilraven. —Agora que temos algumas pistas sólidas, vamos abrir esse processo.

Joceline estava olhando por cima do ombro. Seus olhos quase estouraram.

—Não acredito!

Os outros seguiram seu olhar com os olhos arregalados. Harold Monroe estava caminhando através da porta.

—Filho da ...! —Kilraven murmurou e começou a levantar-se. Sua expressão era homicida.

Jon o puxou de volta para baixo.

—Não se atreva. — disse ele severamente. —Cammy voltaria e assombraria a nós dois.

—Ele matou minha filhinha. — Kilraven disse entre dentes.

—Ele só foi acusado. Não condenado. — Jon lembrou —Você é um oficial da lei. Não pode tocá-lo. Controle-se.

Kilraven se acalmou, mas não feliz.

E então a coisa mais estranha aconteceu. Harold Monroe, olhar afiado e desconfortável, mas determinado, caminhou pelo corredor para onde a família estava sentada e parou na frente de Kilraven.

—Eu não a matei. — ele disse em um tom baixo, olhando em volta para se certificar de que não estava sendo ouvido.

Jon fez uma careta.

—O quê?

Monroe abaixou-se e se apoiou em um joelho. Ele estava corado e nervoso, procurando constantemente ao redor da sala.

—Eu sei, você acha que fiz tudo isso. Não é inteligente. Eu ajudo algumas crianças pobres a obter trabalho e você acha que é ruim do jeito que eu faço isto, mas escute, eu nunca matei ninguém! Especialmente uma criança.

Os irmãos ficaram apenas olhando para ele, estupefatos.

—E nem senhoras, também. — acrescentou bruscamente, olhando para o caixão.

—Você se gabou para outro detento que matou minha filha. — disse Kilraven, mal contendo a vontade de esganar o homem na frente de testemunhas. Ainda indicou onde estava arma do crime.

Monroe baixou a voz.

—Sim. Então acharam. Eu a coloquei onde estava instruído para tal. Eu estava com medo. Mas digam aos caras inteligentes para olhar para as impressões sobre os cartuchos de bala que estava nela. Eu não tirei os cartuchos de bala, vejam só. Deixei-os. Percebi, quando tive a chance, que tinha que fazer isso direito. Aquela menina. Aquela pobre criança...!

Um monstro com uma consciência? A audiência estava enfeitiçada, trocando olhares perplexos.

—Ele disse que mataria minha mulher. Ela é tudo que tenho. Ela é inteligente. Trabalha em uma biblioteca. Nunca fez mal a ninguém!

—Ele quem? —Jon perguntou secamente.

—Verifiquem as impressões sobre os cartuchos de bala. Vocês vão ver quem. E ele tem uma filha. Ela é louca como ele. — acrescentou com voz rouca. —Ele a levou junto com ele, quando ... —Ele engoliu em seco. —Ela não foi vista. Ele não queria que o padrasto dela descobrisse. Ela poderia obter informações a partir dele, sabe. Mas vocês verão as impressões, então descobrirão onde ela foi na noite que sua menina levou um tiro. Vão verificar onde ela estava quando ... —Ele olhou para o caixão novamente, e fez uma careta. —Bem, verão quem. Irão ver muito.

—Você confessou na fita. — disse Kilraven.

—Sim, eu fiz. Sabia que o cara estava com escuta.

—Como?

Monroe se remexeu.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não posso dizer. Já disse o suficiente. Agi assim para ser acusado, então talvez eles não pensariam que eu os delatei. Posso dizer, você sabe, que estive disposto a cumprir a pena por eles, se deixassem minha esposa em paz. — Ele abaixou a voz. —me matarão em um piscar de olhos se descobrirem que lhes disse isso.

—Como diabos eles vão. —Kilraven apontou para um homem de terno no corredor. Ele veio para a frente. —Este é Harold Monroe. — disse ao homem. —Se ele morrer, chegamos depois em uma caminhonete durante a noite vestindo uniformes ninja. Compreendeu?

O homem riu.

—Sim.

Olhos de Monroe se arregalaram.

—Você está me protegendo? Estou fora sob fiança em uma acusação de assassinato! Eu mesmo confessei!

—Vamos começar as acusações. — Jon disse calmamente. —Você testemunha o que sabe, e vamos ver o que podemos fazer por você sobre as outras acusações. Se parar de tentar explorar crianças.

Monroe suspirou.

—Não sou inteligente o suficiente para ganhar dinheiro de outra maneira. Mas, hey, acho que poderia mudar para Vegas e se tornar um cafetão. —Ele sorriu, mostrando um dente faltando.

Jon balançou a cabeça.

Monroe se inclinou para frente.

—Deveria fazer alguma checagem com San Antonio PD. — acrescentou em um sussurro. —O cara cujas impressões digitais estão nos cartuchos de bala da espingarda, ele é parente de Jay Copper. Mas eu nunca lhe disse isso. Você soube lá fora.

Kilraven assentiu.

—Deus, Monroe, isto vai arruinar a sua reputação em círculos criminosos da região se um dia isso sair daqui.

—Você não contará a ninguém. — disse ele friamente. —Entendeu?

Kilraven sorriu.

—Vamos fazer o que pudermos por você. — disse Jon. Seus olhos se estreitaram. —Por que se apresentar agora?

—Eu ia deixar a evidência nos cartuchos de bala da arma como um truque, mas tinha medo que pudesse cair através das falhas, especialmente quando a Sra. Blackhawk foi morta. Então sabia que tinha que dizer alguma coisa. Ela era uma grande senhora. — disse, apontando para o caixão. —Veja, meu pai foi enviado para a prisão por assassinato há muito tempo. Ele era jovem e sua mãe teve câncer e precisava de um remédio que não podia pagar. Quando saiu, sua família o contratou, deu-lhe um emprego, confiou nele quando ninguém mais o faria.

—Sloane Callum é seu pai? — Jon exclamou, chocado.

—Sim, mas ele nunca se casou com minha mãe. — disse Monroe. —Ele queria, mas ela não acreditava nessas coisas. Uma espécie de hippie, sabe. De qualquer forma, assegurei-me de que ninguém soubesse, porque não queria que ele perdesse o emprego se você soubesse sobre mim.

—Ele é um bom homem. — Jon disse calmamente. Ele ainda estava se recuperando da ineficiência dos detetives que fizeram a verificação dos antecedentes criminais de Sloane Callum que o fez perder essa conexão.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Sim, e ela era uma boa mulher. — disse Monroe, apontando para o caixão novamente. —Ela o fez contratá-lo. Não sabia sobre mim, também, mas era boa para o meu pai. —Fechou os olhos. —Se soubesse que eles iriam fazer isso, eu teria dito ao meu pai, e ele a teria protegido.

—Você fez telefonemas ameaçadores. — Jon começou.

—Não eu. — respondeu Monroe, e com evidente sinceridade. —Você estava apenas fazendo seu trabalho quando me prendeu. Não faria qualquer chamada para matar um homem por isso. Não guardo rancor. É por isso que liguei para você, para lhe mostrar que não tinha nada contra você. Só queria que você soubesse que eu estava livre.

—Então, quem ...?

—Verifique as impressões sobre os cartuchos de bala. —Monroe disse novamente. —Isso é tudo que eu posso... oh, Deus.

Ele estava olhando para o fundo da igreja. Uma jovem loira tinha entrado e estava olhando para ele com olhos frios. Ele ficou de pé, corado.

—Tirem-no daqui. — Jon disse ao agente disfarçado, que conduziu um Monroe preocupado pela porta dos fundos da capela. —Rápido!

—Ele não nos disse nada. — advertiu Kilraven aos outros.

A loira foi até a família, mostrando compaixão e sinceridade.

—Sinto muito sobre sua mãe. —ela disse, e parecia realmente honesta.

—Obrigado, Phyllis. —Jon disse com um sorriso suave. —Agradecemos a sua vinda para o funeral.

—Muito. — Kilraven acrescentou. Winnie assentiu.

—Sim. — Joceline concordou e sorriu calorosamente.

A mulher deu-lhes uma avaliação perspicaz.

—Aquele homem não era Monroe, que foi preso por tráfico? — Ela perguntou. —O que ele estava dizendo a você?

—Se regozijando. — Jon disse friamente.

—Kilraven ia dar um soco nele, mas Jon não o deixou. — acrescentou secamente Joceline. —Depois de tudo o que ele fez, o descaramento de aparecer aqui!

A jovem deu de ombros, mas não conseguiu esconder o brilho de alívio em seus olhos.

—Bem, só queria dizer que sinto muito, sobre a Sra. Blackhawk. — acrescentou. —Uma pena. Deus, sua família teve algumas tragédias reais, não é?

—Algumas tragédias reais. — Kilraven disse calmamente. —E agora mais uma para adicionar a elas. — indicou o caixão.

—Deve ter sido devastador. — ela concordou. —Será que têm alguma ideia de quem poderia ter feito isso? Quero dizer, esse homem, Monroe, fez ameaças, não foi? Betty me contou sobre as chamadas de telefone. — acrescentou ela rapidamente.

—Muitas ameaças. — Jon disse friamente. —E ele vai pagar por eles muito em breve.

Ela sorriu.

—Bom. Espero que ele pague. Vejo todos vocês no escritório, então.

—Sim. — respondeu Jon. —Obrigado por vir.

—Não há de quê. —Ela olhou para o caixão com uma curiosidade ímpar, sorriu para eles e voltou a tomar um assento na parte de trás da capela.

Os Blackhawks entreolharam-se, mas não disseram nada. Jon segurou a mão de Joceline firmemente nas suas quando a música começou e uma voz clara e doce começou a cantar a música gospel favorita de

Cammy, *Amazing Grace*. Apesar de todos os seus melhores esforços para manter suas emoções sob controle, os olhos de Jon estavam molhados quando a última forte nota terminou a canção. Mas assim foram os de todos na capela.

O laboratório criminal estava muito à frente de Jon quando ele falou com Alice Mayfield Jones Fowler, sua investigadora chefe, sobre as impressões na arma do crime.

—Claro, temos aquelas primeiras impressões. Os criminosos sempre ignoram algo óbvio. As impressões de Monroe estavam no cano da arma, mas as impressões de outra pessoa estavam nos cartuchos de bala. Não muito inteligente, colocá-los de volta na arma depois de terem sido disparados.

—Alice, você sempre coloca cartuchos vazios na câmara quando vai guardar uma espingarda. — disse Jon suavemente.

—Sim, eu sei disso. Eu quis dizer que ele colocou de volta os mesmos cartuchos que usou, com suas impressões digitais em cima deles. —Ela assobiou. —Estava apenas checando para ter certeza se você sabia disso.

—Alice ...

—De qualquer forma, sim, havia impressões, e elas pertencem a Bart Hancock.

Foi o que Jon tinha pensado o tempo todo. Harold Monroe era um idiota. Ele nunca matou ninguém, nem sequer esteve relacionado com os assassinatos. A maioria dos criminosos não saem de suas zonas de conforto. Monroe comprava e vendia crianças, que era condenável, mas não era um assassino.

—E agora? —Jon perguntou, pensando em voz alta.

—Agora você tem um mandado de busca ... —ela começou.

—Alice!

—Ei, só estava pensando em voz alta, verdade, sei que o FBI não precisa ser conduzido pela mão na investigação de um homicídio. —Ela riu, então ficou séria. —Sinto muito por sua mãe, por sinal. Isso foi um choque. Quero dizer, nunca ocorreu a nenhum de nós que ela seria um alvo.

—Deveria ter. Eu me sinto culpado.

—Você é humano, Blackhawk. — disse ela suavemente. —Não bata em sua própria cabeça.

—Sim. Acho que sim.

—Se você pode conectar a arma do crime com Hancock, tem um caso muito bom em provas circunstanciais. Coisa estranha, havia outras impressões digitais sobre os cartuchos, apenas uma parcial. Mas quando a pesquisamos através do banco de dados, nós não conseguimos sequer um acerto.

—Isso é estranho. — Jon concordou, curioso. —Alguma ideia?

—Nenhuma. Se você puder fazer Hancock falar, ele poderia dizer. Eu descartaria Dan Jones, por sinal. Suas impressões não estavam na cápsula.

—Ainda mais estranho.

Jon estava pensando, pesando pistas.

—Posso ter algo melhor para amarrar o caso.

—O quê?

—Oh, não. Não estou lhe dizendo. A próxima coisa que sei, você estará em Hollywood lançando um mistério de assassinato para alguns produtores.

—Droga. Frustrada de novo!

—Você está trabalhando no caso da minha mãe? — Perguntou ele.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Bem, pensei que estaria, mas não quiseram me deixar entrar no quarto do hotel. — disse ela. — Marquez disse que tinha outro investigador trabalhando nisso.

Estranho, ele pensou novamente. Marquez geralmente solicitava Jones. Ou Fowler, que era seu nome de casada. Ela se casou com Harley Fowler, filho de um senador dos EUA.

—Acho que cheguei atrasada na cena do crime. —Ela suspirou.

—Acho que sim.

—Mas se você precisar de ajuda ...

—Ligarei. E obrigado.

—Não tem problema.

Agora ele estava certo que Hancock foi responsável pela morte de Melly e também pela de Cammy Blackhawk. Que a filha de Hancock tinha alguma coisa a ver com um ou outro caso ainda era nebuloso, mas Jon iria fazer se o homem não subornasse para sair das novas acusações.

Então, quando ele ligou para Rick Marquez para solicitar cópias do relatório da polícia sobre a morte de sua mãe, ele ficou chocado ao se chocar contra uma parede de tijolos.

—Não. —disse Rick prontamente.

—Não? —Jon foi pego de surpresa.

—Ainda não.

—Tudo que eu quero é o relatório preliminar...

—Ainda não. —Rick hesitou. —Sei que este caso é pessoal para você. É por isso que não estou dando nada, especialmente fotos da cena do crime.

—Eu poderia obter um mandado...

—Sim, você pode, e eu gostaria de encontrar um juiz que negasse. Talvez o mesmo juiz que deixou Monroe em liberdade sob fiança. Falando de Monroe, não podemos encontrá-lo em qualquer lugar. Sabe alguma coisa sobre isso?

—Quem, eu? —Jon perguntou. —Por que eu saberia?

—Ele estava falando com você na casa funerária e depois desapareceu.

—Estranho. — disse Jon placidamente.

—Não é?

Jon falou em um longo suspiro.

—Falei com Alice Jones.

—Alice Fowler.

—Sim. Ela disse que verificaram as impressões digitais nos cartuchos da arma do crime do assassinato de minha sobrinha.

—Isso é verdade. Estamos compilando evidências agora para um mandado de prisão para Bart Hancock.

—Boa sorte para conseguir prendê-lo. — Jon disse friamente. —O tio dele não tem uma casa nas Bahamas?

—Ouvimos que tinha.

—A extradição vai ser um processo demorado, mesmo com provas.

Houve uma longa pausa.

—Sim.

Jon sentiu o alarme saindo na parte de trás de sua mente.

—O que está acontecendo, Marquez? — Ele perguntou de repente.

—Porque acha que algo está acontecendo?

—Apenas um pressentimento.

—Eu não posso dizer nada.

—Pode ou não quer?

—As duas coisas. —Houve uma pausa. — O quê? —Houve conversa abafada. —Desculpe, tenho que ir. Vou mantê-lo informado sobre a investigação. E sinto muito por sua mãe.

—Sim, nós também. — disse Jon pesadamente.

—Vou estar em contato. — desligou o telefone.

Jon foi desligando lentamente o telefone. Houve um clique. Com um sorriso lento, alcançou um botão e o clicou. As coisas estavam começando a melhorar.

—Eu absolutamente não acredito que Harold Monroe foi ao funeral e negou que era o responsável pela morte. — disse Joceline a Jon naquela noite em seu apartamento, enquanto assistiam seu filho fazer um desenho de um camelo que tinha visto em um programa de notícias.

—Tampouco acredito. —Jon respondeu. —Mas estou feliz.

—Eu também.

—Acho que pode resolver mais de um assassinato, quando todas as evidências forem coletadas. — Ele balançou a cabeça. —Trabalho para o FBI. O mesmo acontece com o meu irmão, de forma intermitente. E nenhum de nós sabia que o pai de Monroe trabalhava no rancho. Se soubéssemos, com seu registro, tenho certeza que o teríamos culpado pelo assassinato de Cammy.

—Posso entender o porquê.

—Suponho que mesmo os criminosos têm algum sentido ímpar de honra.

Ela passou a mão sobre o cabelo preto de Markie.

—Você realmente sabe desenhar, meu bebê.

—Sim, você sabe. —Jon tirou o lápis dele, o pegou e colocou no colo. —Você se parece um pouco comigo. — disse ele em um tom profundo e afetuoso. —Inacreditável que nunca notei antes.

—Você é muito maior do que eu. — Markie disse, e riu quando Jon fez cócegas nele.

Jon abraçou calorosamente o menino.

—Amo ser pai.

—Ai, papai, você está me apertando! —Markie reclamou.

Jon deu uma risadinha e deixou que ele escapasse, de volta à mesa onde o seu lápis e papel estavam à espera.

—De todas as surpresas da minha vida, esta foi a mais bonita. — disse ele, suspirando. Olhou para Joceline, amando a doçura de sua expressão, a proximidade dela. —Você deveria ter me dito. — acrescentou, mas em um tom terno.

—Sabe por que não o fiz. —Ela pegou sua grande mão na dela. —Pensei que iria destruir sua vida e prejudicar sua carreira. E eu sabia que sua mãe faria tudo ao seu alcance para nos manter longe de você. —Ela fez uma careta. —Ela realmente era uma pessoa amável, mesmo com sua atitude rude. Eu estava apenas começando a conhecê-la. Sinto muito que não tive tempo.

—Também. —Seus olhos eram tristes. —Há um buraco no mundo.

—E em seu coração. — acrescentou. Ela se sentou em seu colo e o abraçou. —O tempo vai ajudá-lo a se curar.

Ele a abraçou, enterrando o rosto em sua garganta.

—Sim.

—Você está triste, papai? —Markie perguntou, aproximando-se de um lado. —É porque minha avó morreu, não é?

—Sim. —Jon sorriu para ele. —Dói.

—Ela foi ruim no início, mas depois ela nos comprou sorvete. —Suspirou. —Agora não vou ter mais uma avó.

—Ela o teria mimado muito. —disse Jon quando Markie tinha voltado ao seu desenho.

—Sim .

Ele a mudou em seu colo com um suspiro.

—Eu me pergunto o que Rick Marquez está fazendo? — Ele murmurou.

—Por que acha que ele está tramando algo?

—Ele não me deixou ver o relatório da polícia sobre a morte de Cammy.

Ela piscou.

—Não deixou?

Ele olhou-a.

—Você poderia conseguir ver.

—Agora, aqueles arquivos são protegidos por firewalls — começou ela.

—E você pode invadir qualquer coisa.

Ela franziu os lábios. Seus olhos estavam brilhando.

—Na maioria das vezes. — ela concordou.

—Só se levar Markie para me visitar na prisão. — disse ela em voz baixa, em tom brincalhão.

—Vou contratar para você o melhor advogado criminal de San Antonio. —prometeu.

Ela se levantou.

—Ok. Vou usar uma identidade falsa e cruzar os dedos. — foi para o computador na mesa de jantar e sentou-se para ligar a energia.

Dez minutos depois, voltou para Jon, franzindo a testa.

—O que está errado? — Perguntou ele.

—Não há arquivos.

Ele piscou.

—O quê?

—Não em todos os arquivos. Sem fotos, sem formulários de provas, nada.

—Isso não é possível. — disse ele secamente. —É um caso de assassinato.

—Eu sei. Mas nada foi arquivado.

Ele estava pensando, trabalhando em sua mente.

—Foi a apenas alguns dias. — ele racionalizou. —Talvez não tiveram tempo para fazer upload de fotos ou outras provas.

Ela não lhe respondeu.

Ele pegou seu celular e ligou para seu irmão.

—Mac. — disse ele. —Não há arquivos sobre o assassinato de Cammy.

—Você já levou Joceline para uma vida de crimes cibernéticos tentando invadir arquivos protegidos da polícia? —Foi a resposta.

—Sim.

—Nenhum arquivo, você diz.

—Exatamente.

—Vou fazer alguns levantamentos ao redor e te direi o que encontrar. — desligou o telefone.

—Mac vai tentar. — disse a Joceline. —Isto é confuso.

Joceline estava refletindo sobre os fatos por si mesma. Kilraven não foi autorizado a entrar no quarto de hotel onde Cammy morreu. Havia dois homens estranhos na funerária, e Jon disse que o diretor da funerária ficara desconcertado quando eles mencionaram o caixão aberto no funeral. Agora não havia arquivos sobre o caso. Somou esses fatos e chegou a uma conclusão que ela não se atreveu a expressar.

Jon tinha chegado à mesma conclusão. Olharam um para o outro sem falar.

—Não teria nenhuma razão para organizá-los. — ela disse para ambos.

—A menos que eles soubessem de uma conspiração para matá-la e planejaram tudo para salvá-la. — respondeu ele. —Talvez para buscar evidências que poderiam ser usadas contra o pretenso atirador e dar-lhes mais tempo para fazer a investigação.

—Exatamente.

Seu coração deu um salto de repente. Podia não ser a tragédia que ele esperava. Cammy ainda podia estar viva, escondida, e Marquez havia proibido qualquer conhecimento disso a Jon e Joceline porque ele suspeitava de alguém que trabalhava com eles, alguém que podia acidentalmente descobrir que era um plano.

Joceline segurou a mão de Jon apertado.

—Nós poderíamos estar errados. — disse ela. —Há uma abundância de informações circunstanciais que estamos compondo em uma teoria.

—Eu sei disso.

—Acha que meu apartamento está grampeado? —Ela perguntou.

—Se fosse, ambos saberíamos de algum dispositivo de escuta eletrônica. —ele respondeu. —E o assassino não pode ter plantado quaisquer dispositivos de escuta aqui. Eles foram removidos.

O telefone celular de Jon tocou. Ele respondeu.

—Sim, foi grampeado, sim, alguém plantou dispositivos de escuta, mas eu achei todos eles. —uma voz profunda, com um forte sotaque Sul-Africano respondeu. Houve uma risada. —Suas conclusões são muito interessantes, mas eu vou dizer nada para afirmar ou negar sua veracidade. Você vai ter que sentar e esperar por resultados, como o resto de nós.

—Onde está Sloane Callum? —Jon perguntou.

—Em um local seguro. Ele colocou sua própria vida na linha de fogo para nos ajudar com um projeto.

—Há uma pessoa muito perigosa lá fora. — Jon disse calmamente.

—Você não tem ideia. — Rourke respondeu sem rodeios. —Nós fizemos algumas descobertas perturbadoras. Não posso dizer mais nada.

—Você tem alguém protegendo meu irmão e sua esposa?

—Sim, também você e Joceline e o menino.

—Tudo bem. Mas devo lembrar que trabalho para a agência principal da aplicação da lei no país.

—Que lhe daria carta branca nesta investigação, exceto que você tem um ou mais suspeitos em seu próprio escritório.

—Um ou mais? —Jon explodiu.

—Não posso dizer mais nada. E não tente pressionar Marquez. — acrescentou. —Eu mesmo o treinei no contra-espionagem. Ele é incorruptível.

— Maldição! —Jon murmurou.

—Você vai gostar do resultado. Seja paciente.

Jon suspirou.

—Muito bem. Obrigado, Rourke.

—Algumas coisas estranhas podem acontecer amanhã. — acrescentou Rourke calmamente. —Esteja em guarda, não vá a lugar algum sozinho. Certifique-se de que Joceline não deixe o prédio sem você.

—E o meu filho? —Jon perguntou.

—Temos dois agentes na escola. — respondeu ele. —Ele vai estar seguro. Dou-lhe minha palavra, e eu não a dou levemente.

—Ele deve ser o melhor.

—Uma outra coisa. — acrescentou.

—Sim?

Houve uma pausa. Jon ouviu alguém falar, num tom tenso e firme. Rourke voltou à linha.

—Não posso dizer mais nada. Confie em mim. Tenho seus melhores interesses guardados.

—Napoleão não fez tal declaração pouco antes de Waterloo? —Jon perguntou em voz alta.

—Isto é coisa do seu irmão, a história militar, não sua. — foi lembrado em tom brincalhão. —Tenha uma boa noite de sono. Você vai precisar dela. — desligou o telefone.

Jon olhou para Joceline e depois para seu filho, com verdadeira preocupação. Ele não sabia o que ou quanto dizer a Joceline. Ele só esperava que quem estivesse orquestrando o desenvolvimento dessa trama soubessem o que estavam fazendo. Ele desejava saber o que era.

CAPÍTULO 14

No dia seguinte, Joceline estava em sua mesa, digitando os relatórios no computador, com sua mente totalmente não no que ela estava fazendo. Ela estava chateada por causa de uma dica que Jon lhe dera hoje. Disse para ela ficar alerta, e nada mais. Perguntou o que ele queria dizer. Ele estava extraordinariamente protetor, e tenso, como se estivesse esperando perigo.

Sua funcionária de meio período, Phyllis Hicks, tinha aparecido para o trabalho, misturando-se com os trabalhadores do escritório em seu andar. Joceline tentou não prestar muita atenção nela, mas ela estava nervosa. A mulher olhava em seus olhos, no rosto, que era desconcertante. Ela não parecia muito normal. Especialmente hoje.

Joceline desviou o olhar para seu trabalho e tentou não perceber que Phyllis estava olhando para ela incisivamente. Mas quando a mulher parou ao lado de sua mesa, ela foi forçada a olhar para cima e sorrir, como se não soubesse nada dos antecedentes da mulher.

—Olá, Phyllis, como vai na escola? —Perguntou ela.

Phyllis levantou uma sobrancelha.

—Você tem uma reputação no escritório de ser capaz de obter informações que ninguém mais pode encontrar. — disse ela, baixando a voz. —Então, é uma aposta segura que você me pesquisou e encontrou alguma coisa que todos os agentes que investigaram o meu passado perdeu. Pensei ter me coberto muito bem. — acrescentou com um sorriso frio. —Mas eu devo ter perdido um vínculo em algum lugar.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Desculpe-me? —Joceline disse descuidadamente e com um fingido sorriso vazio.

—Você sabe quem é meu pai verdadeiro.

—Eu sei? — sorriu novamente.

—Pare com isso. — disse Phyllis, e seus olhos assumiram um tipo estranho e selvagem de brilho. — Chega de jogos. Eles estiveram me observando, Marquez e seus amigos. Meu pai me disse. Ele me diz tudo. Tudo o que tenho que fazer é elogiá-lo e fazer um drama sobre ele, e ele vai cavar arquivos para mim. Eu digo que está me ajudando a aprender o meu trabalho. Ele sempre acredita.

—Ele faz?

Phyllis colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para frente, de modo que sua voz não se propagasse.

—Meu pai diz que eles têm um arquivo sobre mim. Ficou chocado. Ele acha que eles estão tentando me condenar numa acusação de tentativa de homicídio, mas eu lhe disse que era tudo mentira. Está chocado que um bom detetive, como Marquez teria como alvo uma pequena doce e indefesa como eu.

—As serpentes são indefesas? — Joceline perguntou.

—Nunca irão obter provas suficientes para me condenar. —ela sussurrou. Sorriu e parecia orgulhosa de si mesma, de uma forma doente. Começou a falar rapidamente, como se não conseguisse parar. — Convenci meu pai de verdade para me deixar ir com ele, para se certificar de que Dan Jones fez o trabalho com a filha de Kilraven. Tinha apenas dezessete anos, mas já era uma assassina. Meu pai me ensinou. Dan Jones foi um covarde. Não conseguia atirar em uma criança. Ele até chorou. Eu tirei a arma dele e matei a menina. Foi fácil. Realmente fácil. Não me incomodou em nada. Meu pai disse que fui muito natural. — Seus olhos brilhavam com uma luz insana enquanto Joceline tentava não engasgar. —Então ele falou para Jay Copper em deixar-me fazer algum trabalho pesado para eles. Eu poderia entrar em lugares que eles não podiam. Meu padrasto conhecia todos os tipos de coisas que eu poderia usar, e ele não tinha a menor ideia que estava me alimentando de informações que dei ao meu pai verdadeiro. Eu poderia até tirar armas da sala de provas e colocá-los de volta, ninguém jamais suspeitou de mim. Imagine, esconder uma arma do crime em uma sala de provas. —Ela riu. Seu rosto ficou sério. —Então esse estúpido Monroe tinha que aparecer e reivindicar o crédito pelo assassinato que cometi, eu! Ele falou sobre a espingarda. Eu nunca deveria ter dito ao meu pai de verdade onde a coloquei. Você não pode dizer às pessoas qualquer coisa nestes dias. Ninguém pode ficar de boca fechada!

—Você matou uma criança. — Joceline disse, horrorizada.

—O que é uma criança a menos no mundo? — Ela perguntou sem entender. —la fazer o mesmo com o seu, mas eles não me deixariam. Disseram que matar o garoto de sua secretária não iria machucá-lo tanto quanto matando sua mãe. —Ela riu novamente, com frieza. —Então, descobri onde ela estava hospedada, ouvi sua conversa com seu filho, e levei uma pistola com cilindro giratório com o número de série apagado e a matei, mesmo no seu quarto de hotel, enquanto ela estava no telefone com Kilraven. — riu mais forte. —Isso foi muito engraçado. Imagine como ele se sentiu quando a ouviu morrer e não pôde fazer nada!

Joceline estava com a boca entreaberta. A mulher estava confessando dois assassinatos, em um escritório do FBI, a Joceline, e ela não estava com escutas e o escritório não foi grampeado. Isso seria uma evidência em testemunho indireto, não importava que juramentos Joceline promettesse dizer a verdade.

—Você realmente está louca. — disse Joceline tensamente.

—Não diga isso! — Ela virou-se para a mulher mais velha. —Disseram isso de minha avó porque ela se matou. Meu pai de verdade lhe disse o que eu fiz. Ela não podia aceitar. Teve uma overdose com

algumas pílulas. — endireitou. — Ela era muito fraca. Mas eu sou forte. Não posso fazer nada, assim como meu pai real. Ele matou Dan Jones. Não me deixou ir com ele naquele momento, mas me disse tudo sobre isso. Foi tão emocionante! — Ela sussurrou, com os olhos brilhando. — Ele disse que Jones chorou e implorou a Jay Copper para não matá-lo. O idiota tem religião. Ele estava indo entregar Jay Copper e meu pai real. Bem, têm Copper, mas não conseguiram o meu pai e não vão me pegar, também. E Harold Monroe vai morrer. Ele não é parte da nossa família de qualquer maneira, é apenas casado com minha tia!

— Você não pode pensar que não se encontrará provas para condená-lo. — Joceline disse calmamente. — Você não vai fugir com elas.

— Quem vai me prender? — Ela repreendeu. — E sobre que evidência - a sua palavra? Kilraven e sua nova esposa disse que ouviram Jay Copper dizer que meu pai ajudou a matar essa menina, mas uma vez que a fita sumiu, não poderiam processar meu pai. Era apenas a sua palavra contra a dele.

— Como foi que a fita desapareceu?

— Eu a tirei da sala de provas. — sorriu. — E tínhamos um amigo que entrou em seu apartamento e tirou os registros que provava que eu era filha ilegítima de papai. — acrescentou friamente. — Deletei os arquivos do computador central, aqui. É prático, trabalhando para o FBI. — acrescentou.

— Não pode pensar que vai fugir com isso. — disse Joceline.

— Por que não? — A outra mulher perguntou com uma risada descontraída. — Eu nunca sequer estive sob suspeita. — Seus olhos se estreitaram. — Seu filho tem tido sorte até agora. Não tem?

Joceline ficou de pé. Seus olhos azuis brilhavam enquanto ela se movia em direção a outra mulher.

— Se você tocar no meu filho, se sequer pensar em tocá-lo, você não será capaz de se esconder em qualquer lugar na Terra.

— Você acha que poderia me parar? — Phyllis respondeu.

— Acho que alguém tem — Joceline disse calmamente —, antes de você machucar outra pessoa ou criança. Você está absolutamente insana.

— Não... diga... isso! — Phyllis pulou para ela, rápida como um raio, empurrando-a para o outro lado da mesa. — Eu não estou louca! — Ela tinha as mãos em torno da garganta de Joceline, afundando as unhas, e Joceline mal podia respirar. Se eles não se apressassem...!

— E isso é o suficiente, senhora. — A voz áspera veio por cima do ombro de Phyllis. Ela foi puxado na vertical, virada e algemada em um suave movimento fluido.

— Que diabos ...? — Phyllis exclamou.

Joceline ficou de pé, um pouco insegura. Jon colocou seu braço ao redor dela, examinou sua garganta e fez uma careta. Ela apenas sorriu para ele, segura e aliviado.

— Pode nos tomar um pouco de tempo para amarrar todas as pontas soltas. — disse o detetive Marquez, à assassina, com o rosto vermelho e furioso —, mas nós chegaremos lá. — apontou para os dois policiais uniformizados que tinha trazido com ele, um dos quais tomou Phyllis pelo braço. — E notem que estou lendo os seus direitos. Não gostaria de deixar uma brecha para um único advogado de defesa. — Leu seus direitos informando sobre o direito constitucional contra a autoincriminação e do direito de ter um advogado presente durante qualquer interrogatório.

— Você armou para mim! — Phyllis exclamou, olhando furiosamente para Joceline em estado de choque.

— Na verdade, Rourke que armou tudo. — disse Jon friamente — Com uma pequena ajuda do detetives Marquez aqui, e Rogers Gail. Desta vez, as fitas não vão sumir, prometo a você. Seu padrasto está lá em baixo, na sede da polícia, tentando explicar como ajudou você a entrar na sala de provas.

—Ele não vai dizer-lhes qualquer coisa! — Ela cuspiu.

—Oh, ele está se aposentando em seis meses. Espero que ele diga o que queremos saber. —Jon acrescentou. Seus olhos estavam frios como gelo. —Você matou a minha sobrinha, e minha mãe. Estarei em cada audiência de liberdade condicional até eu morrer. Você nunca vai sair da prisão.

—Primeiro têm de me condenar. — disse ela docemente. —E não têm provas.

Jon deu-lhe um olhar tranquilo.

—Suponho que não ocorreu a você que cartuchos de espingarda precisam ser limpo de impressões, bem como o cano da arma?

Ela olhou para ele fixamente, e depois com crescente compreensão.

—Monroe! — Ela explodiu. —Que idiota, estúpido imbecil, disse-lhes onde a arma do crime estava escondida!

—Ele assumiu a culpa por isso. — Jon mentiu, para salvá-lo.

Ela mudou, surpresa.

—Ele nem sequer gosta de mim.

—Você é parte de sua família, não é? — Perguntou, e surpreendeu-se defendendo Monroe.

—Acho que sim. —Ela suspirou com raiva. —Mas o idiota colocou uma corda em volta do meu pescoço, tudo a mesma coisa. Meu pai verdadeiro vai tomar conta dele!

—Oh, não penso assim. — disse Kilraven, juntando-se a eles. Sorriu friamente para a mulher que tinha matado sua filha de três anos de idade. Ele teve que lutar contra o instinto que lhe dizia para apertar seu pescoço antes que ela pudesse chegar à prisão. —Seu pai verdadeiro foi preso e acusado de cumplicidade no assassinato de minha esposa e filho. Você vê, havia dois conjuntos de impressões digitais sobre os cartuchos de espingarda. —Ele não acrescentou que não seria capaz de identificar as impressões oficialmente até que ela fosse presa e tirado as impressões digitais. Estava protegendo suas apostas.

Ela estava absolutamente em uma perda para palavras. Seu rosto ficou vermelho, e não de constrangimento. Ela soltou uma saraivada de maldições, algumas das quais fez Jon levantar as sobrancelhas.

—Tirem-na daqui. — Jon aconselhou os policiais. Ainda estava com medo que Kilraven pudesse fazer algo lamentável.

—Boa ideia. — disse friamente Kilraven.

A levaram. Kilraven, Jon e Joceline assistiram-na ir embora com as mesmas expressões.

—Que choque. — disse Jon pesadamente.

O detective Marquez chegou mais perto, com as mãos nos bolsos. Ele fez uma careta.

—Temos que os choques do dia não acabaram.

—O quê? —Jon perguntou hesitante.

—Você tem que prometer não me bater. — ele disse aos irmãos. —Foi a única coisa que pude pensar para salvá-la, especialmente depois que seu empregado Sloane Callum telefonou para mim, todo aborrecido, e disse-me o que ouviu o que aconteceria uma vez que Cammy Blackhawk chegasse ao hotel. Eu tenho um relatório sobre a árvore genealógica de Jay Copper no processo. Então tive essa ideia, de deixar o assassino pensar que marcou um ponto. Não fazia ideia que Rourke tinha algum conhecimento de efeitos especiais ao estilo de Hollywood. —acrescentou ele, pensativo.

—Efeitos especiais? —Jon perguntou.

Marquez se mexeu.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Desculpe, estava pensando em voz alta sobre o passado do cara. Sim. Sloane ligou para Monroe e cobrou dele uma visita para Phyllis. Ele sabia que tipo de arma ela carregava. Enquanto ela estava fora da sala, ele mudou o cartuchos. Ela disparou cartuchos vazios de uma posição oculta e graças a algumas cargas explosivas cuidadosamente armadas ao longo de um colete Kevlar, parecia que eram balas de verdade que causou grandes danos ao peito de Cammy. Phyllis saiu sem verificar mais de perto, graças a Deus. Isso teria arruinado a armação e teríamos detonado o caso.

—Espere um minuto. —Jon vacilou. —Cammy não está morta?

—Ela está viva? —Kilraven ecoou, pasmo.

—Viva e ainda me xingando por colocar vocês dois atrás de um assassinato simulado. —Marquez suspirou. —O meu seguro médico está pago, então se você quiser me dar um soco...!

Ambos os irmãos agarraram-no ao mesmo tempo, e o abraçou, até Jon, que era famoso por evitar demonstrações de afeto público.

Joceline riu, encantada.

—Que truque! Não admira você não ter deixado Kilraven ou Alice Fowler entrar na cena do crime ou dar-lhes acesso ao relatório da polícia sobre o “assassinato”!

Marquez olhou para ela.

—Sim, apesar de seus esforços para invadir o meu computador.

—Oooops! — Disse ela, com o rosto vermelho.

—Sobre o que, felizmente para você, eu não sei nada. — acrescentou.

—Graças a Deus! — Disse. — Fico terrível em macacão laranja!

—Onde ela está? —Jon perguntou.

—No rancho. — respondeu ele, rindo da sua surpresa. —Sloane disse que era o lugar mais seguro, porque ele mataria qualquer um que chegasse perto dela. Estava indignado que um primo dele fosse responsável por essa bagunça, mesmo que ela fosse apenas relacionado a seu filho pelo casamento.

—Harold Monroe é seu filho. — lembrou Jon a Marquez.

—Eu sei. Grampeeí seu companheiro de cela para gravar sua assim chamada confissão. —Ele riu. — Este foi um caso incrível. Em todos os meus anos com a força, nunca me deparei com algo semelhante. Bem, exceto por um caso, em meus dias como policial, quando a esposa de um senador do estado se envolveu em um terrível assassinato e foi para a prisão por isso. Judd Dunn se envolveu em um. Então foi Grier Cash.

—Eu me lembro. O senador era o melhor amigo de Dunn. Caso trágico. O senador não se casou com sua secretária? —Kilraven perguntou.

—Sim, eles têm dois meninos agora. Ele se aposentou da política e passa seu tempo pressionando a legislação para ajudar os agricultores.

—Final feliz.

—Muito. Quero ver Cammy. — disse Jon.

—Eu também. —seu irmão o secundou.

—Vamos todos. — disse Joceline. —Você pode ir perguntar ao SAC, se podemos ter o resto do dia de folga? — perguntou a Jon.

Ele sorriu.

—A caminho.

—Vou voltar ao trabalho antes do choque e o alívio passarem e começarem a procurar instrumentos contundentes de violência. — ponderou Marquez, olhando de um irmão para o outro.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Não vamos bater em você. —Jon protestou.

—Bem, não bateremos forte. —Kilraven completou. E sorriu.

Cammy estava esperando na porta da frente quando os cinco chegaram. Ela agarrou seus filhos e abraçou-os e chorou e abraçou-os um pouco mais. Eles estavam fazendo a mesma coisa.

Eventualmente, ela os deixou ir e abraçou Joceline e Winnie e se abaixou para pegar o pequeno Markie, que estava inquieto com toda a emoção.

—Tudo bem. —Joceline disse a seu filho —estas são lágrimas de felicidade. Pensávamos que a sua avó estava... bem, que não a veria de novo.

—Eu sei. Houve um funeral e eu não podia ir. —olhou para sua avó e tocou seu cabelo negro com fios prateados em um elegante coque. —Estou tão feliz que você não morreu, vovó.

Seus olhos lacrimejaram novamente e ela o abraçou mais perto.

—Eu também. Oh, estou tão feliz!

—Assim como nós. —Winnie murmurou, e ela abraçou Cammy, também.

Poucos dias depois, eles se sentaram em volta da enorme lareira aberta na sala e falou sobre os eventos arrasadores dos últimos meses.

Sloane Callum entrou na sala, seu chapéu de cowboy agarrado na mão grande, mas ele hesitou quando viu todo mundo.

Jon se levantou e foi até ele, seus olhos negros tranquilos quando encontraram os do outro homem.

—Eu sei, estou demitido. —disse Callum pesadamente. —Deveria ter lhe contado sobre o meu filho, e conexões de minha família, há muito tempo. Mas eu pensei que você não gostaria de confiar em mim ...

Jon o abraçou, apertado.

—Você salvou a vida de Cammy. E porque contratei você, seu filho nos ajudou a encontrar o assassino da minha sobrinha, Melly, e primeira esposa de Mac. —Ele pegou o outro homem pelos ombros. —Nem sequer pense em desistir. Devo a você.

—Todos nós. —Kilraven concordou em silêncio.

—Especialmente eu. —Cammy acrescentou, e sorriu para Callum. —Eu sabia que você ia ser uma adição maravilhosa para o pessoal do rancho. Estava certa. —Ela olhou para seus filhos e o olhou. —Estou sempre certa, então deve me ouvir quando digo as coisas para seu próprio bem.

—Você queria que eu me casasse com Charlene. —Jon a lembrou.

—E queria que eu parasse de ver Winnie. —Kilraven lembrou.

Ela jogou as mãos para cima.

—Dois pequenos erros! —Ela suspirou. Eles riram.

—Vou tentar me reformar. —disse ela num tom gentil. —A partir de agora, vou me manter fora de seus negócios e cuidar do meu próprio. —Sentou-se ao lado de Joceline. —Há apenas uma ou duas coisas. Pequenas coisas. Você deve levar Markie a um especialista de pulmão e deixá-los fazer testes, e vou pagar por isso. Deve ter um vestido de casamento bonito. Podemos ir para Neiman Marcus e escolher um. E devemos fazer alguma coisa sobre o esquema de cores no apartamento de Jon, deve ser cores vivas ...

Jon e Kilraven se levantaram.

—Estamos indo comprar cerveja com Callum. —disseram eles, então estragaram sua saída por cair na risada fora da porta da sala.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

—Agora, do que no mundo eles estão rindo? —Cammy perguntou em voz alta. —Não importa, sobre o apartamento de Jon ... — continuou, despudorada.

Joceline e Winnie trocaram olhares divertidos, mas prestaram muita atenção.

EPÍLOGO

Phyllis Hicks foi acusada pelo assassinato da primeira mulher de Kilraven e sua filha, bem como a tentativa de assassinato de Cammy Blackhawk, e muitos outros processos. Ela ficaria presa por um longo tempo, e não haveria outras crianças que seriam prejudicados pela sua loucura.

As acusações de assassinato contra Harold Monroe foram discretamente abandonadas. Ele desapareceu de vista, em meio a rumores de que estava em algum tipo de programa de proteção federal. Isso eram apenas rumores, é claro.

Jon e Joceline se casaram na igreja interdenominacional em San Antonio que Joceline tinha frequentado há anos, com meninas de flores e Markie como portador do anel, e Winnie e Cammy como uma dupla de madrinhas de honra. Muitos dos agentes do FBI de San Antonio encontrou uma maneira de participar, embora alguns tiveram que assistir a cerimônia em um DVD mais tarde.

Joceline e Markie foram morar com Jon, mas ela continuou seu trabalho no escritório. Cammy argumentou que ela deveria ficar em casa com Markie, mas Jon argumentou que enlouqueceria se tivesse que treinar um novo assistente. Ele ganhou também.

O comportamento de Markie melhorou a tal ponto que todas as decisões sobre a medicação foram deixados para discussão futura, talvez o resultado de uma vida familiar resolvesse melhor.

Winnie Kilraven foi levada às pressas para o hospital com dores de parto apenas uma semana antes do Natal. Ela teve um menino pequenino, com uma cabeça cheia de cabelos pretos, e o grande e duro McKuen Kilraven chorou enquanto segurava seu filho nos braços.

Jon e Joceline colocaram uma árvore de Natal em seu apartamento com enfeites que tinham sido transmitidos de geração em geração em sua família, e alguns dos pequenos, ela e Markie tinham acumulado de Natais passados em seu apartamento. Cammy tinha contribuído com um belo cristal Swarovski para seu primeiro Natal juntos como família. Ela e os Kilravens iriam juntar-se a Jon, Joceline e Markie no rancho para a refeição festiva anual. Joceline estava ansiosa por isso. Markie também. Em vista das quase tragédias, ia ser uma maravilhosa celebração da vida.

A árvore era alta, redonda, afilada e bonita. Markie apenas olhou para ela com admiração quando Joceline o trouxe para casa depois de um dia na creche, para encontrá-la já arrumada com as luzes piscando na sala de estar.

—Oh, é como mágica! — Exclamou, tocando-a quase com reverência.

O braço de Jon virou Joceline e a puxou para mais perto. Ele olhou para seu rosto, os olhos amorosos de admiração absoluta.

—Sim. É como mágica.

—Papai, você ama mamãe? —Markie perguntou-lhe de repente, olhando-o com grandes, arregalados olhos azuis.

Série Homens do Texas 45 – Implacável – Diana Palmer

Joceline estava envergonhada. Jon nunca tinha dito as palavras, nem mesmo quando ele era mais ardente.

—Markie. —ela começou, em protesto.

Jon envolveu o rosto de Joceline em sua grande mãos quentes.

—Eu a amo mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa no mundo. — ele disse baixinho, e sorriu para sua surpresa quando se inclinou para beijá-la com ofegante ternura.

—Mais do que você me ama? —Markie perguntou melancolicamente.

Jon deu uma risadinha. Ele pegou o menino em seus braços e beijou seus cabelos.

—Amo vocês dois mais do que tudo no mundo. — ele emendou.

—Eu também te amo, papai.— Markie suspirou e abraçou calorosamente o homem alto. —Eu só estava pensando. — acrescentou ele, pensativo. — Não seria legal se eu tivesse um irmão como você?

Jon olhou para Joceline com um sorriso perverso.

—Não seria? — Ele meditou.

Joceline riu e se ruborizou lindamente. Não tinham usado precauções em absoluto, era tanto amor que a adição de uma criança para a família seria uma maravilha, não uma preocupação. Na verdade, sua regra mensal estava atrasada.

Jon sabia. Seus olhos brilhavam.

—Ou uma irmã, acho. — disse-lhes Markie. —Eu poderia ensiná-la a desenhar.

—Verdade. —Joceline concordou.

Markie olhou através deles para a árvore de Natal majestosa.

—Este vai ser o melhor Natal que já tivemos, mamãe! — Ele explodiu.

Ela olhou para o marido e seu filho, e seus olhos azuis estavam transbordando de alegria.

—Sim, meu querido. — disse. —O melhor Natal de sempre!

*** Fim ***

